

João Maria da Silva

Memórias

de Orfeu

10 de dezembro de 1998.

avasar apareceu como forma quase inconsciente, ária, de manifestação alegórica, em que, do pranto iso, num ritmo quase alucinado, encadeando coros, titantes, acompanhadas de textos de improvisos gem tal autenticidade variada, ondulada, como num ais que sem querer repentino, em harmonia e sintogadas de espontaneidade, riso e alegria contagianuito bom que esses estados de espírito não sejam para não mais esquecer que tão somente uma faguólica pode encadear uma melodia que atravessa meados de uma orquestra; e viaja conosco como que voa para a glória, mas que não imagina chegar.



EduFatecie
EDITORA

Entre rimas e versos,
Romances e Sonhos,
Histórias e estórias, viajávamos na magia das histórias dos livros que João nos apresentava. E nas redações que nos preparava.

Agora, João nos oferece *Memórias de Orfeu*, que nos instiga e intriga e nos leva a repensar nossa história e o modo de nos relacionar com nós mesmos e com as pessoas que nos cercam.

Aos leitores desta obra, é minha obrigação preveni-los de que nunca mais serão os mesmos; preparem-se para uma transformação irreversível e inesquecível.

Marisa de Fátima Delgado da Silva
Formada em Geografia pela UNICENTRO. É professora no Ensino Fundamental e Médio – vinculada à Secretaria de Estado da Educação – SEED/PR

Memórias de Orfeu

João Maria da Silva

MEMÓRIAS DE ORFEU

Romance



O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores e não representam necessariamente a posição oficial da Editora EduFatecie. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação - CIP

S586m Silva, João Maria da
Memórias de Orfeu: romance / João Maria da Silva.
Paranavai: EduFatecie, 2021.
172 p.

ISBN 978-65-87911-73-1

3. Literatura brasileira. 2. Ficção brasileira. I. Centro
Universitário UniFatecie. II. Núcleo de Educação a Distância.
III. Título.

CDD : 23 ed. B869.3

Catalogação na publicação: Zineide Pereira dos Santos – CRB 9/1577

DOI <https://doi.org/10.33872/edufat.memoriasdeorfeu>



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).



Unidade III: BR 376, km 102 -
Paranavai-PR
(Saída para Nova Londrina)
(55) (44) 3045 9898 / (55) (44)
99976-2105
www.unifatecie.edu.br



CONSELHO EDITORIAL:

Prof.ª Ma. Adriana Aparecida Rodrigues
Prof. Dr. Alexander Rodrigues de Castro
Prof. Me. Arthur Rosinski do Nascimento
Prof.ª Dr.ª Cassia Regina Dias Pereira
Prof.ª Dr.ª Claudineia Conatoni da Silva
Franco
Prof. Dr. Cleder Mariano Belieri
Prof. Me. Daniel de Lima
Prof.ª Dr.ª Denise Kloeckner Sbardelotto

EXPEDIENTE:

Diretor Geral: Prof. Me. Gilmar de Oliveira
Diretor de Ensino: Prof. Me. Daniel de Lima
Diretor Financeiro: Prof. Eduardo Luiz Campano Santini
Diretor Administrativo: Prof. Me. Renato Valença Correia
Secretário Acadêmico: Tiago Pereira da Silva
Coord. de Ensino, Pesquisa e Extensão-CONPEX: Prof. Dr. Hudson Sérgio de Souza
Coordenação Adjunta de Ensino: Prof.ª Dr.ª Nelma Sgarbosa Roman de Araújo
Coordenação Adjunta de Pesquisa: Prof. Dr. Flavio Ricardo Guilherme
Coordenação Adjunta de Extensão: Prof. Esp. Heider Jefferson Gonçalves
Coordenador NEAD - Núcleo de Educação a Distância: Prof. Me. Jorge Luiz Garcia Van Dal

EQUIPE EXECUTIVA:

Editora-chefe:
Prof.ª Dr.ª Denise Kloeckner Sbardelotto
Editor-adjunto:
Prof. Dr. Flávio Ricardo Guilherme
Revisão Ortográfica e Gramatical:
Prof.ª Esp. Bruna Tavares Fernandes
Prof. Me. Vilde Pedro Andreazza
Projeto Gráfico/Design/Diagramação:
Lorena Gonzalez Donadon Leal
Setor Técnico:
Fernando dos Santos Barbosa

Controle Financeiro:

Prof. Eduardo Luiz Campano Santini
Assessoria Jurídica:
Prof.ª Dr.ª Leticia Baptista Rosa
Ficha Catalográfica:
Tatiane Viturino de Oliveira e
Zineide Pereira dos Santos
Secretária:
Mariana Bidóia Machado
www.unifatecie.edu.br/editora
edufatecie@fatecie.edu.br

Prof. Dr. Fábio José Bianchi
Prof. Dr. Flávio Ricardo Guilherme
Prof.ª Dr.ª Gleia Cristina Laverde Ricci Cândido
Prof. Dr. Heraldo Takao Hashiguti
Prof. Dr. Hudson Sérgio de Souza
Prof.ª Dr.ª Jaqueline de Carvalho Rinaldi
Prof. Dr. Julio Cesar Tocacelli Colella
Prof.ª Dr.ª Leticia Baptista Rosa
Prof.ª Ma. Luciana Moraes Silva

Prof. Me. Manfredo Zamponi
Prof. Dr. Marcelo Henrique Savoldi Picoli
Prof. Dr. Marcos Paulo Shiozaki
Prof.ª Dr.ª Nelma Sgarbosa Roman de Araújo
Prof. Dr. Paulo Francisco Maraus
Prof. Dr. Renã Moreira Araújo
Prof. Dr. Rodrigo Cesar Costa
Prof. Dr. Ronan Yuzo Takeda Violin

*Para meu primo-irmão, Maia, cujo grau
de consanguinidade faz jus ao nome.*

O que somos como indivíduos
e o que quisemos ser e não pudemos sê-lo
de verdade, e devemos sê-lo,
portanto, fantasiando e inventando –
nossa história secreta –,
somente a literatura sabe contá-lo.

Mario Vargas Llosa

I

Senhor Cineasta

Recebi seu e-mail no qual pede informações sobre o professor X. Fiquei admirada! Pois quem, quem estaria interessado em saber sobre esse professor e escritor desconhecido, morador daqueles cafundós do mundo? Movida pela curiosidade de saber o que fará com essas informações, decidi ajudá-lo com o pouco que sei a respeito dele.

Peço-lhe, antes de iniciar meu relato, desculpas por escrever-lhe (coisa mais antiga), em vez de mandar-lhe um e-mail, mas precisava da intimidade da pena, do contato do papel e dos vários rascunhos que fiz antes de concluir esta carta.

Já lhe antecipo, senhor, que pouco sei do professor X, embora tenhamos trabalhado juntos, lecionando de literatura a inglês — sem sabê-los —, quando a necessidade se fazia presente. Comemos e respiramos muito pó naquela universidade cuja estrada era de terra batida. Sei também que vinha do interior e trazia na pele, na alma e nos olhos poesias de várias cores e dores. Foi um bravo poeta.

Engraçado, nunca pensei que seria tão difícil dar informações sobre alguém que conviveu tão perto da gente. Só agora me dou conta de que não sei pouco sobre o professor. Eu não sei nada dele. Mas me consola saber que, às vezes, nem nós mesmos sabemos de nós mesmos, que dirá dos outros. Porém me lembro perfeitamente dele andando no imenso corredor daquela universidade, cabelo sempre muito bem penteado e cortado. E carente. De uma carência que nem amor maior e mais forte que o mar seria capaz de suprir. Era uma criança grande.

O mundo é muito grande, senhor Cineasta, mas nem sempre ele é grande o suficiente. O mundo nunca foi grande o bastante para que coubesse nele o monstro que o professor trazia dentro de si. Um monstro chamado amor, sonhos, piedade, raiva — uma quase caixa de Pandora. Espero que o mundo tenha aumentado ou que aquele monstro tenha morrido.

Pergunta-me sobre o professor X, e, em vez de responder, começo a divagar. Pois bem: quando o conheci ele era um homem, ótimo professor de literatura, vindo do interior, casado. Mas essas informações não o traduzem. Ele é mais do que isso. Mas

até que ponto alguém consegue responder satisfatoriamente sobre alguém? Ainda mais alguém como o professor X.

Lamento não poder ajudá-lo mais, senhor Cineasta. Se conseguir ir além nesta sua investigação, por favor, coloque-me a par. Mesmo que tardiamente, conhecer melhor esse homem, esse professor e esse poeta, é algo que me daria prazer, pois tenho essa dívida com ele.

Atenciosamente

M. D.

II

Essa foi a primeira informação que obtive sobre o professor, desde que retornei ao Brasil. Para quem não leu meu livro *O beija-flor e a açucena*, deixe-me apresentar. Sou de São Carlos. Estudei jornalismo e, no ano de minha formatura, passei a ser correspondente da *Folha de São Carlos*, em Paris. Mais adiante, talvez, darei mais detalhes sobre minha vida. Por ora, deixe-me contar o que me levou à história do professor X, como diz a autora da carta acima.

Logo que cheguei a Paris, me inscrevi num curso de pós-graduação *stricto sensu* em cinema. Mal sabia que meu primeiro projeto cinematográfico encontraria *inspiração* em minha própria família.

Certo dia, quando me encontrava em casa, almoçando com minha filha e minha esposa, meu celular tocou. Era meu sobrinho, comunicando que meu irmão mais velho havia ingerido veneno e se encontrava hospitalizado, em estado grave. Tomamos o primeiro avião com destino ao Brasil. Fazia cinco anos que eu não o via. Ele havia se isolado da família, desde que se separou de sua segunda mulher, com a qual teve uma filha que faleceu ainda bebê. Esta perda, associada à separação, culminou no atentado contra a sua própria vida.

Meu irmão tinha 50 anos, mas ainda estava bastante forte. Aliás, ele era forte. Também pudera, desde garoto havia trabalhado sempre em serviço braçal. Assim, resistiu ao veneno por mais de 20 dias. Desse calvário, dois momentos me marcaram demais. O primeiro foi quando ele recebeu alta, e meu primo e eu fomos buscá-lo no hospital. A caminho da casa de minha irmã, ele ia comemorando. Vibrava como alguém que havia sobrevivido a uma tragédia, como de fato era o caso.

– Vamos gritar – dizia ele, com as mãos erguidas e a fisionomia radiante. Pensava ter trapaceado a morte.

O segundo momento foi no hospital, já internado pela segunda e última vez. Lembro quando ele abria a boca e pedia para eu soprar. Eu o atendia, e ele sorria aliviado e agradecido.

Eram 5 horas da manhã, quando tocou meu celular. E eu me lembrei de uma história infantojuvenil, em que uma menina não sabe que roupa vestir para ir ao aniversário de 13 anos de sua amiga. Eu também não sabia que roupa usar quando o irmão da gente morre. Essa deveria ser a última coisa a me preocupar. Mas é que a notícia, embora esperada, era deveras desconcertante. Sentei-me na cama, chorei copiosamente e entreguei nas mãos de Deus o espírito de meu irmão.

Sempre que um caso desses acontece, algumas pessoas logo se apressam em julgar que a alma de fulano não terá salvação.

– Se o Ernesto não se salvar, nem eu me salvo – dizia meu primo aos comentaristas de primeira hora.

E, assim, considerando esse acontecimento trágico na minha família e a morte de meu tio, logo que retornou da Segunda Guerra, decidi pesquisar a respeito dos transtornos neurológicos como um dos temas para o roteiro de meu primeiro filme. Em função disso, tomei conhecimento do *Diário de um professor* que, segundo consta, fora acometido de um certo tipo de transtorno, além daqueles próprios do ofício.

III

“É tudo quanto sinto, um desconcerto; / da alma um fogo me sai, da vista um rio; / agora espero, agora desconfio, / agora desvario, agora acerto” (L. V. de Camões).

IV

Prezado Senhor

Além das peculiaridades de minha amizade e admiração mútua com o seu protagonista e meu amigo, algo que eu destacaria eram a delicadeza e o talento para observar nas pessoas a sua singularidade e transformá-la em poemas.

Quanto a nós, era como se a nossa conversa fosse um permanente fazer poético. Como se um poema se encadeasse ao outro.

Eu não sei o que ele sentia realmente por mim. Os textos que me dirigia eram sempre repletos de carinho e de gentileza. As horas, para nós, eram sempre reconfiguradas. Eis um dos textos que ele me escreveu há muito tempo:

“O seu sorriso e a extraordinária expressão do seu rosto são avenida e passarela, constituindo-se uma imensa e aconchegante sala de visitas. Eu até me preocupo com as pessoas que irão recebê-la; pois elas, inevitavelmente, irão ficar enfeitiçadas com a sua presença. Eu mesmo já fiquei um dia. E agora, corro sério risco de não mais conseguir parar de escrever; sobretudo porque o objeto da escrita é você”.

V

8 de novembro de 1994.

Eu já havia tido a experiência de amar meus amigos, minha família, meus estudos, meus professores, meus colegas de turma, as crianças, os livros e as mulheres. Agora Deus me concedeu a oportunidade de amar também meus alunos e alunas.

Este ano iniciei a carreira do magistério, e posso dizer que está sendo uma das mais belas e mais ricas das experiências que já vivenciei; pois se a vida é um constante aprendizado, penso estar no caminho. Porque como diz o Talmude, “Aprendemos muito com nossos mestres; aprendemos muito com nossos amigos; e aprendemos ainda mais com nossos alunos”.

Assim, embora professor principiante, vinha, nas minhas aulas, obtendo êxito. Tentara primeiro cativar os alunos e me deixar cativar por eles. Mas ainda colocava em dúvida as minhas tentativas. Até que no dia do lançamento de um de meus livros, flagrei-me aguardando-os com a expectativa de um jovem enamorado que espera ansioso pela noiva que nunca chega.

Não, eles não podiam faltar; e, de repente, foram chegando de mansinho, e eu os recebi com o coração transbordando, porque os olhos foram orgulhosos demais para chorar.

VI

Ontem, eram mais ou menos 2 horas da manhã, e eu estava lendo um livro e não pude deixar de me lembrar de você, professor. Realmente você é um anjo, um anjo da poesia.

Tive vontade de mandar este e-mail. É realmente fantástica a forma com que você admira a vida. Confesso que não entendia, e muitos ainda são ignorantes o suficiente e não sabem o valor que você tem.

Sinto-me lisonjeada de ter você como meu mestre!

Com o tempo, a gente passa a entender quem realmente merece o nosso entusiasmo e o nosso respeito. Você tem toda minha admiração e respeito.

Continue sempre assim, com esse amor e esperança que parecem envolver o mundo.

VII

Às vezes, tento. Luto. Mudo de direção ou de caminho. Mas não tem jeito. Até sorrio sozinho. Tropeço em algo que me remete ou se explicita no meio dos olhos; como quando se pisa numa poça ou numa pedra frouxa numa calçada antiga num passeio casual; ou no meio da pressa ou mesmo em meio a todo cuidado.

VIII

Em uma de suas correspondências, o professor me enviou o seguinte texto em prosa poética:

– Quase não consigo ficar sozinho com meus pensamentos. Eles me atropelam, me engolem. Sou o Jonas no ventre do peixe. Sou protegido e lançado ao desconhecido ao mesmo tempo. Escrevo para não entorpecer de vez os sentidos, que tumultuam em cada tempestade. Procuro colher a beleza que se espalha nos interstícios dos desvarios. Tento conter-me, mas os meus limites são solapados. Os desafios são esgarçantes; pontiagudos.

IX

15 de dezembro de 1996.

Hoje, vocês provam do cálice da vitória, e o champanhe que ora vocês experimentam é de uma safra muito especial; de um sabor incomparável, feito de alegria e saudade – saudade de tudo de bom que vocês vivenciaram ao longo do caminho, e alegria do dever cumprido e de mais um objetivo alcançado.

Nada mais justo e natural. Afinal, não foram poucas as dificuldades que vocês enfrentaram. Tantos anos de estudo, de dedicação; muitas vezes, de sacrifício, de uma rotina interminável. Mas vocês conseguiram. E não é espantoso que, de repente, tudo não passe de uma vaga lembrança? É porque o coração de vocês está radiante, e uma sensação de plenitude invade-lhes a alma. E é isso o que definitivamente importa.

Parabéns! Felicidades! Muito sucesso e muita sorte na vida, e na carreira que vocês escolherem.

X

Nossa história iniciou quando eu tinha 12 anos, se não me engano. Eu participava de um grupo de jovens, e sempre íamos a festas nas localidades próximas à cidade onde eu morava: fosse para dançar ou para participar de encontros para jovens.

Foi em uma dessas viagens que nos conhecemos. Lembro que eu vestia um trapézio "petit poá" branco.

Meu amigo apaixonou-se por uma garota esguia, e eu fiquei só na amizade, vendo a tristeza no olhar de meu amigo, quando nos encontrávamos. Recordo-me de uma vez em que ele foi até minha casa com uma amiga nossa. Acho que foi a primeira vez. Enquanto ela falava comigo, ele ficou escondido atrás do muro da casa da vizinha, me sondando. Foi muito engraçado, realmente.

Bem, nos tornamos grandes amigos. (Só eu, no caso, porque ele é meio pequeno, ao meu lado.) E, logo ficou amigo de toda minha família. A partir disso, passamos a nos corresponder por cartas, enviava seus poemas, contava suas histórias.

Sinto muita falta das cartas que me enviava.

Hoje, estou escrevendo através de e-mail, seu cineasta! Mas saiba o senhor que eu gostaria de enviar este depoimento, escrito à mão, porque palavras digitadas não chegam perto da emoção que é ler uma carta escrita manualmente, em que as palavras ganham sentido, cor e vida através da moldura que damos a cada letra.

Até agora só me lembrei de alguns episódios de nossa existência, hoje encarnados. Tenho certeza de que muitas outras existiram em nossos caminhos se cruzando sempre, pois alguém como ele, simpático, carismático, solidário, que expandia o brilho de seu espírito através de seu olhar, é alguém de quem nunca desejaríamos nos separar.

Penso que o essencial sobre ele e nossa amizade está aqui posto. O amor que sentia e sinto por ele, meu querido amigo, está sempre vibrando em meu coração.

XI

2 de outubro de 1993.

Quando as aulas chegarem ao fim, será a hora. E num misto de alegria e saudade (antecipada) vamos nos separar. Levaremos conosco a amizade e o carinho e todo o conhecimento produzido e adquirido. E, quando estivermos longe e na imaginação ouvirmos a voz do amigo ou da amiga que ressoa no espaço sem fim, nosso coração vai nos dizer o quanto valeu a pena. Até lá, trocaremos endereços, telefones, beijos, abraços, felicitações. Agradeceremos, mutuamente, pela convivência de tantos anos. E nos reportaremos no tempo, quando ainda não sabíamos da existência uns dos outros. Que pena! Somente agora descobrimos o quanto isso tudo significa. Teremos de aprender a nos contentar com as lembranças!

XII

A jovem que conheci tinha este rosto: lábios de caramelo; olhos de alegria e bochechas de algodão doce.

Os olhos eram ainda voltados para o alto, quando surpreendidos.

O nariz não era pontiagudo, nem arrebicado, nem colossal, nem nada; era conforme meus olhos contemplavam os dela.

Seu sorriso era uma obra-prima, simétrica, na vertical, incrivelmente único.

Tais atributos ressoavam para dentro e emanavam repletos de sa-

gacidade e esplendor.

Sim, ela usava chapéu, estilo Panamá, voltado ligeiramente para cima, realçando a harmonia do seu rosto, que, lembre-se, já tinha adereços próprios.

Seus cabelos eram caracóis em parque de diversão; mas os brinquedos eram somente nossos.

Os seus olhos eram duas gotas de orvalho oceânico ao sol.

Os meus, duas pupilas castanhas dilatadas ao vento.

Como aqui, neste agora, em lembranças, me derramo neste mar, neste sonho.

XIII

Nossa amizade era de irmãos; nos conhecemos quando criança. Dividíamos tristezas, alegrias. Jogar bola era nossa brincadeira favorita; jogávamos num campinho perto de casa. Andávamos sempre juntos, pra jogar bola ou pescar. Quando crescemos um pouco, começamos a sair à noite pra nos divertir, em bailes e festas, e sempre havia garotas pra gente namorar. Era uma disputa acirrada entre nós dois, mas sempre juntos. Ainda no tempo de escola, eu tinha parado meus estudos e, mais tarde, ele também parou, mas ele sempre me incentivou a estudar; porém, devido as minhas condições financeiras, não pude ir tão longe, mas nós terminamos o colegial juntos.

XIV

3 de junho de 2002.

Hoje, sonhei com minha primeira namorada. Quase morri de saudade. Você deve estar sorrindo e pensando: “Faz tempo, hein!” E faz! Sou do tempo em que não havia tanto apelo à sensualidade. As tentações eram menos ostensivas. Bem menos!

Não, ela não foi meu primeiro amor nem minha primeira... Você sabe. Sou do tempo da inocência. Do tempo em que se deslumbrava com um beijo, com pegar na mão. Com o simples toque. Andava dez quilômetros, mais ou menos, para encontrá-la.

Não, não se trata de condenar ou sacralizar gerações. É o tempo! Os tempos mudaram! Mas as consequências se intensificaram. Os perigos são os mesmos e outros. Mas a poesia da inocência ainda vive. Em estado latente.

Ainda vejo casais de namorados, de mãos dadas; ainda vejo pais e filhos a passear; ainda assisto a filmes e ouço músicas belamente românticas.

Ainda hoje recebi um e-mail de uma amiga que conta os dias para dizer o sim tão ansiosamente esperado. Deslumbrei-me com a foto de uma ex-aluna, maravilhada com a filhinha recém-nascida.

Enquanto escrevo, me embalo ao som da Cultura FM. Ainda existem muita beleza e romantismo no mundo. Ainda que isso, para alguns, pareça cafona. Assim como ser honesto, verdadeiro, leal, solidário, humano também possa ser.

Assim, como sonhar com a primeira namorada igualmente o seja?

XV

Derramo no papel o sal, o sol e o mel; o céu, o limite, o estranho, o arcano e o véu; a vida, a morte e o infinitesimal.

XVI

P*rofessor, que saudade! Tudo bem? Quanto tempo, não é? Ainda você faz falta lá. Não tem mais gente que faz piadas nas aulas como você. (Às vezes, não entendia as piadas, mas a gente se divertia. Hehehe) Abraço. Se cuide.*

XVII

12 de abril de (?).

O tempo todo, como um caleidoscópio, até que uma ideia me desafia e me apanha em sua teia. Por alguns instantes, estou contido nas linhas das horas e penso estar, enfim, apaziguado; mas, tão logo concluo aquele enlace, minha mente voa compulsiva. Não é liberdade. É soltura provisória que tenta fazer inúmeros planos naquele átimo; porém não é suficiente para levar a termo nenhum planejamento. O sinal do fim se apresenta. É assim até o ínfimo do próximo começo.

XVIII

“Quando vim ao mundo era uma só. Agora já não sei se me multipliquei ou se me multiplicaram.”

Por muito tempo, ele foi um grande amigo virtual. Isso mesmo! Quando fazia o meu mestrado, uma colega entrou em contato comigo e disse que seu ex-aluno também ia fazer a dissertação sobre o mesmo romance que eu estudava e passou o meu e-mail para ele. Foi assim que começamos a nos falar, ou melhor, a escrever.

Lembro-me muito bem do primeiro e-mail dele. Não foi nada formal, ao contrário, era amistoso como se nos conhecêssemos de algum evento literário ou nos víssemos sempre pelos corredores de alguma instituição. Isso contribuiu para a amizade que ali surgia e para os desabafos que fazíamos. Ai, aquela “Santa Evita” nos deu muito trabalho!

Compartilhávamos tudo: as alegrias, os artigos e as reflexões sobre o nosso tema, as vicissitudes da vida, os sonhos com Evita – a maldição que Tomás Eloy (o narrador) garante em seu livro é certa! Cada e-mail era como uma catarse, nos quais expúnhamos tudo o que sentíamos e o que queríamos. Falar de nossa experiência e de nossas expectativas para alguém que fisicamente não conhecemos era um modo de não pagar um psicólogo ou mesmo um psiquiatra.

Lembro-me de quando recebi um dos seus livros de poesia e, então, surgiu a ideia: “Por que não o convidar para escrever a epígrafe do meu trabalho? Ele conhece tanto como eu a “Santa Evita” e sabe qual o rumo do meu projeto”. Daí que a epígrafe da minha dissertação é exclusiva. Acho que vou até pedir direitos autorais.

A época do mestrado passou, mas a amizade continuou pelas vias da internet. Foram anos (cinco, seis?) nos falando por e-mail, por MSN, Orkut... Sempre nos lembrávamos de dar um oi, perguntar pela família.

Por algumas vezes, fizemos planos para nos encontrar, mas a vida reservava outro momento. Às vezes, pensava que ele não fosse “de carne e osso”, ou mesmo, que fosse diferente daquilo que ele demonstrava ser ali, na tela do meu computador.

Se algumas vezes nos encontramos? Ah, vou deixar o autor falar.

XIX

Não raro sou surpreendido ou desafiado pelo meu objeto de inspiração. E aí já não sei mais se sou eu quem me vejo refletido no espelho ou se o espelho que se vê refletido em mim, se sou eu quem o indaga ou se é ele que me interroga, se sou eu quem o decifra ou se é ele que me devora.

XX

20 de julho de 2003.

Ontem foi nossa última conversa como professor e aluna. Já estou sentindo muita falta do “É a Lupita, professor!” Isso enchia meu coração de alegria.

Foi minha primeira experiência, como professor a distância. Mas, ao mesmo tempo, tão próximo. Tão junto ao coração, como uma filha.

Pude perceber seu progresso nos poucos textos que pude ver e sobre os quais pudemos conversar.

Eu a vejo como alguém que está com uma sede imensa de voar. Que ignora os perigos que, porventura, possam existir. Não tenho a menor dúvida de que atingirá o infinito. Será uma grande profissional! Quero muito acompanhar a sua trajetória, ainda que distante dos olhos. Mas infinitamente próxima do coração.

Decole em seu voo e vá até o fim. Abrace sua liberdade com amor. Assim, paradoxalmente, se “pecar”, será por exces-

so. Importante que o que você tinha de mais belo e profundo já tenha ganhado o céu. E agora você pede a Deus para ajudá-la a deixar só o essencial. Aquilo que será o passaporte para voos mais ousados.

Quando falamos aos outros, também falamos a nós mesmos. Isto quer dizer que eu terei de continuar a fazer os meus voos. E, com certeza, haveremos de nos encontrar em algum aeroporto para brindarmos a velocidade e a suavidade do vento, porque o Espírito sopra onde quer.

Sou grato a Deus, primeiramente, por conhecer a sua mãe, em um dos dias que trabalhei em sua cidade. E então ela me falou de você, com tanto orgulho. Ela me pareceu bastante emocionada naquele momento. Por algumas vezes, seus olhos ficaram marejados.

Agora, eu sei por quê. Porque ela sabe a filha que tem! E, de alguma forma, eu também o sei.

Obrigado por ter me dado a oportunidade de trabalhar com você, “minha filha!”

XXI

“ – ‘**E**sta é a nossa história’ – [diz a moça].

– ‘Será um prazer publicar este manuscrito’ – [responde o editor; e complementa]: – ‘Tenho uma última pergunta: Isto de fato aconteceu? Tudo isto é verdade?’

– ‘É mais do que verdade’ – [apressa-se a moça]. – ‘É poesia.’”
(*Goethe!* (2010) – Direção de Philipp Stözl).

XXII

Mergulho a pena na lágrima azul, e a poesia delicadamente vai orvalhando as pétalas vermelhas por entre os espinhos, numa convergência magistral de palavras em versos, como sinfonia na tempestade, enquanto o beija-flor e a açucena se enamoram no jardim suspenso bem junto à janela. É o fascínio de principiante em face às cores da vida que se desnuda tal qual sonhos ao amanhecer ou celebração da ternura, que deságuam no poema dos poemas como a coisa mais bela que se configura num salto no ser que oscila entre o céu e o abismo.

XXIII

8 de agosto de (?).

Deixe-me perder neste inverno seco, onde me desabrigo de tudo, e o céu não é mais promessa. E o ventre do abrigo não é mais o abrigo de tudo. Sou apenas aresta de pano de fundo; chocalho ao alto o estrondo do mundo. A luz se apaga no vácuo sem fim. O sol se abre, e a vida, novamente, se ilude.

XXIV

Senti-me, por um tempo, jovem novamente. Em diversos sentidos. Poder caminhar, conversar e rir suavemente, quase inocentemente, na companhia de uma *ragazça*, de repente mulher, mais que de repente, uma intelectual, na sua simplicidade e sabedoria tão discretas, e não menos sensível a todas as artes, especialmente à arte de cativar; embora, talvez, não se desse conta do quanto era encantadora. Quando sorria, a luz que exalava do seu rosto a denunciava. Era muita meiguice e graciosidade; era muita emoção dentro da gente; naquela manhã, de temperatura amena, ali, naquele espaço, vi nascer uma alegre e doce lembrança.

XXV

Certo dia, lendo os originais de um de seus livros, me deparei com o poema que segue:
– *Estou com os ombros espremidos ao chão. Volvo-me para cima, próximo do equilíbrio, e me estatelo de novo. Não há estabilidade para mim, por enquanto. Atiro-me deste prédio. O vento não me alcança. Sou paraquedas lunar. O avesso de tudo. Não me abro. Confesso. Já estou cheio de tudo. Inclusive do vazio que não me esquece. Um delírio chama outro delírio nesta madrugada sem cura, sem cor, sem viço, oca. Não há em que me agarrar neste monte. Somente o vácuo ao alcance das mãos. As asas existem para serem testadas.*

XXVI

5 de maio de 2002.

Toda avaliação é também uma autoavaliação, tanto por parte do professor como por parte do aluno.

De parte do professor, porque este deseja – em primeira e última instância – que o aluno aprenda. Se o objetivo almejado não foi atingido, ele procurará novas alternativas de avaliação.

É de parte do aluno, porque este deve assumir se não se dedicou o bastante para assimilação do conteúdo trabalhado.

Isto quer dizer que ao final de cada atividade e de cada bimestre, docente e discente devem-se autoavaliar.

Deve haver, nesse momento, humildade e disponibilidade mútua de evoluir em capacidade de aprender e de ensinar. É claro que cada aluno tem seu ritmo, e isso precisa ser reconhecido pelo professor. Não se confunda, no entanto, ritmo com preguiça e comodismo (isto é, o conselho aprova).

Cabe ao professor, nesse caso, deixar claro ao aluno, que este passou ou alcançou média, porque o conselho interveio. Mas que “lá fora” não há conselho de classe. E cada um será responsabilizado por seus próprios *feitos*.

Avaliação consiste, então, em cumplicidade de integridade na sala de aula, no processo de aprender, de ensinar e de produzir conhecimento. Pois como afirma Guimarães Rosa, “mestre é aquele que de repente aprende”.

XXVII

Aconteceu uma coisa muito legal hoje. Se estivéssemos em outros tempos, eu te contaria. Mas como não estamos... Ah, eu sinto tanto... Trata-se de coisa de sonhos, daqueles que a gente sonha dormindo e acordado, porque mesmo desperto continua saboreando o momento onírico. Como aquele estado de espírito que parece nutrir todo o nosso ser; como quando estamos ou estávamos em outros tempos numa pista de dança e tocava aquela música a qual trazia consigo a imagem da pessoa com a qual gostaríamos de dançar. E saíamos à procura dela em meio à multidão, e o sorriso já era o convite e o assentir. E assim, compartilhávamos quase que a mesma respiração ao som de uma canção que, quem dera, durasse para sempre, assim como se eternizaria em nossos corações.

XXVIII

22 de outubro de (?).

Ainda, ano passado, eu a encontrei. Ela estacionou o carro e desceu para me cumprimentar. Fazia um bom tempo que não a via. Ela foi minha aluna no ano em que comecei a lecionar. Agora estava estudando filosofia. É um curso bem inusitado, numa época em que ninguém mais parece querer pensar. Pois já vem tudo pronto. Tanto do supermercado como da televisão.

Poxa vida! Uma menina tão inteligente! Tão jovem! Tão linda! Tão simples! Por isso também tão difícil de aceitar.

E quanto maior a intimidade, o grau de consanguinidade,

maior a dor. É como arrancar um pedaço da gente, sem anestesia, até porque para esse tipo de procedimento não há anestésico. Não há como encontrar a palavra certa.

Não há como afastar o cálice de ninguém. Os jovens não deveriam ir antes dos adultos, muito menos os filhos antes dos pais. Mas a ordem natural da vida, às vezes, foge à lógica natural dos fatos.

Lembro-me de Chiara Luce Badano [Em outra ocasião, escrevi um texto acerca de um documentário sobre ela] que, aos 17 anos de idade, foi acometida por um tumor maligno na coluna, vindo a falecer aos 19 anos.

Embora não haja nada no mundo, a não ser o tempo de Deus, para nos ajudar a superar certas perdas, a história da jovem italiana nos dá uma luz: uma nova perspectiva de milagre para nos introduzir no tempo divino. Isto é, milagre não consiste somente em sobreviver a uma doença grave ou a um terrível acidente – como, infelizmente, não foi o caso de minha ex-aluna –, mas também sobreviver à perda ou aceitar aquilo que, definitivamente, não podemos mudar.

XXIX

Conbeci-o ainda criança e sempre o admirei pela sua persistência em querer fazer as coisas, mas ao mesmo tempo muito ansioso para que tudo acontecesse da maneira que ele queria. Se entregava demais aos seus projetos, desde os profissionais até mesmo os da vida pessoal, por isso sofria muito.

Tive o privilégio de conviver com ele por um período em que estava fazendo seu mestrado, uma época difícil de muitas atribulações em sua vida. Um período muito difícil por envolver várias coisas ao mesmo tempo e que minaram sua saúde.

Foi uma coisa terrível! Parecia que todos os esforços para chegar até ali tinham

sido em vão. Foram muitas noites não dormidas e muitas noites com medo de acontecer algo de pior na vida do rapaz. Mas Deus sempre tem propósitos na vida da gente, e foi aos poucos resolvendo tudo; deu-lhe força e coragem, e ele conseguiu se levantar, terminar sua dissertação – a duras penas – com poucos recursos, sobrevivendo de seus livros, que mal davam para as despesas do dia a dia.

Mas, mesmo assim, seguiu em frente, derrubando barreiras e sem medo, ou melhor, com muito medo; enfrentou tudo, chorando e escrevendo.

Foi assim sua saga para concluir seu estudo; mas, graças a Deus, terminamos; digo terminamos, porque fiz parte dessa caminhada e acompanhei bem de perto tudo que ele passou. Tratava-se de um homem de muita força, apesar da aparente fragilidade.

XXX

18 de março de 1998.

Hoje, na minha memória, namorei a tua visita. Andamos pelos ares, terras e mares. Contemplamo-nos face a face, e ao longe. Imagino como se fosse agora: teus cabelos molhados, e os olhos da cor das folhas daquela árvore, sob a qual nos sentávamos, quando criança, e ainda não tínhamos muito para recordar; afinal, as crianças vivem o presente. E hoje, o presente que eu mais gostaria de te dar são as minhas lembranças dos muitos momentos que passamos aos pés daquele arbusto, e que, neste instante, robustecem toda a minha história.

XXXI

Eu te desenhei, meu poema, e te coloquei entre inúmeros outros para não te evidenciar tanto. Você era muito diferente. Não sobreviveria à multidão de olhares de admiração. Então, vieram outros poemas, e você não se sentiu mais sozinha. Resolvi a sua questão e esqueci a minha. Não pude mais te encontrar naquela floresta de sonhos. E ainda que compusesse todos os poemas do mundo, não mais adiantaria. Na minha imaginação, você, há muito, já havia se tornado poesia.

XXXII

“É como se minha vida fosse magicamente dirigida por duas correntes elétricas: contente positiva e desesperançada negativa – a que estiver em ação no momento domina minha vida, inunda-a. Agora estou inundada de desespero, quase histeria, como se estivesse sufocando. Como se uma grande coruja musculosa estivesse sentada em meu peito” (*Sylvia Plath*).

XXXIII

7 de junho de 2006.

Uma das coisas mais belas e impressionantes que ouvi sob o sol de minha profissão me veio de um aluno, quando lhe perguntei o porquê de sua extrema dedicação.

– Quero compensar todo esforço que minha mãe fez para nunca faltar nada a mim e a meu irmão – respondeu-me, sem hesitar.

– O que ela faz? – perguntei-lhe.

– É artesã.

Até aí, nada de extraordinário. Então ele complementou:

– Minha mãe não tem as digitais; foi de tanto trabalhar que ela as perdeu.

XXXIV

Gostaria que soubesse, sem saber, que estas palavras são pra você. E as tomasse como se assim as fossem. E quando acordasse, sentisse-as como realmente foram – no seu sonho ou no sonho daquela pessoa que as sonhou para você... Era isto que ela desejaria que você soubesse, que, mesmo em sonho, elas eram e são verdadeiras. E que renasceriam, depois do sonho, para serem eternas nos dois mundos: que compreendem ela e você.

XXXV

“Meu amigo levantou o açucareiro e o reteve um instante tentando puxar da memória. Logo negou com a cabeça. Não lembrava. Aproximou o açucareiro de meu café, mas eu o cobri rapidamente com a mão.

– Não, obrigado – disse-lhe. – Tomo amargo.”

(Antonio Skármeta – *O carteiro e o poeta*)

XXXVI

Em meio aos guardados do professor, me deparei com um texto que ele escreveu sobre uma de suas viagens. Ei-lo aqui.

I

“Vai de coração aberto”, disse-me um amigo, dias antes de eu vir para cá. E eu vim. E vou voltar de coração partido e simples. Nem tão simples qual o de vocês, é claro. Eu não ousaria tanto!

Sou um romântico que, parafraseando o Nelson Rodrigues, um jovem poeta inteligentíssimo, que conheci aqui na Ilha, à beira do rio, e que mora no bairro Riacho Doce, levei uma pedrada na cara, espatifaram-se a cara e a pedra e expandiu tudo e fui devolvido aos clássicos e a minha origem.

Não é em vão que clássico não se refira somente a uma dada época, mas a toda obra de arte que transcende seu tempo: universaliza a linguagem, o pensamento, a cultura e a estética. E, cada vez que se tem contato com ela, somos apresentados a algo novo, qual o rio onde nos banhamos; mas nunca é a mesma água, nem o mesmo lago ou igarapé ou o imenso Amazonas.

São águas que se miscigenam e arrebetam no oceano que, por sua vez, evapora ao infinito e retorna em forma de água, na vertical ou ziguezagueante a beijar o mar, e respingar no Nilo e em outros grandes e pequenos e retornamos à Amazônia, à Ilha do Marajó, onde o rio Amazonas se bifurca e se entrega ao oceano num ciclo infinito, qual um mistério que vai se revelando aos poucos, aos simples, como vocês e a Felicidade de Flaubert.

II

Minha fisionomia está exaurida. Emagreci. Minhas energias físicas e mentais, contudo, parece que se robusteceram, meu espírito está mais forte; e meu coração menos agitado e já saudoso.

Todas essas metamorfoses são reflexos do que tenho vivido desde que saí de casa, ou melhor, desde que recebi o convite para vir à Ilha do Marajó lecionar duas disciplinas relativas à literatura portuguesa na UFPA.

Encantei-me, inicialmente, com os alunos e alunas em Breves e com as demais pessoas que conheci lá. Sabia que havia cumprido parte de meu compromisso.

Surgiu, então, um imprevisto um pouco antes de eu vir a Portel. Confesso que estava achando providencial. Já me dava por satisfeito. Pensava que meu retorno para casa seria antecipado. Ledos enganos: o imprevisto e o meu pensamento.

‘Quem disse que seu trabalho termina aqui?’ – como se alguém me perguntasse.

Não. Ainda haveria muito mais surpresas. A começar por uma indisposição estomacal no início da madrugada. Achei que havia encontrado minha alma gêmea, já anunciada em *O Banquete* de Platão. O banheiro e eu parece que havíamos nascido um para o outro. Não conseguíamos nos afastar por muito tempo. Mas o amor louco tem seus dias contados. Então se dissipou. Enfim, Portel. O segundo momento de minha viagem literária ao Pará. E outra vivência espetacular, inclusive no sentido cênico, dramático. Os alunos exibiram uma capacidade imensa para atuar. Novamente me deparei com talentos, dedicação, carinho, desprendimento, entrega. Enquanto escrevo, me dou conta de que o que tenho experienciado

é o amor de Deus manifestado nas pessoas e em suas atitudes.

Aproveitei tudo o que pude. Falei com quase todas as pessoas que encontrei. Mais aprendi que ensinei. Mais me transformaram que, porventura, as transformei. Enxerguei ou me foi revelada toda a minha história. Interessante: quanto mais nos afastamos de nossa origem, mais caminhamos para dentro e nos reencontramos com o jovem que fomos ou com a criança que sonhava ou queria ser grande, tal qual o garotinho de 6 anos de idade cuja mãe mora em Santa Catarina, e ele, em Belém, com a avó. Seu sonho é ser policial e ganhar bastante dinheiro para ajudar a mãe. Ah, essas crianças. Ah, rica! Tão rica experiência.

III

E assim é. E nisto consiste cumprir a vida: 'simplesmente compreender a marcha e ir tocando em frente'" (*Almir Sater e Renato Teixeira*).

XXXVII

8 de abril de 2004.

“**E**ncontrava-me em silêncio, ouvindo o assovio do vento bem junto à janela, anunciando a chuva que logo em seguida caía no telhado. E, mesmo com o ruído ensurdecedor dos trovões, podia-se perceber a harmonia dos sons da chuva e do vento; constituindo-se, assim, uma sinfonia na tempestade.”

Certa vez li um livro intitulado *Sinfonia na tempestade*, em que o autor chama a atenção para o fato de que uma sinfonia é formada de sons diferentes. Que uma orquestra se compõe de pessoas diferentes, que pensam distintamente e que executam instrumentos distintos. Mas todas estão voltadas para a mesma finalidade: a harmonia musical. Isto quer dizer que é a soma das diferenças, nesse caso, que faz a diferença.

Imagine isso no campo da política, pensei comigo! Se todos os esforços, independentemente de siglas partidárias ou interesses pessoais, fossem direcionados para o desenvolvimento de um Município, de um Estado, de uma Nação! Com certeza, todos ganhariam.

Estamos em ano de eleição, e as articulações políticas começam a se manifestar. Talvez seja o momento de começar a pensar, de fato, na coletividade.

Recentemente, a convite de uma grande amiga, participei de um jantar politicamente ecumênico, em que se falou, entre outras coisas, sobre essa possibilidade de transcendência partidária, para o benefício de todo cidadão.

Estiveram presentes, ao evento, representantes municipais, estaduais e pré-candidatos e demais convidados.

Talvez não seja utopia pensar que já se iniciou uma mudança de mentalidade política. Isso não quer dizer que não deva haver debates. Estes são necessários para testar a consistência de planos e propostas. Mas que isso aconteça dentro de princípios de mútuo respeito. E que não haja nenhum atentado à inteligência das pessoas durante a campanha eleitoral. E que, após a eleição, os eleitos continuem receptivos aos anseios da população.

E assim nenhuma tempestade poderá abalar a orquestra. A sinfonia será perfeita. E o concerto, digno de um Beethoven.

XXXVIII

Caro cineasta, acho que você deve perscrutar a dor de suas personagens; pois, em certos casos, é como estar o tempo todo sob uma chantagem invisível, não pronunciada. Uma dívida e uma dependência inconscientes, involuntárias. Entregar a alma, a subjetividade, a identidade, a vida a outrem – é o despertencimento, a perda da autorreferência, da individualidade. Eu sei que é redundância; mas, quem sabe, espremendo todos os sinônimos, como se oprime um eu desesperado, possa, num grito ainda mais aterrador, extrair o verdadeiro desamparo de tudo, e uma palavra nova possa nascer para nomear o desconhecido.

XXXIX

“De fato, os romances mentem, e, mentindo, expressam uma curiosa verdade, que somente pode se expressar escondida, disfarçada do que não é. [...] Os homens não estão contentes com o seu destino, e quase todos – ricos ou pobres, geniais ou medíocres, célebres ou obscuros – gostariam de ter uma vida diferente da que vivem. Para aplacar – trapaceiramente – esse apetite surgiu a ficção. Ela é escrita e lida para que os seres humanos tenham as vidas que não se resignam a não ter. [...] O romance se rebela e transgride a vida. A verdade no romance depende da sua capacidade de persuasão, da força comunicativa da sua fantasia, da habilidade de sua magia. [...] Todo bom romance diz a verdade, e todo mau mente. [...] O romance é, pois, um gênero amoral ou, ainda melhor, de uma ética *sui generis*, para a qual verdades ou mentiras são concepções exclusivamente estéticas. [...] Sem ilusão não existe romance. [...] A ficção se nutre da experiência humana e também a alimenta. [...] Querer ser diferente do que

se é tem sido a aspiração humana por excelência. Dela resultou o melhor e o pior que a história registra. Dela também nasceu a ficção. [...] Os anseios não nutridos pela vida real são preenchidos pelos livros de ficção” (M. V. Llosa – *A verdade das mentiras*).

XL

Ele chegou em casa, colocou a chave no tambor, girou de forma automática, mas lentamente; olhos voltados para o alto, como se estivesse tentando materializar o que vislumbrava na imaginação.

Abriu a porta, atravessou o lar, escancarou a janela e se pôs a olhar o pensamento; deu folga a tudo o que havia de eletrônico e acolheu o som do silêncio. Passou a refazer o caminho da véspera.

XLI

Escrever sobre uma pessoa, acredito, é algo especial tanto para quem recebe a mensagem quanto para a pessoa que escrever. Para esta, por colocar nos mínimos detalhes ou fazer generalizações sobre características que esquecemos e, muitas vezes, temos ou não valorizado tanto. E, para aquela, por voltar a se dar conta ou descobrir essas coisas. Escrever sobre alguém como o professor, que é tão querido e especial, é uma tarefa! Ele sempre encanta com um sorriso, mesmo que esteja queimando por dentro, mas sempre tem um singelo elogio ou uma palavra que alegra a alma para quem está por perto, que somente ele percebe e faz-nos lembrar disso.

Para admirá-lo, precisamos de uma dosagem de simpatia e um pouquinho de atenção para descobrirmos o quanto é inteligente, adorável e, como não poderia deixar de faltar na lista de características, a sensibilidade. Se esta é boa ou ruim, não sabemos;

mas temos de aprender a tirar o maior proveito dos nossos talentos. Acredito que isso ele fez muito bem: através de suas poesias, da busca dos seus objetivos e conversas/telefonemas em que discutíamos sobre “coisas” da vida, que poderiam ser intermináveis se não fossem as contingências externas.

XLII

14 de março de 2004.

Um dia desses, alguém me disse que já havia se cansado de ter razão e agora queria era ser feliz. Antes que eu pudesse responder-lhe, outra pessoa nos interrompeu. Em todo caso, em parte, eu concordo com essa postura. Em tese, todos desejam ser felizes. Com ou sem razão. Agora, uma coisa que eu não consigo é ser feliz diante de certas barbaridades que tenho sabido, percebido e, principalmente, sentido. Mas ainda não é momento nem lugar para falar sobre isso. Por ora, quero expressar o que tal episódio me reportou.

Trata-se do filme: *Santo Agostinho e o Declínio do Império Romano*. Segundo o filme, antes de sua conversão, Agostinho seguiu com grande sucesso a carreira de jurista. Ambicioso que era, chegou a se perder nas contas quantas causas havia ganhado. Até o dia em que inocentou um homem que havia atentado contra a vida da própria mulher. Esse caso repercutiu amplamente, tornando-o ainda mais famoso. Só que, pouco tempo depois, o filho de seu cliente o surpreendeu, desesperado com a notícia de que o pai havia atentado novamente contra a vida de sua mãe. E, dessa vez, havia conseguido seu intento.

Desconcertado diante do acontecido, Agostinho procura Macrobius, seu mentor, o qual lhe havia dito que a diferença

entre um grande orador e um orador comum é a coragem: “A coragem de viver sem a verdade”. [...] “Você tem essa coragem?”, pergunta Macrobius a Agostinho. O jovem orador, perturbado pelo peso da consciência, rebate à pergunta com uma frase de Cícero, grande pensador romano, a saber: “Só a verdade pode fazer os homens felizes”. E complementa: “E todos os homens desejam ser felizes. Ou então nada mais faria sentido”.

Portanto, se desejamos ser verdadeiramente felizes, devemos ficar longe de tudo o que a mentira encerra: como as falcatruas; a falsidade; a hipocrisia; a deslealdade; a traição e todo tipo de perversidade – estratégias demoníacas para ascender ao poder e manipular os outros. Quem assim pensa e age, jamais fará ideia do que é realmente ser feliz nem livre. Porque somente a verdade nos libertará.

Isso aconteceu com Santo Agostinho e com tantos outros que a buscaram de todo o coração. Quanto a mim, não acho que estou com a razão, tampouco sou detentor da verdade. Desejo muito estar no caminho. Embora, no sentido pleno, quase nunca consigo ser feliz. Mas Deus, em sua infinita generosidade, não raro, paradoxalmente, me surpreende com uma alegria que acende o meu espírito e chego a sentir calafrios de felicidade e perscrutar o infinito.

XLIII

Na época em que morei na Europa, reencontrei vários conhecidos brasileiros. Entre eles, um engenheiro que, desde que terminamos o então 2º grau, não nos víamos. Em nossa juventude, havíamos frequentado o mesmo clube da cidade. Tratava-se de uma pessoa politizada, inteligentíssima e íntegra. Batíamos longos papos.

– Eu estudava em uma universidade alemã de engenharia – iniciou ele uma de nossas conversas. – Ficava no Rio Grande do Sul. Nessa época, papai foi operado. Tranquei minha matrícula e acabei não terminando a faculdade. Meu irmão precisava se formar. Mais tarde, em Santa Catarina, trabalhei com seu Pedro Hansen. E daí voltei para São Carlos para instalar um canal de TV. Mal sabia eu que o cidadão que seria proprietário dessa emissora seria também o mandatário da cidade por muitos anos. Na verdade, retornei a minha cidade natal num fusca, placa 5109...

– Isso que é memória...

– Sim. Participei da reunião com as pessoas as quais detinham concessão do canal. Essas mesmas pessoas, sem ouvir a minha opinião, venderam as ações a alguém que, através desse veículo, tomaria conta da cidade por muitos anos. Tempos depois, em momento de transição política, um padre idealista seria escorraçado da cidade; na verdade, do país. Saí de São Carlos, me sentindo traído e humilhado. Voltei depois de ter passado em um dos maiores vestibulares do país. Novamente tenho em minhas mãos a oportunidade de mudar, pensava comigo. Fundamos um novo partido político em nossa cidade. Foi como uma revoada de urubus. Foi aí que aquele padre, além de não ter tido suas ideias aceitas, fora expulso da cidade. Teríamos uma pessoa que faria ponte com a Assembleia Legislativa e com o governo. Uma senhora, que agora integra o setor de estratégia de uma grande emissora de TV, faria parte da equipe.

Visivelmente alterado, ele entreverava os assuntos.

– Logo que cheguei à Europa, passava tempo conversando com o Carlos, membro da ONU. Ele era da Bélgica... Eu não consigo acreditar: todo mundo é livre, inclusive para aprender. Minha mulher morria de medo que algum dia eu fosse assassinado, por saber demais. Eu havia contado a ela que, certa vez, eu havia descido as escadas da TV, com um 38 enfiado em minhas costelas, por um dos psicopatas que abocanharam a cidade... Em Portugal, o Conde de Vila Real era meu chefe...

Acende outro cigarro. E eu aproveito para perguntar por que ele havia saído do Brasil.

– Por que eu vim pro velho mundo? Encontrar o respeito que tenho por mim, por você e por todos. Fui ver se encontrava alguma coisa

podre sobre minha família. Não encontrei nada. Nenhum pecado... Todos os bailes que você dançou, eu estava lá... Ninguém vai querer te entregar o ouro! A coisa mais difícil é eles acreditarem que você é brasileiro... O nível material, intelectual... é o sentimental que passa por cima disso. A gente é um pobre coitado que quer encontrar uma resposta. Não tiro a razão de ninguém. As pessoas procuram autodefesa. Agem por vaidade também... Eu era um garoto e fora convidado para uma reunião na casa de um dos homens mais poderosos da cidade. Eu sabia que era o meu destino que estava sendo tramado. E igualmente de uma pessoa por quem eu tinha tanto apreço. “Preciso ir, senhor Jerônimo, porque aqui há alguém que irá traí-lo”. “Quem irá me trair?” Quando esse homem morreu, eu fui o primeiro a ser comunicado, porque minha profecia estava certa.

XLIV

3 de outubro de 2006.

Não sou um caso isolado de mim próprio. Sou o todo de uma obra espalhado. E cada vez que me reúno, não sou mais o que fui. E o último de mim não reconhece o primeiro. Embora eu seja sempre novo e antigo ao mesmo tempo. E uma obra em perpétua construção.

XLV

Nos conhecemos no ano em que vivi um grande e intenso amor, cujo rapaz era amigo dele. Continuamos amigos e sempre nos encontrávamos na universidade; ele cursava letras, e eu trabalhava na biblioteca. Nessa época, usei por muitas vezes a camiseta do meu primeiro livro, com muito orgulho do meu amigo que já se lançava escritor.

Acompanhei um pouco sua trajetória acadêmica, as lutas, as dificuldades, a falta de apoio, em alguns momentos. Nossa amizade? Ah! Quantas conversas, quantos conselhos, quantos desabafos de ambas as partes. Nos entendíamos, combinávamos em muitos assuntos, em muitas opiniões a respeito da vida, pelo menos de como deveria ser a vida.

Ele sempre sonhador, persistente, romântico até demais. Do seu jeitinho, ele conquistava, ele se doava totalmente, de corpo e alma, em tudo o que se propunha a fazer. E o coração dele? Tão grande que nem cabia no peito! Nossa amizade era especial!

XLVI

Vou sair pela rua para caminhar como quem anda por sobre castelos de vidro e espelho d'água. Como quem voa disfarçadamente.

Tal qual o trigo que recebe os cuidados do camponês, do sol, do vento e da chuva, quero assim me confiar aos gritos dos trovões pela janela entreaberta em meio aos raios coloridos e magnetizantes.

Peço ao céu aberto o sinal, e o lustre tilintando entre os pingos da chuva, da qual emana a brisa suave, refrescante, contrastando com os ocasionais trovões. Tudo lembra sinfonia de outrora, como orquestra suspenso a executar concerto de memória.

XLVII

10 de setembro de (?).

Prezados alunos, desde que iniciamos nosso trabalho, desejei partilhar com vocês minha experiência com a leitura e a escrita. Pois bem sei a importância dessas duas atividades para o desenvolvimento intelectual e humano. Os livros, felizmente, sempre fizeram parte de minha vida: os que li e os que escrevi.

Para isso me vali da exibição de alguns filmes. Entre eles, *Escritores da liberdade*, que mostra uma experiência bem-sucedida com a literatura. Esse longa conduz alunos e professores a refletirem sobre sua própria condição, a saber, assumir a responsabilidade pela situação em que se encontram. O papel de vítima não pode servir de pretexto para acomodação.

Se temos, nesse filme, por um lado, uma professora ousada, motivada, determinada, apaixonada pela profissão, por outro, existe uma turma de alunos igualmente disposta a mudar sua visão de mundo, reconhecendo o equívoco dos motivos de sua contestação.

De minha parte, não vou me apressar a julgar vocês, quanto ao que usufruíram de nossas aulas. O tempo fará por si. O que me entristece, contudo, é que vivemos em um sistema que não está muito aí com a gente. A sala de aula virou uma espécie de arena, onde alunos e professores se digladiam, enquanto outros comemoram estatísticas para “inglês ver”.

Tomemos cuidado, entretanto, porque essa liberdade que é oferecida – sobretudo aos alunos – é traiçoeira. Ela deixa correr e, depois, atira nas costas. Aqui me lembro do professor do filme *A corrente do bem*. Ele chega à sala de aula e, após apresentar sua disciplina a uma turma de 7ª série, diz: “Vocês estão presos

aqui. Só poderão sair com a minha autorização. Mas isso não será por muito tempo. Amanhã ou depois, vocês estarão livres”. Então os alunos comemoram. E ele complementa. “Mas vocês poderão não gostar do mundo que encontrarão lá fora”.

Talvez ele estivesse querendo dizer que lá fora não há conselho de classe. Lá fora a realidade é tão cruel tanto para professores quanto para alunos. Lá fora não dá para dizer que “não dá nada”. A menos que o sujeito tenha muito dinheiro ou faça parte de esquemas medonhos para livrá-lo de embaraços em que possa se envolver.

Por isso, na sala de aula, como sugere a professora do filme *Escritores da liberdade*, deve haver luta, sim. Mas, como o filme mostra, tal luta deve acontecer no campo do conhecimento, da ética e do respeito mútuo. E os alunos têm de saber que sentimentos de intolerância, de qualquer natureza, e atitudes inconsequentes – nos mais diversos segmentos –, ainda que, ocasionalmente, possam-lhes parecer legítimos, eles estão longe de ser a saída para qualquer infortúnio.

XLVIII

“[...] **E** então por que eu iria querer ter alguma coisa a ver com essa doença [maníaco-depressiva]? Porque acredito sinceramente que, em consequência dela, senti mais coisas e com maior profundidade, tive mais experiências, mais intensas; amei mais e fui mais amada; ri mais vezes por ter chorado mais vezes; apreciei mais as primaveras apesar de todos os invernos; vesti a morte ‘bem junto ao corpo como calça jeans’, aprendi a apreciá-la, e à vida, mais; vi o que há de melhor e mais terrível nas pessoas e aos poucos aprendi os valores do afeto, da lealdade e de ir até o fim. Conheci os limites da minha mente e do meu coração, e percebi como

os dois são frágeis e como, em última análise, são incognoscíveis. Em depressão, engatinhei para poder atravessar um quarto e fiz isso meses a fio. No entanto, normal ou maníaca, corri mais, pensei mais rápido e amei mais do que a maioria das pessoas que conheço. E creio que boa parte disso está relacionada à minha doença – à intensidade que ela confere às coisas e à perspectiva que ela me impõe. Creio que ela me fez testar os limites da minha mente (que, embora deficiente, está firme) bem como os limites da minha criação, família, formação e dos meus amigos. [...]” (Kay Redfield Jamison – Psicóloga Clínica e Professora Associada de Psiquiatria da “The Johns Hopkins University of Medicine” – in *Uma mente inquieta*).

XLIX

Estou no centro da capital francesa. Recém-cheguei do Brasil, onde participei da XVI Bienal Internacional do Livro de São Paulo, por ocasião do Lançamento de meu livro infantojuvenil *O beija-flor e a açucena*. Estou exausto e bastante intrigado com o meu encontro com a Carol na Bienal. Ela ainda é o grande amor de minha vida. E agora que se separou de seu marido, quem sabe não poderia ser a nossa vez?

Lembro-me de nossa despedida, quando fui promovido a correspondente da *Folha de São Carlos*. Cometemos um delito moral e religioso. Não entramos em detalhe sobre sua separação. Mas se ela rompeu com ele logo depois de nosso encontro amoroso, não se configura necessariamente uma traição! E a garotinha dela não poderia ser minha filha? Isto me cheira a *Dom Casmurro*. Com a vantagem de que agora existe o exame de DNA para sair da dúvida.

Mas ainda não é o momento. Em todo caso, Paris já não me parece mais uma festa. Está mais para *Madame Bovary*. Embora meu apartamento fique no centro da capital. Estou perturbado. E a chuva fina vai minando

os poros das folhas de relva bem junto à calçada. Ruído de motores e atritos de pneus, no asfalto molhado, ressoam sinfônica e interminavelmente.

Tenho de sair dessa. Preciso retomar a escritura de meu trabalho da pós-graduação, o qual está apenas no início. Já começo a concordar que depois de concluir os créditos, as coisas ficam ainda mais difíceis. Não é, na verdade, o cansaço da viagem, nem meu encontro com a Carol, nem o lugar, nem os carros, nem a garoa, muito menos as folhas de relva que me desafiam, mas a síndrome de inquietação no meio do caminho de todas as pessoas que um dia ousaram estabelecer uma relação íntima com a existência.

L

“**Q**uem quer passar além do Bojador / Tem que passar além da dor, / Deus ao mar o perigo e o abismo deu, / Mas nele é que espelhou o céu”
(*Fernando Pessoa*).

LI

7 de janeiro de 2007.

Minha mãe era de janeiro; meu pai, de abril; minha irmã mais velha é do mesmo mês. Minha irmã mais nova é de agosto; meu irmão mais velho era de novembro; e meu outro irmão era Francisco... Fugi ao paralelismo semântico; vali-me da licença poética para dizer o nome dele e dizer que foi aí que entendi o porquê de meu pai chamar de Francisco todos os garotos que ele

não soubesse o nome. Foi um irmão que eu não conheci. Éramos cinco; contando com o pai e a mãe dá sete. A data de hoje que, por sua vez, lembra o dia que minha mãe fazia aniversário. Ela que gostava de ficar interpretando o significado dos números. Ela era muito religiosa. Mas tinha em mente a tradição e a cultura. Era muito inteligente e caprichosa. Certa vez, perguntei-lhe se era feliz, e ela me respondeu que fazia de conta que era. Às vezes, eu a apanhava, exuberante, fazendo graça. Eram os seus momentos de faz de conta em que ludibriava as agruras da vida e era surpreendida pela felicidade.

LII

Você, professor, é uma pessoa que exala sentimentos. É um dos poucos (pouquíssimos) homens que não apenas escrevem sobre o amor, mas também vivem o amor, em sua forma mais pura, mais intensa e mais verdadeira. A inocência e a ingenuidade que você transparece são reflexos do amor que traz dentro de si e, por não caber em seu peito, faz transbordar em poesias.

Ah, professor! Cuide do seu coração! Não o dê a qualquer alguém que não poderá entendê-lo; alguém que não saberá cuidá-lo.

Mas, sendo assim, para que viver? Se a vida não existe sem amar alguém? Você deve se perguntar. Saiba que eu também não sei explicar. Somente sei que o que não entendemos é mesmo para ficar nas entrelinhas. Num espaço vazio do coração para ser preenchido com o silêncio de Deus.

Amigo, querido amigo! Saiba que você é um ser muito precioso. O Senhor o amou desde o ventre da sua mãe. Ele escolheu você, exatamente assim como você é! Ele o ama incondicionalmente.

Infinitamente além de tudo o que podemos supor.

E lembre-se sempre disso: não há nada que você deixe de fazer para que Ele o deixe de amar!

LIII

Meu amigo engenheiro respirou fundo e continuou seu relato.

– Em frente ao Colcha de Retalho, havia um olho-d'água. O fim daquela fonte sugeria um mau presságio... Como a gente segura os valores de uma sociedade? Algumas pessoas importantes foram absorvidas por aquela cidade. Outras quiseram arrebentar portas...

– E seus pais? – pergunto, deixando aflorar o tino jornalístico.

– Meus pais se casaram e foram pro Líbano. Fui concebido lá... Eu não estou *aqui* para juntar dinheiro. Minha família me adora. Se eu morrer amanhã, morro tranquilo. Mas eu tive que dar minha cara para bater, para manter minha integridade... Fui feito no Líbano. Estourou a guerra lá. Minha mãe, ela não queria estar comigo naquele momento. Ela viu muita coisa horrível lá. Ela conta que quando eles passaram em Gibraltar, tiveram que ser revistados... Ah, quando vim pra Europa, com minha filha, eu a levei ao Estreito de Gibraltar. E ela estava usando o mesmo sapato que minha mãe usava quando passou por lá. Quantas pessoas no mundo tiveram felicidade semelhante?

Seus olhos brilham de orgulho.

– Sei que as necessidades da coletividade se sobrepõem às do indivíduo – diz, mudando de assunto. – Mas, quando você tem capacidade, a necessidade do indivíduo se sobrepõe à da coletividade. Não julgo ninguém. Eu suportei o que me coube; ou o que me foi imposto. Sei da necessidade do outro. Pelo menos, suponho. Mas a necessidade do outro não é a minha. Me coloco em xeque, às vezes. Eu estou em paz. Mas e o mundo? O que minha atitude poderia ter representado? Não sei. Meu mundo é egoísta... Minha situação atual é tranquila em todos os sentidos. Não preciso deixar de comer para abastecer o carro. E tenho uma família que me ama. Tenho dinheiro para ir e vir, quando quiser. Meu passaporte está aqui...

– Como ficou a situação do canal de TV? – pergunto, enquanto ele

acende o enésimo cigarro.

– Logo depois que o canal de TV foi instalado, o proprietário chegou a minha casa, sentou-se e me ofereceu a melhor casa no lugar que eu escolhesse, e com dois carros do ano na garagem. Tentando recompensar o prejuízo que eu havia sofrido. Mas a questão mais importante, para mim, não era material. E ainda não é. Mas o rumo que, na época, a cidade tomou... Lembro-me, de certa vez, em que uma região do município foi acometida por uma tempestade avassaladora. Fui o primeiro a ser comunicado. O que me entristeceu foi o fato de surrupiarem todo o suprimento que seria enviado àquelas pessoas.

LIV

13 de dezembro de 1993.

Depois que você se foi, fiquei a me debater em busca de uma palavra que pudesse nomear o que se passava dentro de mim. Então me dei conta de que me encontrava envolto e inserido num labirinto infinito e insondável a me dizer: “Sou o que você tem por companhia. Se não me quiser, logo ali fica o abismo. Pode se precipitar. Mas já ouvi dizer que o amor nos pode livrar dos abismos. Então pague ou ame pra ver. Sou o destino e o infinito. Sou o anjo bom da glória e da lucidez. Siga-me e conhecerá a luz da miragem”.

LV

“**S**e por um lado, detestam ser deslocadas, as almas também aspiram a que alguém as escreva. Querem ser narradas, tatuadas nas rochas da eternidade. Uma alma que não foi escrita é como se nunca houvesse existido. Contra a fugacidade, a letra. Contra a morte, o relato” (T. E. Martínez).

LVI

As dificuldades fazem parte da vida de qualquer ser humano. Não há aquele que nunca tenha passado por algum tipo de sofrimento. A felicidade, por isso mesmo, torna-se um conceito quase abstrato.

Sim, de acordo com minha filosofia pessoal, essa tal felicidade nunca existiu. Mas não me declarem, por isso, como uma pessoa sem sentimentos. Pelo contrário, primo por cada sensação que nasce em meu ser.

Apesar de eu ter acreditado vorazmente que a felicidade não existe, algo se aproximava muito dela. E para mim, esse algo se chamava amizade.

Sempre me declarei amante das letras, então, foi muito fácil e rápido criar simpatia por esse escritor. Todos conhecem o lado intelectual desse poeta, que transforma em versos suas experiências, nos deliciando com uma escrita simples e contagiante.

Porém, sorte a minha, tive a chance de conhecer o ser humano. Pessoa de origem humilde, que sofreu desde sua infância com as dificuldades que o mundo lhe ofereceu, não desanimou jamais e, mesmo ante os percalços, guerreando como um gladiador no Coliseu romano, sagrou-se vencedor. E, mais importante, vencedor na mais relevante das batalhas: a batalha da vida.

E foi esse exemplo que me inspirou em uma de minhas batalhas, a qual consistiu na minha primeira experiência profissional fora de casa. Sofri demais. Longe

dos amigos, longe da família, quase entrei em depressão. Mas, dentre outras, encontrei forças nos ouvidos e palavras do meu grande amigo poeta.

Com toda a sua experiência, todos os problemas que enfrentou, mostrou-me um novo caminho. Nesses anos todos, o que mais me surpreendeu foi que, mesmo em tempos tão difíceis, ele sempre me trouxe uma palavra de otimismo e nunca, absolutamente nunca, deixou de sorrir.

Enquanto eu pensava em desistir, ele lutava para que seu sonho nunca acabasse. Enquanto eu pensava em pegar minhas coisas e ir embora, ele investia nos seus projetos, tendo a certeza do sucesso. E foi assim que eu passei a acreditar no futuro e, pasmem, na tal felicidade.

LVII

Carol foi uma das primeiras pessoas que conheci no último ano da faculdade de jornalismo, e a mais especial de todas as mulheres, com quem partilharia todo o meu amor e os anseios do meu coração, não fosse ela comprometida com um rapaz mais jovem e mais bem-sucedido financeiramente do que eu. E, como se não bastasse, ela era filha de um político, em pleno ano de eleição, o qual jamais iria admitir que a filha vivesse um triângulo amoroso. Poderia refletir muito mal para sua campanha.

Mas a proibição não impediu de nos comunicarmos, e de eu declarar-lhe o meu amor, através de minha coluna no *Semanário de São Carlos*, usando um pseudônimo, sugerido por ela, a saber: “Coloque ‘Seu Poeta’. Eu saberei que é para mim”. E assim sucedeu. E ela era a minha “Sulamita”. Passamos todo aquele ano assim, nos encontrando e nos comunicando em segredo.

LVIII

17 de novembro de (?).

Alegria é um dia de sol com chuva. Aquela chuva surpresa e há muito esperada. E as pessoas, ao verem aquilo, saem de suas casas e de onde quer que estejam para recepcioná-la. E, descalças, extasiadas, põem-se a dançar, e as crianças a se escorregarem e a rolarem na grama, e a correrem pelas calçadas e pelo asfalto, agora ameno.

Poderia ser um dia de verão como outro qualquer, mas não; a chuva fazia muito tempo que não dava a riqueza do seu frescor naquela região: o chão já havia rachado, a grama já estava seca, e as calçadas quase trincando, e o asfalto havia se tornado brasa; e a água, o pouco quase nada que resistia, estava prestes a evaporar-se por completo; mas, antes que isso pudesse acontecer, foi o céu que não resistiu à dor da terra, e caiu em pranto. Suas lágrimas eram proporcionais ao tempo daquela estiagem que parecia não ter mais fim.

Então as pessoas celebraram aquele momento como o amor que brota com o cheiro da chuva, fundindo o aroma do céu e da terra, pondo em cena a orquestra sinfônica da alegria e da esperança.

LIX

Para mim é meio difícil escrever, pois não tenho costume de fazer isso. Ainda mais sobre uma pessoa tão sábia, inteligente e segura como o professor. Ele é como Joás que, com 7 anos de idade, começou seu reinado; e ele foi cercado por muitas pessoas que o orientaram. Por isso foi vitorioso.

LX

De volta a Paris, após despedir-me, pela última vez, de meu irmão, e agora de posse do *Diário de um professor* e de depoimentos e entrevistas que obtive de pessoas mencionadas em seu trabalho, retomo a escrita de meu roteiro. E vou alternando páginas do diário, repletas de textos dos mais variados gêneros e temas, e de transcrições de citações e de e-mails de amigos e de seus ex-alunos. Alunos que se tornaram amigos, e amigos que se fizeram alunos.

Nos mais variados tempos verbais e contratempos da vida, vou tentando aplacar a dor da alma e da consciência, por não ter podido fazer nada pelo meu irmão. Devido a meus estudos e minhas atividades profissionais e ao enclausuramento forçado, por parte dele, ficamos sem contato por tanto tempo.

Assim, esse meu escrito, o qual desejo tornar um filme, configura-se o meu legado e a minha tentativa de redenção ou autorredenção. Pois a escrita é uma das formas de transformar a vida em arte e também de tentar se reorganizar por dentro.

Além disso, deve-se escrever, portanto, somente por necessidade (Rilke). O segredo da escrita é “dilacerar o homem, reconduzi-lo ao lugar,

ao lugar onde jorrou o primeiro rosto contra a noite da ausência” (J. G. Pessanha). Escrever é também, conforme suscita as *Mil e uma noites*, uma forma de adiar a morte (Foucault). “Contra a fugacidade, a letra. Contra a morte, o relato” (T. E. Martínez).

A função do escritor é falar por aqueles que não podem; por aqueles que são impedidos de falar; por aqueles que têm medo de represália; por aqueles que não sabem como dizê-lo. Escrever é igualmente se inscrever. Escrever é também um ato de vaidade. Quando escreve, o autor expõe sua cultura, sua erudição ou não, suas preferências, sua fé, seu pensamento, seus sentimentos, sua vida, cifrados ou não; se transfigura nas nuances de suas personagens; se redime, se revela ou se refugia, se eterniza ou fica simplesmente anônimo.

LXI

“**S**empre ouvi dizer que vemos a vida toda passar num segundo antes de morrermos. Primeiro, aquele segundo não é realmente um segundo. Ele é eterno, como um oceano de tempo [...]. Mas é difícil ficar zangado quando há tanta beleza no mundo. Às vezes acho que estou vendo tudo de uma vez e é demais. Meu coração se enche como um balão, prestes a estourar. E então me lembro de relaxar e de tentar parar de apegar-me a isso. E tudo flui através de mim como chuva, e só posso sentir gratidão por todos os momentos de minha vida idiota. Vocês não têm ideia do que estou falando. Mas não se preocupem. Um dia terão” (Filme *Beleza Americana* (1999) – Direção: Sam Mendes).

LXII

26 de abril de 2008.

Todos nós já nos maravilhamos com a notícia de que alguém foi curado milagrosamente de uma determinada doença ou sobreviveu a um terrível acidente. Tudo bem, isso é digno de espanto. É a comunhão da ação humana com a intervenção divina.

Porém a alegria, nesse caso, consiste em se ter evitado a perda e trapaceado a morte. Eis, contudo, a explicitação do apego àquilo que, em última instância, é precível.

Tudo bem, isso não é nenhuma heresia. Somos humanos e, portanto, frágeis ante o inexorável.

Por outro lado, é importante, no exercício de desligamento, prestar atenção aos casos de manifestação da fé no ato de entrega e de aceitação daquilo que é inevitável. Muito mais quando tal ato de maturidade espiritual se revela de maneira tão precoce e tão fortemente maravilhosa.

Este é o caso da jovem italiana, Chiara Luce Badano (1971-1990), que, aos 17 anos de idade, foi acometida por um tumor maligno na coluna, o qual gradativamente a imobilizou até o momento de lhe ceifar a vida.

O que contribuiu efetivamente para a trajetória espiritual de Chiara foi o despertar do amor por Jesus Cristo: primeiro, por influência da mãe; depois, quando contava 9 anos de idade, ao participar, em Roma, do *Family Fest*, uma grande festa da família, evento mundial que mudaria de maneira radical a sua vida e a de seus pais.

Nesse dia, também conheceu Chiara Lubich (1920-2008), fundadora do Movimento dos Focolares. Com o passar do tempo,

graças a ela, redescobre a vida do Evangelho sob uma nova luz. Não está sozinha. Outros jovens têm a mesma aspiração. A partir daí, o desejo de conhecer a Jesus e tomá-lo como modelo de vida se torna sua razão de viver. Seu sim incontestável, contudo, foi posto à prova quando ficou cara a cara com a morte. E tal qual o Mestre que se viu por um instante abandonado na cruz, ela igualmente experimentou o gosto amargo do desamparo.

Superada essa etapa, recuperou a alegria contagiante, sobrepujando a dor, a ponto de, na fase terminal de sua enfermidade, pedir a suspensão da morfina. Queria estar totalmente lúcida no momento de se entregar definitivamente nos braços Daquele que venceu a morte por amor.

LXIII

Com a certeza de que tudo correu bem nesta cerimônia de defesa de dissertação de mestrado, aqui da Europa quero dirigir algumas poucas palavras aos presentes.

Agradeço às professoras a solicitude ao convite para integrarem a banca e a minha colega de casa, participante do exame de qualificação do trabalho, que simpaticamente aceitou o papel vicário na condução dessa sessão.

Ao meu querido aluno quero parabenizar pelo belo resultado obtido com o seu trabalho e pelo cumprimento desta etapa da vida acadêmica, que só para fins práticos, sejam eles quais forem, se destaca da vida como um todo, composto de fragmentos que, tal como fios, se entrelaçam de modo a formar um tecido. Esse tecido, podemos imaginá-lo como um tapete cuja tecitura narra uma história da qual se registram episódios com desenhos.

No seu tapete certamente está a Evita – a personagem histórica da Argentina peronista, a ficcional, saída das páginas do livro de Martínez, e a Evita que você inventou – a perseguiu-la em sonhos e vigílias inquietantes. Mas também lá estão seus afetos, os familiares e os amigos, seu filho, cuja figura crescerá na vida e se multiplicará

no desenho do seu tapete que ainda muito há de crescer.

No tapete da minha vida, você aparece como um alegre aluno que muito se esforçou e cujo desenho cresceu ao longo destes anos de convívio. Não preciso lembrar-lhe os pedidos de tarefas as quais você nunca se negou a cumprir, com medos e deslumbramentos e cujo fruto é o texto, também ele um tecido, que você hoje defendeu.

Desejo de coração que sua experiência em nossa universidade tenha sido rica e correspondido aos seus anseios e expectativas, assim como também desejo que as novas oportunidades que se lhe oferecerão sejam compensadoras do esforço empreendido.

Um grande abraço a todos!

LXIV

Encontro-me às margens do rio Sena. Abro meu *laptop* e inicio uma conversa com uma amiga que mora no Brasil. Depois de alguns minutos, transcrevo um poema que capturei das anotações do diário de meu herói:

– “Fiz de cada amigo um analista; de seus ouvidos, um sacerdote: eles já me absolveram; eu ainda não me perdoei?”. Este poema me lembrou você – justifiquei.

– É, amigo, é exatamente isso que ocorre, nós mesmos não perdoamos nossas falhas, os amigos fazem isso muito antes, não é mesmo?

– Verdade – respondi.

– Com a terapia acontece o mesmo; os pacientes, eles mesmos se mostram muito rígidos consigo mesmos; o grande segredo da terapia é aprender a conviver com as nossas neuroses, mais do que superá-las.

– Muito bom e verdadeiro isso! Ah, gostaria de saber o que você pensa sobre o transtorno bipolar.

– Este é o transtorno mais comum hoje em dia, mas eu questiono os diagnósticos que fazem por aí; agora estou sem tempo porque estou viajando, mas, assim que chegar a minha casa, podemos trocar umas ideias sobre o assunto. Ok?

– O que você está estudando?

– Estou fazendo doutorado em clínica psicanalítica.

– Que ótimo! – exclamei exultante. – Então ainda poderemos trocar muitas ideias.

– É, podemos, mas a psicanálise não acredita em diagnósticos fechados. Trabalhamos com estrutura de personalidade...

– Claro – concordei, depressa, como quem domina o assunto.

– ... ou melhor, estrutura psíquica – corrige.

– E os remédios?

– Tudo bem, isso não diferencia a pessoa em nada de outras pessoas, sabia? – afirma ela. – A gente toma remédio para dor de barriga, dor de cabeça, por que não para melhorar os ânimos? Amigo, lamento, mas preciso te deixar aí, olhando a paisagem do Sena... Tenho de ir ao banco. É o último prazo para eu pagar meu imposto de renda. Senão o leão vai me devorar literalmente.

– Não creio que o leão vai te pegar; você é que vai pegar o leão. E não é o do imposto, mas o das dificuldades pertinentes a sua tese!

– Obrigada, amigo! Abraço!

– Abraço! Até outra hora.

LXV

5 de novembro de (?).

De tanto ver professores saírem transtornados da sala de aula; de tanto acontecer isso comigo, e, haja vista a força da imagem nos dias de hoje, decidi fazer um documentário sobre a nossa realidade.

Mas, infelizmente, perdi o material que gravei. Deu uma pane em meu computador. Lamento, profundamente, a minha

imbecilidade em confiar na fragilidade tecnológica. Parodiando Dostoiévski: nem toda a tecnologia do mundo vale a lágrima de uma criança. Nesse caso, a lágrima de um professor.

Tentei de toda maneira recuperar. Mas agora não tem mais jeito. Há de se fazer o que se deve ser feito. Embora não se saiba como nem onde. Só se saiba quando. Isto é, engolir em seco, amargo, e apelar à memória e às anotações.

Porque nem a ironia nem a sátira nem todos os libelos nem os sonetos proféticos nem as prosas poéticas nem todas as pétalas e folhas espalhadas por todos os bosques do mundo nem a fuga permanente nem o sol nem a chuva. Nada, nada parece ser capaz de conter um espírito sublevado. Basta uma fagulha no calcanhar de Aquiles da sensibilidade para desestabilizar um gigante! Que bom seria se pudéssemos, vez ou outra, trapacear o óbvio e surpreender o instinto!

LXVI

“Nã somente um nem dous [sic], amigos, saibam / O que a deusa das deusas me predisse, / Para informados ou morrermos todos / Ou da Parca fugirmos. Das Sereias / Evitar nos ordena o flóreo prado / E a voz divina; a mim concede ouvi-las, / Mas ao longo do mastro em rijas cordas. / E se pedir me desateis, vós outros / De pés e mãos ligai-me com mais força” (Homero – *Odisseia*).

LXVII

Nossa! Tanto tempo sem notícias, e agora você me conta três embates em que saiu combalido, e, ao mesmo tempo, dois projetos que mostram sua fortaleza!

Você é um forte! Lamento muito pelas perdas afetivas e profissionais. Mas a vida também se faz com novos desafios.

Acho que talvez você idealize situações e pessoas e então se assusta com as negativas que a vida ou as pessoas lhe dão. Então você adocece porque se sente sem forças para enfrentar as dificuldades, quem sabe aumentadas pelo susto do inesperado. E, no entanto, você enfrenta tudo sempre e sempre consegue dar a volta por cima. É ou não é? Estou errada?

Você é como um passarinho assustado, mas voa alto!

LXVIII

Minha mãe deveria estar no auge de sua beleza quando me concebeu. Não digo isso para justificar a minha beleza, pois nem tudo tem explicação. Valho-me da hipótese apresentada para tentar refletir sobre o meu fascínio ante a beleza. Embora a minha primeira impressão do mundo, assim como de todos os bebês, deve ter sido de desconforto, por motivos óbvios. Também não me refiro somente à beleza feminina, mas igualmente àquela forjada em meio à dor e ao amor. O primeiro sentimento expressado, neste caso, antecede o segundo; colocado assim por questão didática, pois ambos são indissociáveis em momentos tão delicados como a vida encontrando a luz. É a dor, supervisionada pelo amor, rendendo-se à vida. Eis o contexto cujo reflexo jamais me abandonou. Sou irremediavelmente atraído pela beleza, aquela que é a ponte inexorável entre o amor e a dor e vice-versa.

LXIX

11 de fevereiro de 2007.

– Você é um amor.

– E o que eu digo de você?

– Você é poesia.

– Poxa vida! Estou escrevendo agora sobre isso.

– Escreva para mim.

– Escrevo, sim. Eu, ultimamente, não mais falo; tão somente, recito. Virei poesia ambulante, tomando e dando forma por toda parte.

– Me faça poema pra você.

– Nossas conversas são verdadeiros poemas.

– Me leia.

– Estou fazendo isso.

– Fale o que sou.

– Além de linda? Meiga, delicada; acho que ainda desconhece o potencial da própria beleza e de si mesma. Faz-se necessário rever a autoimagem. Acho que o seu espelho anda mentindo pra você. É preciso desconfiar dele. Deixe que o reflexo da sua beleza física e da sua alma despedace esse espelho já viciado e reflita no novo espelho a nova mulher estonteante que está latente em seu íntimo. Talvez já tenha chegado a hora de desligar o piloto automático e voltar a confiar nas próprias asas. Interagir com o vento; com a natureza, que se verga, mas não quebra. Não se trata de discurso de autoajuda – sem ofensas –, mas de buscar todos os recursos possíveis. Muita gente já passou por isso. Já arranhou o saibro do abismo. Mas ninguém retorna de lá de mãos vazias. Eis por que vale a pena aceitar o desafio de tentar e tentar, infinitamente, até a escuridão se fazer

luz outra vez.

– Nossa! Quanto clichê!

– Acho que o problema não são os clichês. Mas o fato de ignorá-los.

– Interessante! Quando a gente está do lado de cá, ou no abismo, como você falou, tudo parece insípido e oco, como as ruas desertas das grandes cidades no final de semana: repletas de vazio como um *canyon*. Só que não é uma imensidão espantosamente bela igual ao *Grand Canyon*. É um túnel gigantesco e assustador. É a verdadeira imagem do horror e da solidão. Do nada absoluto. Da total falta de perspectiva. É um mau presságio acontecendo num gerúndio interminável.

– Eu sei. É a imagem do horror. Sei também que se fazer papel de advogado do diabo não é fácil, de Deus também não é. Dizer que é possível diante do inominável, quando a outra pessoa sente-se flertar com a morte iminente, não é fácil. E eu falo da morte dos sentimentos: do prazer, da alegria, da disposição, do amor, da perspectiva. Não, não é fácil nem parece concebível. É como se quisesse que o rio não somente mudasse seu curso, mas também invertesse seu movimento, como se retornasse à nascente.

LXX

*N*ão sei de onde! Não sei o porquê! Os poetas acrescentam tanta sensibilidade às palavras, narrando os sentimentos de uma forma maravilhosa. Você é um deles, que, com seu jeito meigo, transforma gestos, atitudes em poemas. Esses que enchem e enchem meu coração.

LXXI

“A poesia se converte em religião para aquele que chegou ao limite do desposuimento da fala. Quando o mundo vai se desvanecendo e indo embora, quando os outros vão ficando estranhos e o insondável vira o nosso cotidiano companheiro, tudo o que desejamos é um religamento; um maçarico amoroso que solde novamente nossa pertença quebrada e nos retire deste divórcio de suspensão. Quando todas as outras prosas vão morrendo e se gastando, só a poesia pode nos acordar e reintroduzir-nos na vitalidade e na trama do tempo... Mas a poesia deve então instaurar um novo mundo, pois o antigo já não tem mais sentido para nós... já perdemos a familiaridade... e sonhamos com uma nova espessura do tempo – o tempo feito de outra tecitura” (J. G. Pessanha – *Sabedoria do nunca*).

LXXII

Não basta ser artista no palco. Faz-se necessário também andar muito; correr; queimar o asfalto.

LXXIII

10 de outubro de 2001.

Hoje vejo o plátano infestado de brotos. Minha dissertação também ganhou algumas páginas. Quando qualificar, verei flores pela janela. E quando defender, a primavera já terá ido embora.

LXXIV

Senhor cineasta, a pessoa sobre a qual me pede informação é especial: por ser simples e, acima de tudo, íntegra e responsável pelo que faz.

O tempo em que convivi com ele, mostrou-se ser dedicado pelo seu trabalho e pela sua vida, sendo lutador para conseguir o que desejava.

Tinha um coração enorme e cheio de bondade, sempre pronto a ajudar no que fosse necessário.

Desejo-lhe que seja bem-sucedido nas pesquisas para seu filme.

LXXV

“Se quero dirigir minha arte ao mundo, devo fazê-lo através do sistema, como todos devem fazer. Se isso tem um aspecto suspeito no sentido

de parecer liberalismo e concessão, então que assim seja: com exceção da espada, o liberalismo e a concessão sempre foram a única forma de atuação de qualquer revolucionário autêntico” (*Douglas Davis – artista de vídeo*).

LXXVI

– **V**á dormir, menina!

– Pois é, fico aí me preocupando com o Freud. [Risos]

– Oi. É só pra dizer que você pode usar meus textos quando quiser.

– Oi. Obrigada! Vou usar então. Gosto de ilustrar minhas aulas com poesia.

– Sem pretensão, de minha parte, é claro. Li um artigo em que o autor diz que o próprio Freud afirmou que os lugares por onde ele passou, um poeta já havia passado.

– Sim, ele amava poesia e dizia que as poesias nos ajudam a entender o inconsciente, sua principal descoberta. Lacan também usa de poesia para compor sua teoria. Diz que precisamos acompanhar os poetas se não pudermos sê-los, enfim. Ambos dizem, Freud e Lacan, que o que nos leva a escrever é a angústia.

– É verdade. Um dia desses, quando levei uma “puxada de tapete”, fiquei tão indignado que tive vontade de parar no meio da rua e puxar pelo meu *laptop* e escrever. Acabei escrevendo um artigo de madrugada. Só não publiquei.

– Mas é isso, quando fiz minha pesquisa de campo também parava no meio do nada para anotar o que me vinha de repente com uma sensação de necessidade. Agora mesmo escrevi, um pouco antes de entrar aqui, estava dormindo e acordei angustiada. Comi demais e fui deitar em seguida. [Risos] Os motivos da angústia são variados e podem ser até por empanzinamento estomacal. [Risos]

– Você é um barato! Há um texto lindo daquele autor sobre o qual

eu te falei. Vou te passar agora.

Enquanto minha amiga psicanalista lê o texto, aproveito para fazer uma “boquinha”. Só uma boquinha. Não quero correr o risco de me empanzinar e angustiar-me.

– E então?

– Peraí que o texto é interessante, ele menciona um monte de “cachorro grande”, lá, todos conhecidos do Lacan.

– Sim.

– Hum, ler a esta hora é complicado, empanzinada, então, mas pelo que pude entender, e ele é um cara denso, ele traz uma ideia semelhante ao que Lacan propõe na releitura da psicanálise. A questão da palavra, da língua, da língua materna, do élan, enfim, são traços muito semelhantes, bem interessante o texto, eu não o conhecia.

– Que bom que você gostou.

– Estou lendo um livro que se chama *O inconsciente e seu escriba*, do psicanalista Moustafa Safouan. Ele fala um pouco disso também, de dizer que nós escrevemos nosso inconsciente com as palavras que circulam por aí, senão este inconsciente seria nada, é diferente da visão freudiana.

– Adoro você.

– Com minha visão mais amena de psicanalista, prefiro usar a expressão gosto. Gosto muito; admiro você e torço sempre. Considero você um guerreiro. Um bravo guerreiro que batalha por sua escritura, não a sagrada, mas a literária, a poética, a que faz as pessoas despertarem seus sentimentos. Por isso desejo muito que seu trabalho seja cada vez mais reconhecido.

– Essa admiração é recíproca. E fico muito feliz por poder compartilharmos do gosto pelo conhecimento.

– É isso aí, amigo. Agora preciso dormir. Boa noite. Beijos.

– Fique bem.

LXXVII

8 de março de 2001.

Hoje estou me lembrando das importantes mulheres de minha vida, embora de uma delas eu nunca tenha ouvido a voz, não sei como é o rosto, não sei se os olhos são claros ou escuros, se são verdes, azuis, castanhos ou negros, não sei se os cabelos são longos ou curtos, cacheados ou lisos, também não faço a mínima ideia se é loura ou morena. Oh, Deus! “Quanta ignorância e curiosidade!”, declara meu coração.

LXXVIII

Desde que eu soube que meu irmão se encontrava doente, eu ligava todos os dias para saber dele. E pedia para meu primo não contar da minha preocupação.

– *A coisa está feia – dizia meu primo, que havia acolhido meu irmão em sua casa. – É depressão profunda.*

E assim foi por quase quatro meses. Escrevia sua dissertação a “conta-gotas”, conforme nos contou mais tarde. Minha vida, como não podia fazer outra coisa por ele, era rezar. No dia de sua defesa, passei quase o dia todo na igreja, rezando e chorando. Mas conseguimos, como disse meu primo. E, como meu irmão, apesar de tudo, era divertido, contou que, na sua defesa, além das professoras da banca, só estavam presentes: nosso primo, uma colega e uma amiga, estudante de psicologia. “Esta”, brincava ele, “convidei de caso pensado”.

LXXIX

“Uma experiência literária efetuada é uma experiência humana superada” (*Graciliano Ramos*).

“E é por meio da ficção que nós, adultos, exercitamos nossa capacidade de estruturar nossa experiência passada e presente. [...] Não desejo propor que meus passeios pelos bosques da ficção sejam um remédio para as grandes tragédias de nosso tempo. Não obstante, esses passeios nos habilitaram a entender os mecanismos pelos quais a ficção é capaz de moldar a vida. Às vezes os resultados podem ser inocentes e prazerosos, como quando se faz uma peregrinação a Baker Street; porém, às vezes a vida pode se transformar num pesadelo, e não num sonho. Refletir sobre essas complexas relações entre leitor e história, ficção e vida, pode constituir uma forma de terapia contra o sono da razão que gera monstros” (U. Eco – *Seis passeios pelos bosques da ficção*).

LXXX

Eu sou o cinema; você, a poesia, a dança, a música, a pintura, o teatro, a fotografia, a literatura, a magia. E, assim, de mãos dadas, vamos celebrar a arte. E, quem sabe, de quebra, não subverteremos o obscurantismo!

LXXXI

22 de março de 2003.

Assim como não muito tempo atrás ainda não havia refletido poeticamente sobre o significado da palavra mãe, o mesmo acontece com o significado da palavra água.

Sem a primeira, não teríamos nascido; sem a segunda, não haveríamos de sobreviver. Talvez por isso, ambas haviam se confundido nas ondas do esquecimento de minhas memórias.

Mas como não me lembrar de coisas assim tão essenciais?

Talvez por estarem tão em mim que as esqueci. Talvez por serem tão eu que não mais conscientemente lhes recorri.

No ventre da primeira, já respirava a segunda. Quando esta transbordou, a luz me acolheu e à luz eu vim.

Fui concebido, necessitando das duas. Nasci e continuei assim. Até o céu chamar a primeira e, com frequência, mandar a segunda. Com esta me banho na saudade daquela. Bebo no calor da hora. Em abundância. Saboreio. Até Deus igualmente solicitar a minha presença. Então escalarei o céu por um pingo de chuva.

LXXXII

Ele era o tipo de pessoa que não ligava para as adversidades, que aceitava os desafios e os vencias. Um sonhador, como deve ser o poeta, mas alguém que sonhava na pista dos seus sonhos, que lutava e melhorava dia a dia.

De menino humilde, sorveteiro, ajudante de pedreiro, estudante, acaba abandonando os estudos, mas, em seguida, retoma, e a universidade passa a ser seu grande sonho, que logo se torna realidade. Vive-a intensamente: faz amizades e cresce muito.

Lançar seu primeiro livro, ainda acadêmico, constituía-se um novo desafio, que foi transposto rapidamente. Ai vieram os outros e, com eles, foi melhorando cada vez mais. E, assim era, e a cada novo lançamento, tínhamos novas surpresas.

LXXXIII

“**B**rett me olhava bem nos olhos, com a sua maneira que nos fazia duvidar de que via realmente com seus próprios olhos. E os olhos continuariam a olhar, depois que todos os olhos do mundo tivessem cessado de olhar. Olhava como se nada existisse na terra que não tivesse ousado olhar assim, e, na verdade, tinha medo de tantas coisas” (E. Hemingway – *O sol também se levanta*).

LXXXIV

Que é a certeza que assim como chega tão logo foge pelo vão dos cílios impregnados de dúvida? E a dúvida, essa relva intrigante que infesta o jardim do pensamento em flor?

LXXXV

12 de junho de 1998.

Para amar este poeta, prepare-se para ser amada como nem Shakespeare jamais imaginou. Ouvirá ao menos um poema por dia. Terá de amar a poesia quase tanto como ama a si mesma. O tempo todo baterá de frente com a gentileza e com declarações apaixonadas.

Creio que tem vocação para ser amada desse jeito. Embora não se dê conta, também ama assim. Em todo caso, não se preocupe em devolver na mesma moeda. Cada qual ama da maneira que sabe e que aprendeu a amar. E, de alguma forma, faz o melhor que pode. O importante é amar, ainda que seja com medo de sofrer ou magoar. Isso, bem sabemos, é inevitável. Aliás, pode-se evitar, sim. Basta, para tanto, não se relacionar com ninguém. Amar a si próprio como a si mesmo. Enfurnar-se na solidão e morrer de tédio. Isso talvez seja bem pior do que a desilusão.

Não, não se assuste. O poeta até já pensou numa alternativa para não saturar a bem-amada. Iniciou um diário, onde fará triagem. E somente as declarações originais, aquelas que passarem pelo crivo dos especialistas do amor e da paixão, é que serão pronunciadas ao ouvido e ao coração da mulher amada. Será feito sempre com muito esmero. Pois se trata do amor mais profundo à garota mais linda do mundo.

Não se trata de endeusá-la. Como se sabe, as virtudes humanas são proporcionais aos defeitos; isto, quando não ficam aquém. Assim, amemo-nos e deixemo-nos amar. Amemo-nos sem pé atrás. Amemo-nos sem pé nem cabeça, como se tivéssemos asas. Pois, se mergulharmos no vazio do céu ou do abismo, de qualquer jeito Ele nos encontra lá.

LXXXVI

Conbeci-o ainda como aluno e as suas constantes lutas para superar aquilo que parecia limitador. Quantas brigas ele enfrentou consigo mesmo para mostrar para si e para os outros as suas potencialidades.

O mesmo se pode dizer de sua vida como autor: quantas lutas ele travou contra descrentes e contra as dificuldades financeiras para editar suas obras. Queria dar a conhecer aos outros o fruto da inspiração advinda de suas paixões, angústias, medos, alegrias, sofrimentos, entre outros sentimentos dísparos, porém inspiradores.

Em suas obras abordou temas como a transformação, o dever e, em um momento extremamente difícil, com a morte de seu pai, não falou de rancor ou revolta, mas de amor. Prova de que foi capaz de transformar as adversidades em algo doce e carregado de emoção positiva.

LXXXVII

“Para nós, volvidos tantos anos, ele é, antes de tudo, um singular e grande exemplo de homem. Nascido com a herança de terríveis taras, criado e educado em ambiente hostil, marcado pela pobreza e pela doença, soube vencer os tropeços da adversidade e realizar sua admirável vocação de escritor. Com a força do talento e do trabalho dominou os arrebatamentos do seu gênio, os caprichos do seu temperamento, os defeitos e contradições do seu caráter, e galgou, penosamente, todos os patamares que o elevaram ao pináculo da glória. Perdida e recuperada a fé religiosa, lutou contra as ciladas da dúvida e chegou às fronteiras da santidade. Enfim, foi um pecador, foi um lutador e nunca se deixou abater pelos obstáculos que a natureza e a vida opuseram à sua ascensão. Mostrou quanto

vale um homem que sabe o que quer e que nasce abençoado pelo gênio”
(Virgínio Santa Rosa – *Dostoiévski: um cristão torturado*).

LXXXVIII

Eu a idealizei em palavras e as amei como eu a amo. E você vendo nelas a idealização de si mesma, também as amou como amou nelas a mim. Talvez não do modo que gostaria, nem como eu gostaria que você me amasse. Passado o impacto do efeito narcísico e platônico, parto em busca da subjetividade perdida e do objeto amado.

LXXXIX

21 de janeiro de (?).

– **V**ocê não está bem – disse minha irmã, com toda a delicadeza.

– Claro que estou! – exclamei, surpreso. – Nunca me senti tão bem! – complementei.

De fato, eu me sentia como nunca. Uma energia extraordinária. Mesmo não dormindo e me alimentando mal e fumando como louco. Na época, trabalhava como balconista em uma loja de confecção. Às vezes, ficava ansioso e saía do estabelecimento, sem comunicar ninguém. Não lembro quanto tempo isso durou. O mesmo acontecia à noite. Como não dormia, saía caminhar até altas horas. E foi num desses passeios que me “confundiram” com algum “Falcão”, e fui duramente “multado”.

Na manhã seguinte, a caminho de casa, lembro que ainda passei no supermercado, para pegar uma barra de sabão, que minha mãe me havia encomendado. Chovia fino e frio. Aquela garoa parecia penetrar-me nos ossos e na alma. E eu ia rumo à casa paterna, caminhando e chorando. De dor e de medo do que me aguardava. Não apanhei. Mas ouvi o maior sermão de minha vida. E num tom nada agradável. Meu pai e minha mãe deviam ter ensaiado.

– Nenhum de teus irmãos deu esquentada pra nós – diziam eles, enquanto eu me embrenhava debaixo das cobertas, quase morrendo de frio. E do jeito que havia chegado da rua.

Mais tarde, fui à casa de minha irmã mais velha; aquela mesma que havia notado que tinha algo de errado comigo. Lá, tive uma crise de nervos. E então fui levado ao médico, pela segunda vez, desde que ela me alertara.

– Ele é muito inteligente – disse o médico, em minha primeira consulta, enquanto prescrevia o nome e telefone do psiquiatra, com quem, para espanto geral, eu deveria consultar, caso minha família concordasse.

É claro que a negativa foi unânime. Imagine, falar em psiquiatra décadas atrás! Era coisa de louco! E assim, depois daquele incidente, tomei por algum tempo um antidepressivo, que quase acabou com meu estômago, e segui em frente. Ainda fiz muitas peripécias, durante esse primeiro surto, como me equilibrar nas vigas de concreto da obra em construção de propriedade de meus ex-patrões.

XC

Fui sua aluna no 1º ano do ensino médio. Depois, ele se mudou, a fim de continuar seus estudos. Anos mais tarde, quando eu já estava fazendo faculdade, nos reencontramos num evento.

– *Você está mais linda! Sua beleza amadureceu junto com você!* – disse ele, como sempre, amável.

– *“Ah, que maravilha, ser elogiada assim, numa segunda-feira chuvosa e à noite!”*, pensei comigo.

– *Muito obrigada!*

– *O que eu vou fazer? Os meus olhos e a beleza nasceram um para o outro, e a poesia é o meu cupido!*

– *Que lindo!*

– *Você viu, como você me inspira? Você tem o dom de inspirar maravilhas!*

– *Ah, eu fico lisonjeada em saber que o inspiro! Você sempre foi inspiração para mim! Meu eterno e muito terno, professor! Agora vou dizer para minhas amigas que tenho um poema! Vão morrer de inveja! Hihibi!*

– *Você é a própria poesia, filha mia! E não se espante! Há dias em que estou um pouco mais louco que o normal.*

– *Que Deus o ilumine sempre, e que a inspiração, seu combustível, jamais lhe falte! Admiro-o infinitamente!*

– *Obrigado! Boa noite, querida!*

– *Boa noite, professor!*

Então nos despedimos, com um “abraço de urso”.

Nossas conversas eram sempre repletas de ternura. Uma das mais belas amizades que já tive.

XCI

“Nenhum hábito me repete. Já não sei onde estou! Não abraço mais nada e fiquei apenas com a peste. Debaixo da minha lâmpada nenhum saber mais floresce. Ando pelas ruas prolongando algum sonho antigo e esquecido e, sozinho, comemoro com o deserto. Não há cães que me sigam nem lugares que me requisitem. Estou suspenso e os fios se cortaram! Minha vida foi um acontecimento sinistro porque não houve uma vida. Emigrado neste canto sem cura ousei recitar um hino, mas minha voz retirou-se e eu me vi face-a-face com o segredo da noite. Impedido de revelá-lo, a ele me fundi e, nesta viagem sem volta, fui convertido ao silêncio” (J. G. Pessanha – *Sabedoria do nunca*).

XCII

- Oi, linda! Como vai? Deixa-me te passar algo que escrevi ontem.
- Ok!
- “A morte é a carta na manga de Deus. Felizmente, a ressurreição também. Agora, quem não acredita nisso terá de se virar com o coelho da própria cartola”. Não é uma provocação!
- Imagine se fosse. [Risos] Mas tenho coelhos para tirar de tudo quanto é canto. [Risos] E, além do mais, eu nem penso na morte e tampouco na ressurreição. A eternidade, para mim, seria tortura demais, mesmo que eu fosse para o céu, meu amigo! Me desculpe, mas eu sinto assim.
- Estou trabalhando naquele livro sobre o qual te falei. É ficção.
- Sim, sobre o transtorno. E como está indo?

- Está indo a toda. Está com mais de 60 páginas.
- E a história tem fluidez fácil para você?
- Sim. Estou alternando depoimentos fictícios com o diário igualmente ficcional do protagonista. Na verdade, estou pesquisando para meu primeiro filme.
- Hum, o tema é interessante, mas precisa ter o cuidado de não deixar a história muito “deprê”.
- Tem o depoimento de uma psicóloga clínica norte-americana, que é bipolar.
- Ui! A escola norte-americana de psicologia não é muito a minha praia. Mas o roteiro parece interessante.
- Olha, eu gostaria de ouvir a sua opinião-depoimento sobre os transtornos neurológicos em geral e sobre a bipolaridade em particular.
- Meio estilo documentário?
- Mais ou menos.
- Já falei para você o que eu entendo desses diagnósticos. E aquilo que eu disse é a forma como eu trabalho. Sei que o problema existe, mas não vejo como uma doença. É um modo de funcionamento psíquico que pode ser alterado pela análise. Todo mundo é bipolar. Já percebeu?
- Sim. Mas não com a mesma intensidade e velocidade das oscilações. E eu até acho que deveria ser chamado de multipolar, pelos inúmeros sintomas que suscita.
- Pode ser. Só que isso é batizado de muitos outros nomes. Mas é um modo de funcionar. É um aparelhamento psíquico que não tem o suporte suficiente para segurar os impulsos. Vou sair agora, amigo, e depois a gente conversa. Preciso sair para o ar livre, senão eu piro. [Risos]

XCIII

28 de novembro de 1995.

Quero dizer que estou imensamente triste pelo que aconteceu. Eu falei bobagem quando disse que era para você se esquecer de que nos conhecemos. Deve ser por que eu fiquei tão desconcertado!

Você não faz ideia de como me senti e como me sinto, só de imaginar que você poderia pensar, e com razão, que eu estava com segundas intenções para com você. Eu teria de ser muito imbecil para agir assim.

Nunca faço isso nem com pessoas que não merecem tanta consideração e respeito; por que iria fazer com você, que a admiro tanto?! Encantei-me, é verdade, porque a meiguice, a beleza, a inteligência, o carisma e a integridade das pessoas sempre me encantaram.

Para você ter uma ideia, até apaguei o seu número do meu celular e destaquei a folha da minha agenda, com seu endereço e telefone, justamente para não correr o risco de não me conter e ligar para você, e incomodá-la, tamanha foi a minha tristeza e quão grande o meu embaraço.

Foi um privilégio tê-la conhecido; uma honra ter participado dos finais do seu grande trabalho; mas uma tragédia tê-la magoado – e de forma tão desastrosa, e perder a sua amizade.

Por favor, dê-me mais uma chance de fazer parte dos seus. Estou precisando muito do seu perdão, de ouvir a sua voz, de compartilhar de suas alegrias e de suas angústias, quando elas porventura aparecerem.

XCIV

Acompanhei o surgimento do poeta e pude saborear o néctar de suas primeiras obras. “Surgiu mais um ingênuo romântico!”, exclamariam alguns. Porém pergunto: podemos rotular a poesia?

Em seus trabalhos, ele mostrava sua versatilidade, indo ao encontro do seu tempo, questionando e denunciando as situações do dia a dia na política e na sociedade como um todo. Porém, brincando com as palavras e usando de sua distinta sensibilidade, transformava as situações do cotidiano em poesia e romantismo. Novamente o romantismo, este eterno elixir que dá vida aos poetas, que faz com que um simples encontro casual seja metamorfoseado num momento de grande encantamento.

Leio seus livros com o único e delicioso compromisso de sorver beleza, paixão, simplicidade e poesia. Como um leitor que vê seus desejos e suas vontades se transformarem em palavras com ritmo e vida próprias; como cidadão que “usa” o poeta para expressar suas ideias e “denunciar” o real; como um adolescente apaixonado que, não sabendo ainda entender as emoções que sente, rouba-as do poeta e dedica-as à pessoa amada como se fossem suas.

XCV

Atualmente, a psicologia não aceita mais uma concepção reducionista segundo a qual todas as enfermidades têm origem no cérebro ou têm uma causa puramente genética. E, nesse sentido, o tratamento da depressão deve ser o resultado da interação de diversas disciplinas – psicologia, psiquiatria, endocrinologia e neurociências. E não só: é preciso levar em consideração as dimensões afetiva e social. Está demonstrado que o acompanhamento amigo e solidário estimula a pessoa deprimida a redescobrir o sentido da vida e a superar o desânimo e a tristeza” (*Catherine Velsing*).

XCVI

Há, entre autor e leitor, um acordo tácito de generosidade. E entre mim e você, além disso, eu gostaria que ficasse sacramentado um laço de infinita ternura.

XCVII

12 de dezembro de 2005.

Quando uma pessoa sugere a um amigo-poeta que escreva sobre ela: primeiro, suscita que ela está ou deve estar de bem consigo mesma; e, segundo, que, além da autoconfiança, igualmente confia nas palavras ou na capacidade do amigo para captar o que ela possa expressar – ou ser – que ainda, porventura, não se descobriu ou que o artista possa dar uma configuração inusitadamente nova e bela. E, tal configuração, venha a se converter no próprio tema da reflexão em torno do processo inspirador. E, nesse caso, não se invertem os papéis como sinal de fagulha de um poema dessa natureza, mas, muda-se a “pessoa solicitante”. Nesse sentido, essa pessoa, além da autoconfiança, passa a admiração que tem pelo autor daquelas palavras as quais irá ler e que sabe de antemão que, definitivamente, são para ela. E ela, na sua simplicidade, talvez dê ao texto, na sua totalidade, algo que nunca pensou sobre si mesma e que nem o próprio poeta havia pensado sobre ela, nem sobre o próprio ofício de escrever.

XCVIII

Quando nos conhecemos, eu escrevia para um jornal de nossa cidade. Então tive a oportunidade de conhecer seu trabalho mesmo antes de ser publicado, bem como também posso assegurar-lhe que fui o responsável pela publicação de seu primeiro poema.

Acrescente-se a isso o fato de que cobri o lançamento de seu primeiro livro. E posso dizer que foi um privilégio ter podido participar do início de sua carreira.

XCIX

“Começo a arrepender-me deste livro. Não que ele me canse; eu não tenho que fazer; e, realmente, expedir alguns magros capítulos para esse mundo sempre é tarefa que distrai um pouco da eternidade. Mas o livro é enfadonho, cheira a sepulcro, traz certa contração cadavérica; vício grave, e aliás ínfimo, porque o maior defeito deste livro és tu, leitor. Tu tens pressa de envelhecer, e o livro anda devagar; tu amas a narração direta e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como os ébrios, guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem...” (Machado de Assis – *Memórias Póstumas de Brás Cubas*).

C

Perdoe-me, mas eu sou assim. Tudo em excesso: excessivamente lindo e chato; inteligentíssimo; modesto; carente; falo demais; versátil; inconstante; sonhador; inseguro; criativo; apaixonado; uma montanha-russa ambulante; espontâneo; extrovertido; ansioso demais etc. etc.

Humores à parte, somos um misto de características contrastantes, ou que se complementam ou que se compensam, ou que se excluem. Há quem diga que nossas qualidades cobrem nossos defeitos. Claro, isso depende do estado de espírito do momento. E depende do defeito, isto é, desde que não seja um defeito de caráter, como a perversidade, desonestidade, trapaça, ganância ou pura maldade. Tais defeitos podem levar o indivíduo a desconsiderar o outro como companheiro de viagem pela Terra.

Defeitos à parte, uma das qualidades que mais me encantam no ser humano é a humildade: no sentido de nobreza de espírito, a saber, ter consciência daquilo que se é, com seus valores, capacidades e limitações. Não, eu não sou humilde. Confesso que me esforço. Mas é muito difícil ser a gente mesmo em toda parte. Não me lembro quem foi que disse que se externássemos tudo o que pensamos, tornar-se-ia impossível viver em sociedade. E até penso que nem temos de sair por aí nos arvorando ser dono da verdade ou juiz do mundo. Agora, nos expressarmos em momentos cruciais, quando nossa opinião pode fazer alguma diferença, considero bem razoável.

Pensamentos à parte, uma característica que acho fantástica é o carisma. Aquela pessoa que em qualquer lugar rouba a cena. Não estou falando dos que gostam de chamar a atenção, dos inconvenientes; falo das pessoas que cativam com naturalidade, alegria e espontaneidade. São inteligentes, comunicativas, têm um senso de humor impagável, são boas de improviso, de liderança. Podem conquistar o mundo. Mas, assim como outros traços da personalidade, precisa de autovigilância, sobretudo pela amplitude e intensidade de sua autoexposição.

Quis discorrer sobre algumas características do ser humano, só para descontrair um pouco e demonstrar o meu carisma e humildade – embora eu tenha dito que não sou humilde; porque acho que é falta de humildade sair por aí alarmando de que se é humilde.

CI

29 de maio de (?).

Vocês são, com certeza, a turma mais rica em suas exclusividades, com que já trabalhei. Quase poderia dizer: excentricidades. Só não o faço para não fazer parecê-la exibicionista. Quero, contudo, exaltá-la em seus distintos dons de simplicidade, graça, beleza, ternura e inteligência. Virtudes que se transluzem em gratidão carinhosa, quase hiperbolicamente, numa homenagem de silenciar o fôlego, agudo e contido – síntese de um momento para a vida inteira.

CII

Vi o crescer e o evoluir na obra de nosso querido escritor e poeta, expressando sempre a pureza, a devoção, o amor ao Criador e à criatura, personificados por mulheres especiais, figuras angelicais, dos sonhos do poeta; amigos, alunos, “seus filhos intelectuais”; as suas fontes de inspiração eram quase sempre edificantes, positivas, apaixonadas, de grande observação da vida, da natureza e do cosmos, e a contínua veneração à espera da materialização dos seus sonhos.

CIII

“[...] Não posso dispensar as palavras dos poetas, as narrativas dos romancistas. Elas me permitem dar formas aos sentimentos que experimento, ordenar o fluxo de pequenos eventos que constituem minha vida. Elas me fazem sonhar, tremer de inquietude ou me desesperar. [...] vejo Nastassia Philipovna através dos olhos do príncipe Míchkin, ‘o idiota’ de Dostoiévski, ando com ele nas ruas desertas de São Petersburgo, impulsionado pela febre de um iminente ataque de epilepsia. E não posso me impedir de me perguntar: por que Míchkin, o melhor dos homens, aquele que ama os outros mais do que a si mesmo, deve terminar sua existência reduzido à debilidade, enclausurado em um asilo psiquiátrico?” (T. Todo-rov – *Literatura em perigo*).

CIV

Tenho enviado a sinopse e algumas páginas do roteiro para alguns amigos apreciarem:

– Fiquei maravilhado com o seu trabalho – escreveu-me um amigo que é jornalista. – Não vejo a hora de ler a conclusão. Amei a estética, o modo como você está construindo a obra. Senti-me como se estivesse vendo um daqueles filmes com várias histórias em paralelo. Parabéns, meu amigo!

Uma amiga cineasta também deu um parecer favorável, pelo menos em relação às primeiras páginas:

– Não li tudo. Mas a curiosidade foi tamanha que li umas 20 páginas. Sei não, mas se as outras 60 e mais o que você escrever continuar

nesse ritmo, estou pra te dizer que muito provavelmente você terá neste filme a obra da sua vida. Sei não, mas senti um não sei o quê. Capricha. Se der, fica mais no humano que no espiritual (isto é, centre-se mais no homem que em Deus). Pode dar “pano pra manga” esse trabalho. Escuta o que te digo.

Para começo de conversa, está bom. Mas nem eu sei aonde isso vai dar. Confesso que também estou curioso para conhecer o final.

CV

27 de outubro de (?).

Às vezes, me dá vontade de deixar minhas outras atividades e mergulhar de vez na literatura. Mas ainda não posso me dar a esse luxo.

– É o feijão e o sonho – disse-me um amigo.

São as contradições, os paradoxos, as antagonias, as redundâncias, enfim, as bipolaridades e as necessidades da vida, às quais, médicos ou loucos, pobres ou ricos, brancos ou negros, amarelos ou pardos, célebres ou desconhecidos – todos estamos sujeitos.

Em todo caso, já me disseram que eu não tenho ambição, porque tenho a idade que tenho e não tenho nada.

Mas que adianta ter uma casa imensa, repleta de móveis caros, tapete persa, garagem entulhada de carros importados – e uma vida cheia de vazio?

Passsei grande parte de minha infância em um ranchinho de dois cômodos, piso de terra, luz de lampião e água da “bica”.

Mas era só atravessar a rua e estava no campo, para *chutar* bola. Havia terreiro para jogar bolinha de gude. Nas ruas,

tinha pó; mas não era droga; era terra. Hoje não posso mais com a poeira; me acostumei ao asfalto, entre outras coisas. Mas, na época, dependia dela, para misturá-la ao suor da mão, a fim de firmar a bolinha de gude nos dedos, para aquela jogada certa, ou “apinhada”, conforme a terminologia daquele tempo.

Ainda contando com os benefícios da terra, havia em nossa cidade uma descida a qual chamávamos “a estrada vermelha”. Quando aparecia o sol, logo depois da chuva, e os carros passavam, aquilo ficava reluzente. Mais que apropriado para se soltar de carrinho de rolimã ou de rodas de madeira afixadas a prego, ou afixadas a um eixo de ferro.

Nossos compromissos eram estudar, brincar e ser feliz. Aliás, éramos felizes e sabíamos disso. Mas fazíamos planos: formar um time de futebol com o nome de um de nossos clubes do coração. Às vezes brigávamos e, quando fazíamos as pazes, a primeira coisa era retomar as atividades futebolísticas.

É. Não precisa muita coisa para ser feliz. Basta liberdade, amor, juízo ou falta dele.

CVI

Conheci-o quando trabalhávamos na mesma escola no interior de nossa cidade. Já havia conversado com ele ligeiramente numa livraria do centro. Mas o conheci mesmo durante o tempo em que rodávamos juntos preciosos quilômetros, partilhados com algumas colegas que iam conosco, até chegar ao local de nosso trabalho. Algumas vezes em que fizemos esse trajeto sozinhos, íamos em oração, conversando e partilhando vitórias, acertos, desafios e decepções, enfim, falávamos de nossa vida, de nossa família. Vi nele o encanto pela poesia e a leveza do Espírito Santo, em criar e compor poemas.

CVII

“**M**inha analista sugere que, depois que a doença se manifestou, nunca me apaixonei por ninguém sem estar eufórica. Não concordo com isso. Quando se está apaixonada a química do nosso corpo se altera e traz um contentamento. Me apaixonei muitas vezes e sei que o que sempre sentia vinha da mesma substância que conheci aos 15 anos, quando tive meu primeiro namorado. Analistas e psiquiatras podem saber muitas coisas sobre nós, mas não tudo” (Marina W. – *Não sou uma só: diário de uma bipolar*).

CVIII

Um vaivém do paraíso: assim é a vida, com nuances de infinito.

CIX

22 de agosto 1993.

Pétalas ao vento deixam no ar o perfume, como alguém que um dia partiu sem nunca ter ido embora.

CX

A primeira vez que nos vimos foi num baile. Ele dançava todas, e eu fiquei um bom tempo observando até que ele me percebeu e veio me convidar pra dançar. Nessa noite aconteceu algo inusitado. Lá pelas tantas, quando dançávamos uma seleção de música lenta, fomos surpreendidos pela canção do Peninha: (“Ela ama matemática, eu adoro português...”). Imagine, senhor cineasta, quantas vezes irá acontecer isso novamente?!

Eu era a sua garota dos números, e ele era o meu menino das letras. Ele dizia que eu havia redespertado a poesia em seu espírito. E que ela era o sopro da vida breve e eterna que Deus o havia infundido. Me agradecia sempre por eu ter sido a boca de Deus a soprar nos seus ouvidos e trazer um sopro de vida nova ao seu coração...

Não tenbo mais nada a declarar, senhor cineasta.

CXI

“**L**olita, luz de minha vida, fogo de meu lombo. Meu pecado, minha alma. Lolita: a ponta da língua fazendo uma viagem de três passos pelo céu da boca, a fim de bater de leve, no terceiro, de encontro aos dentes. LO.LITA.

Era LO, apenas LO, pela manhã, com suas meias curtas e seu um metro e quarenta e oito centímetros de altura. Era Lola em seus slacks. Era Dolly na escola. Era Dolores quando assinava o nome. Mas em meus braços era sempre Lolita.

Teve, acaso, uma precursora? Teve-a, de fato. Na verdade, bem poderia não ter havido Lolita alguma, não houvesse eu amado, num certo verão, uma certa garotinha inicial. Num principado junto ao mar: Oh, quando? Cerca de tantos anos antes de Lolita ter nascido quantos contava

eu naquele verão? Pode-se sempre esperar de um criminoso uma prosa de estilo extravagante.

Senhoras e senhores do júri, a prova número um é aquilo que os serafins – os mal informados, simples e alados serafins – invejam. Olhai este emaranhado de espinhos” (V. Nabokov – *Lolita*).

CXII

Às vezes, gostaria de ficar ali, onde uma melodia ou voz me apanha e me traz de volta ou me leva para outra dimensão onde sou música ou chuva. Não, eu não queria todas as virtudes delas. Só desejaria poder transportar-me para qualquer parte, a qualquer hora, e ter podido assistir – bem de perto – a composições e execuções de trilhas sonoras de Ennio Morricone, por exemplo. O lugar ao sol seria, definitivamente, metáfora, pois, antes que ele pensasse em se pôr, eu, há muito, já havia me tornado sinfonia ou vapor.

CXIII

5 de março de 2007.

É como se eu penetrasse nos mistérios do coração feminino. E descrevesse tudo o que vejo e sinto, conforme ela se transfigura, se descobre e se revela. É como se eu a estivesse desvendando.

Às vezes entro pelo sorriso, outras, pelas lágrimas, pelos diversos sentimentos e pensamentos, como uma poética psicanalítica. Quando me dou conta, estou na sua alma, e ela na mi-

na. E, assim, sem saber, também me descobre e me revela. Somos, enfim, descobridores dos sete mares do espírito humano.

Se por um lado tenho de pagar um preço, por outro, experimento coisas extraordinárias: como ver a transformação na fisionomia de uma mulher; o inesperado na minha vida e na dela; um momento que vai ressoar e quebrar a sua rotina e a minha por um bom tempo.

Eu vivo esses momentos intensamente. Mas o inevitável, para mim, também é certo. A minha vida é de extremos. Assim como vejo e sinto o que a maioria não experimenta, o oposto também é verdadeiro. Eu até acho que a minha vida, às vezes, parece uma felicidade condicional.

Não, não quero nem saber o que da vida é para o meu bico. Quero apenas viver cada vão minuto. E isto é extraordinário: fazer o bem às pessoas e sentir o bem que elas nos fazem.

CXIV

Era uma terça-feira, havíamos acabado a difícil missão do estágio e saímos pelos corredores da universidade, curtir um pouco a sensação de ser “quase um letrado”, como diria ele.

*Naquela noite, fomos prestigiar o trabalho de nossos colegas de curso. Eles haviam ornamentado a sala, festejando o Halloween. Demos uma olhada nos fantasmas e, quando estávamos nos retirando, alguém comentou que uma colega estava aniversariando naquele dia. O meu amigo, curioso, ficou na ponta dos pés até identificar a linda jovem. E então vociferou para mim: “Como pode uma princesa ter nascido no dia das bruxas?!”.
E como sempre, já se encantou pela moça.*

No ano seguinte, no curso de pós-graduação, certo dia chegou um rapaz, com um livro na mão, procurando pelo meu amigo. Eu o chamei, e ele veio todo faceiro,

pensando tratar-se de um fã atrás de um autógrafo: “É você o autor deste livro?”, perguntou o recém-chegado. “Sim”, respondeu meu amigo, sem conter a empolgação. “E eu sou o namorado da moça para a qual você deu este livro”, disse o moço, devolvendo-lhe a sua pequena obra-prima, e dando-lhe as costas, em seguida, sem dizer mais nenhuma palavra.

Meu amigo ficou boquiaberto ante aquela cena. Mas volta e meia comentava o ocorrido, sempre com bom humor.

CXV

“De qualquer modo, não deixamos de ler histórias de ficção, porque é nelas que procuramos uma fórmula para dar sentido a nossa existência. Afinal, ao longo de nossa vida buscamos uma história de nossas origens que nos diga por que nascemos e por que vivemos. Às vezes procuramos uma história cósmica, a história do universo, ou nossa história pessoal (que contamos a nosso confessor ou a nosso analista, ou que escrevemos nas páginas de um diário). Às vezes, nossa história pessoal coincide com a história do universo” (U. Eco – *Seis passeios pelos bosques da ficção*).

CXVI

Exponho o rosto ao sol, luz que me queima e me ilumina e me dá a cor do bronze e o peso do ouro.

CXVII

25 de novembro de (?).

Um dia desses, ouvi um professor, colega meu, relatar um episódio dramático de sua vida de educador. Havíamos recém-saído do conselho de classe e nos dirigíamos à sala dos professores a fim de fazer um lanche. Enquanto digeríamos o café com biscoitos, ele nos contou as suas horas difíceis.

“– Eu tinha uma saúde ótima! Um dia, de repente, me senti muito mal – iniciou o seu relato. – E fui levado às pressas ao hospital.

– Tem que operar imediatamente – me disseram. – Trata-se de um tumor.

– Quanto vai custar a cirurgia? – perguntei.

– Vinte mil reais – respondeu uma senhora da administração.

– Vinte mil! – repeti. – Estou morto, então. De onde vou tirar esse dinheiro?

Minha esposa começou a chorar. E eu já chorei também. O que eu tinha de valor, na época, era meu carro, avaliado em 16 mil reais.

– Posso dar 15 mil de entrada? – arrisquei, porque na verdade teria de vender o carro ainda. E diga-se, era minha ferramenta de trabalho. Mas, como não havia chegado a minha hora, o médico, vendo o meu estado de calamidade pública educacional, reavaliou a situação.

– Olha – disse ele –, a anestesia vai custar uns 3 mil reais, mais outras despesas e o internamento. Dá pra fazer por 6 mil.

A gente não tinha nem esse. Então minha mulher ligou pro banco, e conseguimos um empréstimo. Fiquei hospitalizado

menos que o necessário. Recebi alta forçada, porque o valor que pagamos dava direito a um tempo limitado. Fui pra casa, sentindo muitas dores e tontura. E pensando na precariedade da nossa condição de educador e na incompetência do Estado, que, mesmo sabendo o quão insalubre é a nossa profissão, não nos garante um plano de saúde decente”.

O professor ainda continuou sua história. Mas isso já é suficiente para estabelecer uma relação com o discurso da professora do documentário *Pro dia nascer feliz*, de João Jardim.

Perguntada por que os professores faltam com certa frequência, a professora desabafa:

“– Eu falto por cansaço. Porque ser professor e estar envolvido com a profissão, com eles, os alunos, é uma carga física e mental muito grande. É mais que o ser humano pode suportar. Porque é muito psicológico. Eu faço terapia uma vez por mês. Eu tenho que ir ao psiquiatra, porque não dá. Porque você se envolve com os problemas deles. E nem sempre você tem um retorno. Às vezes você entra numa sala de aula e você é mal recebido. Porque o professor ainda é visto pela maioria dos alunos como o inimigo. Então existe um abismo muito grande ainda entre professor e aluno, professor e diretor. A impressão que eu tenho é que ninguém se entende. A falta acontece por isso. Às vezes é... Puxa vida! Você estudou. E entra numa sala de aula, e o cara manda você tomar ‘naquele lugar’. Então é complicado lidar com essa situação. O papel do professor na sociedade, ele é muito importante. Só que ninguém dá essa importância. Então quando você abandona o profissional, ele tende a quê? A deixar pra lá. Acho que o professor, ele perdeu a dignidade, na verdade. A gente não tem dignidade pra trabalhar. Você tem que aceitar muitas coisas dentro da sala de aula. E isso vai deixando você com o espírito, assim, cada vez mais pobre. O Estado deixa tudo muito jogado. Não tem ninguém ali pra falar: ‘Olha, mas você está dando essa aula. Como é que está sendo?’. Maquiam-se muito as coisas. De repente, ‘Ah, não vou dar nota vermelha,

porque eu vou ter que fazer um documento, falando por que eu dei a nota vermelha pro indivíduo'. Então, pra não ter esse trabalho. Põe lá uma nota azul. Passa logo o infeliz. Está todo mundo cansado de ouvir quais são os problemas da educação, mas ninguém faz nada".

Corroborando as palavras da professora do documentário, somos instados a correr atrás dos alunos até conseguir com que eles façam provas. É ordem do Setor Regional de Educação.

Agora, será que a vida vai correr atrás desse aluno? Será que o patrão dele, num futuro próximo, vai fazer isso? Que tipo de aluno, estamos formando? Ele sabe que está sendo iludido e concorda com isso? Ou será por que o Estado está mais preocupado com estatísticas do que com a verdadeira formação do aluno? E as condições de trabalho do professor, como ficam?

CXVIII

— **E**u adoro esse cardápio de hoje — disse uma voz imediatamente atrás de mim, na fila do RU.

Não imaginava que ficaríamos amigos tão rapidamente. Ele fazia mestrado, e eu, psicologia. Ele brincava comigo, dizendo que gostava de fazer amizade com as meninas de psico, porque poderia fazer terapia de graça. É claro que ele estava realmente brincando. Mas, infelizmente, acabei acompanhando momentos bem críticos de sua vida.

No dia em que nos conhecemos, ele me mostrou um de seus livros e me convidou para um novo lançamento:

— Lembra quando te falei que um certo livro não dormiria naquela noite? — me escreveu ele. — Pois é; ele não dormiu também na segunda, nem na terceira, nem na quarta... E a cada noite, ele vira uma página. E está contando os dias e as noites, até que aquela menina maravilhosa possa folheá-lo novamente. E para isso,

ele a espera no dia 17 de junho às 15h30 no hall térreo da biblioteca pública para o lançamento de sua Antologia precoce.

Incrível! Ele parecia respirar poesia!

CXIX

“Comecei a escrever imediatamente, mas, quanto mais eu escrevia, menos eu gostava. Comecei outro esboço. E outro. E então me veio uma ideia inteiramente nova. Uma nova história. Nada mais de criadores de gado e de pastores de ovelha, mas algo mais convencional, feito de fragmentos de filmes que eu me lembrava da infância. A coisa andou rápido. As páginas se acumularam. Foi engraçado. Fiquei ligado. Escrevi vinte páginas de uma sentada” (John Fante – *Sonhos de Bunker Hill*).

CXX

Se a dor é a pedra de toque do amor, eu conheci os dois. Resistido a um dos estágios mais pungentes no processo de aprendizagem de amar, comecei a experimentar a beleza e a suavidade do amor: de um amor maduro, emancipado. Na independência, contemplei as faces humana e divina. E é um misto de poesia e benquerer. Um cultivo de carinho. Quase adoração. A fronteira com o infinito, numa dimensão gloriosa de plenitude e assombro.

CXXI

12 de junho de 2001.

Hoje, pela manhã, vi dois jovens em infinita ternura, como se desde sempre houvessem nascido um para o outro. Confesso que tal qual uma pétala de outono, fiquei com algumas pontinhas de inveja da primavera que ali se anunciava. E só mais tarde me dei conta que era o Dia dos Namorados. E já não havia mais nenhuma razão para o ciúme. Era a estação do amor que eles celebravam.

CXXII

Uma das vezes em que fui passar o Dia dos Pais com ele, entre outras coisas, jogamos bola. Eu devia ter uns 5 anos de idade, mais ou menos. Lembro que, na hora de irmos embora do parque, ele disse:

– Agora vamos pra casa e tomar aquele banho!

– Eu vou arrancar meu coração e vou lavar meu sangue! – exclamei eu, para espanto de meu pai.

Ele ficou perplexo com o meu lampejo poético. Deve ter pensado consigo: “Esse garoto já nasceu com a poesia, literalmente, no sangue!”. E deve ter se lembrado do livro O feijão e o sonho, que conta a história de um poeta que teve uma vida muito difícil, tentando comungar esses dois elementos, quase sempre, tão antagônicos, e, de quebra, o filho adorava poesia.

CXXIII

“[...] a realidade é sempre, enquanto totalidade, muito mais variada e rica que qualquer obra de arte, inclusive que a obra mais matizada; um detalhe ou um episódio copiado da realidade, com toda a precisão, ou seja, biograficamente autêntico, não pode chegar jamais à realidade, se se trata de representar tal como é factualmente” (G. Lukács – *La novela histórica*).

CXXIV

A sua ausência é proporcional a minha falta de habilidade para lidar com ela. Se ao menos o meu talento com a linguagem me fosse suficiente, encontraria a palavra certa para o justo lugar. E, assim, quem sabe, supriria aquela falta ou tentaria explicar o fato de, tão raramente, nesta seara, lograr algum êxito. E, paradoxalmente, até suscitaria um discreto glamour numa aquarela sem cor.

CXXV

14 de março de 1997.

Muitos, às vezes, inclusive os alunos, mas não só eles, dizem não gostar de poesia, pela sua fama complexa. Sei que sou suspeito em defendê-la; mas eu acho que tem mais a ver com a impressão causada pela forma que propriamente pela linguagem hermética ou vocabulário rebuscado. Sei que estou sendo deveras didático. Deve ser mal de professor.

Em todo caso, há poema repleto de rima e desprovido de beleza e de conteúdo, isto é, de poesia. Bem como há prosa poética e poema em prosa. Quer dizer, não é necessariamente a beleza do instrumento que produz o arranjo da música. Pode contribuir para com o visual da orquestra. Mas, sozinho, não executa nenhuma peça.

Convenhamos: há poetas que conseguem combinar a beleza da forma com a densidade temática e outros que conseguem conciliar a sofisticação estética com a profundidade filosófica. Não obstante, há aqueles que, embora dominem a forma fixa, optem pelo verso livre. Não raro, é na simplicidade da superfície que se encontram a maior profundidade e o retorno mais suave aos ouvidos do esteta.

CXXVI

Certa vez, ele dividiu a turma em equipes e distribuiu temas a fim de que nós produzíssemos um vídeo. Cada equipe produziu o seu. Depois os exibimos no cinema da cidade. Foi muito legal. Tal apresentação consistiu no encerramento das atividades daquele bimestre.

CXXVII

“Para dissipar alguns malentendidos [sic] que surgiram entre os leitores, inclusive entre leitores profissionais da imprensa brasileira, gostaria de enfatizar o fato de que *Santa Evita* é um romance. Se dá a impressão de ser uma reportagem é porque invertei deliberadamente a estratégia do chamado jornalismo dos anos 60 [...] [em que] se contava um fato real com a técnica do romance. Em *Santa Evita* o procedimento narrativo é exatamente o inverso: contam-se fatos fictícios como se fossem reais, empregando algumas técnicas do jornalismo. [...] Onde o romance diz: ‘Eu vi’, ‘Eu estive’. ‘Eu revisei tais ou quais fichas’, as frases devem entender-se no mesmo sentido em que se entendem as primeiras pessoas, os ‘eu’ de romances como de Dickens, Proust ou Kafka: esse eu é um eu da imaginação, que aparece como testemunha fictícia para dar credibilidade a acontecimentos que às vezes são inverossímeis” (T. E. Martínez).

CXXVIII

Agora eu entendo o envolvimento dos grandes autores com suas grandes obras. Não, por favor, não me entendam mal. Não estou querendo me comparar a eles. Ainda sou pequeno demais. Estou apenas engatinhando. Inclusive neste roteiro.

CXXIX

26 de abril de 1995.

“Cama é para os simples mortais; os gênios dormem em qualquer parte”. Como sempre gostei de dormir no sofá, ao ler tais palavras, senti-me qual um Shakespeare. Mas, como alegria de gênio dura pouco, logo me ocorreu que os mendigos, os bêbados, os meninos de rua e tantos outros deserdados pelo mundo afora também repousam em qualquer lugar.

CXXX

Não nos conhecíamos ainda. Mas tínhamos uma amiga em comum, a qual, vez ou outra, sabendo que eu também escrevia, me trazia os poemas dele para eu conhecer. Então quis saudá-lo com a minha poesia e enviei-lhe um “cartão de visita”:

*“Te parablenizo / num improviso / sob meu riso / de sonhos que não realizo.
// Tens o dom afim ao meu, / meu modo de escrever é oposto ao teu, / pois meus
sentimentos provêm do breu. // Pelo sonho que se realiza, / sou poetisa, / pela vida
que se completa, / és poeta”.*

CXXXI

“S.K.: – Então quando você tiver terminado um bom pedaço, trinta, quarenta páginas, dá para mandá-las para mim?

F.R.: – Você é o único diretor no mundo para quem eu diria isso, e digo isso muito relutantemente...

S.K.: – Compreendo perfeitamente.

F.R.: – Sim, mandarei.

S.K.: – É que não quero que você enverede por um caminho que não quero seguir. Seria uma perda de tempo seu e...

F.R.: – Páginas. Minha nossa! Odeio isso, mas vou fazer. Não apenas porque transforma a arte de escrever o roteiro em algo como a tapeçaria de Penélope, para sempre sendo desmanchada, quando parece chegar ao fim...” (Frederic Raphael – *Kubrick: de olhos bem abertos*).

CXXXII

Exploramos o desconhecido e nos espantamos com o que descobrimos. Imaginamos, então, se fôssemos além da coragem que a curiosidade nos leva a conhecer outros mundos bem mais fascinantes que o sonho alcança. Limite não há; a imaginação é criança.

CXXXIII

7 de maio de 2001.

Você é uma menina adorável, e eu gostaria imensamente de conversarmos até que todo o meu repertório poético fosse esgotado a fim de tentar em vão dizer tudo de bom e de belo que você irradia. E nas entrelinhas de meus versos, eu desejaria vê-la mergulhar na alma do ser humano, perscrutar os seus mistérios e emergir com o espanto de um Da Vinci diante da *Mona Lisa*.

CXXXIV

Ele dizia que a invenção do laptop foi inspirada nele. Pois a maioria de seus livros, ele escreveu primeiramente em cadernos sobre o colo, como numa prancheta. E assim sucedeu também com sua dissertação.

CXXXV

“Os livros sabem de cor / milhares de poemas. / Que memória! / Lembrar, assim, vale a pena. / Vale a pena o desperdício, / Ulisses voltou de Tróia, / assim como Dante disse, / o céu não vale uma história. / Um

día, o diabo veio / seduzir um doutor Fausto. / Byron era verdadeiro. / Fernando, pessoa, era falso. / Mallarmé era pálido, / mais parecia uma página. / Rimbaud se mandou pra África, / Hemingway de miragens. / Os livros sabem tudo. / Já sabem deste dilema. / Só não sabem que, no fundo, / ler não passa de uma lenda” (P. Leminski – “M. de memória”).

CXXXVI

Pelo taciturno pomar dos sonhos vagueio cantarolando a canção do só.

CXXXVII

27 de agosto de (?).

Relutei para iniciar esta página de meu diário e de minha vida.

Já faz muitos anos, desde a primeira manifestação da minha moléstia, como diria meu pai. Embora, para alguns especialistas, a bipolaridade não seja considerada uma doença – assim como para muita gente, por desconhecimento, talvez, a depressão seja sintoma de fraqueza –, tanto uma como a outra já levaram muitas pessoas comuns e grandes talentos da literatura e de outras artes ao suicídio: entre eles, a poetisa norte-americana Sylvia Plath; a escritora, ensaísta e editora britânica Virginia Woolf; e o escritor, Nobel, norte-americano Ernest Hemingway.

A maior fraqueza nem sempre consiste em sucumbir a uma determinada doença ou situação, mas na ignorância do

preconceito ou no preconceito da ignorância. Lembremo-nos do tempo em que se isolavam as pessoas acometidas pela terrível lepra, a doença do estigma, hoje conhecida como hanseníase. Tão somente a substituição da nomenclatura, graças aos estudos de um jovem médico norueguês, Gerhard Hansen, que, em 1874, descobriu o bacilo dessa patologia, e mais um tanto de conscientização, através de campanhas publicitárias e tratamento adequado, amenizou-se a discriminação.

Como também sofro da cultura do “ouvi dizer”, foi preciso passar por muita dor e sofrimento para, daí, buscar ajuda.

– Você precisa fazer algum tratamento – dizia minha irmã mais nova. – Você estuda tanto!

– Você precisa tomar algum remédio para fortalecimento do cérebro – dizia minha mãe. – Você força muito a ideia!

E assim caminhava a humanidade. E eu percebia que meus ânimos eram diferentes dos da maioria das pessoas. Eu era mais intenso em tudo. Mas sempre nos extremos. Nesse período, passava mais tempo em casa, lendo e escrevendo. Aquele meu primeiro surto não havia sido levado muito a sério. Até que um dia, mais de 20 anos depois, em seguida a um avassalador estresse, fui apresentado novamente ao abismo, do qual, por muitas vezes, quase desisti de tentar sair, tal era o meu horror.

Lembro que um dia, retornando de uma viagem, senti-me naquele ônibus como se estivesse numa imensa mortalha, assistindo ao meu próprio funeral. Quando cheguei a minha casa, na verdade, um apartamento, o qual dividia com um amigo, tive uma crise de quase me virar pelo avesso. Meu coração quase saiu de fato pela boca. Ainda tive mais algumas dessa.

Passados vários meses, assombrado pela dor implacável, como se alguém me estivesse esmagando a alma, procurei ajuda profissional. Depois de algumas sessões de terapia, ainda continuava me sentindo muito mal. Então a psicóloga me orientou a procurar inicialmente um clínico geral, sugerindo que se tratava de um caso depressivo.

Relutei e não fui ao médico. A consequência de minha teimosia e ignorância me fez, certa vez, depois de ser assaltado por uma ansiedade da morte, sair de casa, chorando e literalmente correndo, em direção ao hospital e pedir socorro. De lá, fui encaminhado a um departamento específico-emergencial para esse tipo de caso.

Era um lugar infinitamente triste. E, embora o meu estado fosse bastante crítico, tive de esperar para ser atendido. Enquanto aguardava, fui-me “familiarizando” com o aspecto horrendo daquele lugar e das pessoas que ali se encontravam, em situação semelhante e pior que a minha.

Enfim, fui atendido. O psiquiatra, com o qual consultei, foi bem atencioso. Receitou-me dois medicamentos os quais apanhei no local e que, a princípio, iriam me ajudar, disse ele, e me encaminhou a uma unidade de saúde a qual assistia ao bairro onde eu morava.

Despedi-me do médico, agradecendo-lhe a atenção, e saí, como diria o Drummond, “de branco pela rua cinzenta”, tomado de pavor e de dúvida se devia mesmo tomar um daqueles remédios. Liguei para um amigo que já havia passado por algo parecido. E ele até riu de mim.

– De quantas mg é o comprimido?

Encorajei-me e tomei o remédio. Não senti nada, além de uma tontura e uma secura de boca como nunca havia sentido.

CXXXVIII

*N*ós participávamos do mesmo grupo de jovens. Lembro-me de um malogrado passeio nosso numa noite de muita chuva e barro, em que uma garotinha esbravejou deveras, porque um moço, muito do apaixonado, convidou-a para participar de uma festa

na chácara de um conhecido da garotada.

Para tal, havia convencido a mãe da menina a deixar a filha nos acompanhar para aquele evento. Mas não fazíamos ideia das condições da estrada, e nosso veículo encalhou, no retorno da festa que, na verdade, nem chegou a acontecer, porque as dependências da chácara, onde nos divertiríamos naquela noite, encontravam-se totalmente encharcadas pela água da chuva e cobertas de folhas arrebatadas por uma tempestade caída na véspera.

Chegamos lá e mal constatamos a situação de calamidade, viramos de volta, frustrados, tristes, porque todo o esforço e risco de nosso amigo não lhe havia servido de nada, a não ser para ver pela primeira vez a garotinha que ele amava, assim, tão furiosa. Ela tentava se desvencilhar do barro e da lama que infestava a estrada em plena noite de céu desprovido de estrelas, ausente de lua e pleno de breu, tal qual o pensamento do mancebo “Romeu”. Este, por sua vez, encontrava-se em “maus lençóis”, porque teria de acompanhar a donzela “Julietta”, como havia prometido à mãe da pequena beldade, e explicar o atraso da “entrega”, nem tanto sã e salva, porque quase irreconhecível, tal era a fantasia de lama de que havia se ornado no caminho de volta à casa materna. Graças a Deus, que o pai da menina já estava dormindo, e assim, o destino do menino, nem tão menino, assim, teve vida mais longa do que o seu espírito de aventura e sua vã poesia poderiam supor.

CXXXIX

“**E**la me amou pelos perigos que enfrentei, e eu a amei por se comover com isso” (Shakespeare – *Otelo*).

CXL

O poema já sem vida. A poesia, alma do poeta, está distante, exilada, em algum lugar onde o tempo coagulou.

CXLI

17 de agosto de (?).

“Multidão de alunos, professores e funcionários, quadra para praticar esportes, quadros-negros, mesas, escrivaninhas e cadeiras, arquivos abarrotados, biblioteca repleta de bons livros, e eu p e r a m b u l a n d o pelos corredores, buscando preencher o vazio que ela deixou”.

O texto acima é de um aluno do ensino médio. Ele escreveu a partir de uma proposta que fiz à turma, com o intuito de que expressassem suas emoções e sentimentos.

Tal atividade foi inspirada no filme francês, indicado ao Oscar de Melhor Filme Estrangeiro e vencedor da Palma de Ouro no Festival de Cannes, *Entre les murs* (2008) [Exibido no Brasil com o título *Entre os muros da escola*], do diretor Laurent Cantet. Vale dizer que o professor-protagonista, François Marin, é vivido no filme por François Bégaudeau, também autor do livro homônimo, no qual Cantet se inspirou.

Embora, no filme, segundo Cléber Eduardo, em sua contundente resenha, publicada em março de 2009, no site da *Revista Cinética*, a proposta de produção de texto, solicitada pelo

professor de francês, como estratégia pedagógica-conciliatória para levar os alunos a escreverem a partir de seus sentimentos, configure-se num modo de “controlá-los pela informação sobre suas interioridades expressas em palavras”, é possível afirmar que pode também contribuir para que o aluno se descubra como artista.

E a arte, nesse sentido, se apresenta como uma forma de autoconhecimento e de autossuperação, sem, contudo, tentar se impor como doutrina, uma vez que ela não dá resposta pronta, mas sugere possibilidades de lidarmos com nossas angústias, em qualquer fase da vida.

Tomemos o texto do aluno. Se, por um lado, sugere um sintoma do momento que está vivendo, por outro, abre-se uma possibilidade de o autor-aluno aprender a assumir o próprio sentimento. E, ao partilhá-lo com a turma, descobre que não é o único a sentir tais inquietações. Portanto não está sozinho. E que, na arte, a sua dor ou qualquer outro tipo de sentimento pode tomar forma de beleza.

CXLII

*T*erminei de ler as primeiras cenas do roteiro de seu filme. E devo agradecer imensamente por você ter me enviado. A palavra que, na minha opinião, melhor define o que li é reconhecimento. O reconhecimento que temos de algo que nos é familiar. De certa forma, acompanhei o seu trabalho literário e jornalístico, sua busca incessante por seus objetivos. Desejo-lhe que tenha também êxito no campo da sétima arte. Minha opinião é modesta e amadora, mas gostei muito do que li, da forma lúdica, suave e convidativa de retratar a vida. Como não sou crítico nem tenho tais habilidades, vou parar por aqui para não correr o risco de afetar este texto.

CXLIII

“[...] fico imaginando uma porção de garotinhos brincando de alguma coisa num baita campo de centeio e tudo. Milhares de garotinhos, e ninguém por perto – quer dizer, ninguém grande – a não ser eu. E eu fico na beirada de um precipício maluco. Sabe o quê que eu tenho de fazer? Tenho que agarrar todo mundo que vai cair no abismo. Quer dizer, se um deles começar a correr sem olhar onde está indo, eu tenho que aparecer de algum canto e agarrar o garoto. Só isso que eu ia fazer o dia todo. Só ia ser o apanhador no campo de centeio e tudo. Sei que é maluquice, mas é a única coisa que eu queria fazer. Sei que é maluquice” (J. D. Salinger – *O apanhador no campo de centeio*).

CXLIV

O rosto divino no semblante de meu filho – diante de mim – são os olhos de Deus numa interrogação diante da minha que não tem fim.

CXLV

18 de setembro de (?).

Como embasamento teórico para meu malgrado documentário, entre outras bibliografias, li o livro *O professor refém* (2006), de Tania Zagury.

Para a realização dessa obra, a autora entrevistou 1.172 professores da rede pública e particular de todo o Brasil.

Dentre tantos dados relevantes levantados pela pesquisadora, os quais bem ilustram a situação da educação brasileira, estão, por um lado, os pais, que perderam a autoridade em relação aos filhos, e, por outro, a escola, que perdeu a autoridade em relação aos alunos. Daí, segundo a autora, o desinteresse e a indisciplina dos alunos configurarem-se nos maiores problemas enfrentados pelos professores.

Isso, segundo Tania Zagury, deve-se ao fato de sairmos de uma total falta de liberdade, da época dos regimes totalitários, para uma total liberdade, promovida pela abertura democrática. Diga-se que a autora, absolutamente, não é contra o regime democrático, e sim contra as mudanças pedagógicas descoordenadas que ocorreram nos últimos tempos.

Em consequência disso, acrescente-se o fato de que a formação de um aluno que sai hoje (entenda-se à época da pesquisa) do ensino médio equivale a de um aluno que saía da 8ª série, algumas décadas atrás.

Abordei esses e outros resultados da pesquisa, com meus alunos de ensino fundamental e médio. E ouvi também as suas opiniões a respeito de conselho de classe, relação professor-aluno na sala de aula e o nível de formação que os alunos saem atualmente do ensino médio.

Muitos são contra a aprovação de alunos pelo conselho. Porque favorece os preguiçosos. E isso é injusto. Um dos que se considerava preguiçoso, quando perguntado, respondeu que havia passado sempre pelo conselho. Outro aluno respondeu que se não fosse o conselho de classe, ele não estaria se formando.

Quanto ao nível de aprendizado com que deixarão o ensino básico, boa parte dos alunos concorda com o resultado da pesquisa de Tania Zagury, e diz que a escola está cobrando pouco, em termos de conteúdo.

Quanto à indisciplina, eles também têm consciência. Alguns afirmaram ver professores saírem chorando da sala de aula. Isto, em turma considerada boa, em termos disciplinares.

Algo interessante, posto em xeque por Zagury, é a não reprovação do aluno sob pena de traumatizá-lo, como se na vida nunca fosse passar por frustrações.

No período em que debati com os alunos os itens acima e realizei a leitura de *O professor refém*, escrevi para a autora a fim de saber se ela poderia gravar um vídeo, avaliando as mudanças que ocorreram na educação, nos últimos anos, desde a publicação de seu livro.

– Professor, infelizmente tudo que eu poderia dizer no vídeo já está dito no livro – lamentou –; no geral, nada de substancial mudou ainda. Dessa forma, considero redundante fazer o vídeo. Desejo-lhe muito sucesso no final de seu trabalho.

Nunca amarguei uma reprovação na vida escolar. Mas confesso que fiquei um pouco frustrado com a negativa justificada da autora. Claro, não chegou nem perto do que senti ao constatar que havia perdido minhas gravações.

CXLVI

– **B**om dia!

– *Bom dia! Como você está?*

– *Estou bem, e você?*

– *Também!*

– *Que bom!*

– *Aqui sentado no sofá, com o laptop no colo e debaixo de um cobertor dobrado em quatro, e assistindo à BBC.*

– *Nossa! Que vida, hein!*

– *Mas, daqui a pouco, vou enfrentar um banho frio, porque meu chuveiro não está funcionando.*

– *Nossa!*

– *Nem tudo são flores por aqui. A pia também está congestionada. E o encanador “me deu os canos”.*

– *Só você mesmo.*

– *Estou quase caindo em depressão. O cobertor está dobrado várias vezes, porque estou com princípio de maleita.*

– *Sério?*

– *Vou tomar banho, porque daqui a pouco alguém da equipe médica itinerante vai passar por aqui para me levar direto ao pronto-socorro.*

– *Tá bom.*

– *Estou sozinho. Minha mãe está no céu. Meu pai também. Meus irmãos e sobrinhos estão em outra cidade, na casa de minha irmã mais velha. Meu filho, igualmente, está longe, em outro estado. Não sei o que vou fazer se você não chegar aqui, dentro de alguns minutos.*

– *Estou entendendo.*

– *Eis um conto desesperado. Vou publicar e dedicar a você. Que acha?*

– *Oh, legal!*

– *Vem cá! Você foi minha aluna?*

– *Sou sua aluna!*

- *Ab, tá! A “namorada” do...?*
- *Não.*
- *De que turma?*
- *Do 3º.*
- *Desculpe. É que ainda não me familiarizei com vocês. Há também a questão da idade!*
- *É.*
- *Que legal! Depois vou dar uma melhorada no texto, dá público. Qualquer dia desses, eu leio na sala. Só para fazermos inveja pros demais, não é?*
- *Aham. Sim, sim.*
- *Olha, um beijo pra você. Preciso ir ao meu compromisso.*
- *Tá bom. Tchau. beijos.*
- *Obrigado por me “chamar”.*
- *Ab!*
- *Fique bem!*
- *Você também.*

CXLVII

“**P**ode parecer contraditório, como sempre pode ter parecido no cinema e nas reivindicações de aproximação entre realidade e ficção, mas o mérito de certas ficções, nos paradigmas de avaliação de muitos críticos e espectadores, é nem parecer uma ficção. Há quem chame esses filmes de ficção documental, no sentido de acesso direto à realidade, sem tanta mediação e estilização” (Cléber Eduardo sobre o filme *Entre os muros da escola*).

CXLVIII

Não se sabe se foi o sistema ou a burocracia; se o sistema burocrático ou a burocracia sistemática. Só se sabe que (e)levaram a bolsa, mas tal índice não implicou a oscilação do dólar nem a da inflação – só a conta do sujeito que ficou órfã. Fazer o que, se estamos inseridos até a medula nesse sistema de uma figa, e nossa vida está imersa numa montanha de papéis?

CXLIX

5 de julho de 2005.

Por razões óbvias, nunca saberei o verdadeiro significado de ser mãe. Mas Deus me deu a graça de ser pai.

Lembro-me bem do dia em que fui visitar meu filho na maternidade. Ele estava dormindo. Naquele momento, não sei descrever o que senti!

Lembro-me também quando o peguei no colo pela primeira vez, e ele me olhou nos olhos! A minha reação foi de felicidade e espanto – eu era responsável por aquela criaturinha.

Outro grande momento foi maravilhosamente complicado – para mim e para ele. Foi a primeira vez que dei banho nele. Meu Deus! Depois do banho, na hora de vesti-lo, eu o fiz de maneira meio desajeitada, e ele teve uma crise de choro. Acho que eu o assustei. Diante disso, me desesperei e chorei junto. Que vexame, de minha parte. Em seguida, a muito custo, consegui

acalmá-lo. Não sem antes dar-lhe a mamadeira. E não sei se foi uma forma de agradecimento, mas foi a primeira vez que ele me sorriu. E esse talvez tenha sido o maior acontecimento de minha vida, pois, a partir dali, não mais precisei me perguntar como é o rosto de Deus.

CL

Vou ler com prazer o seu roteiro e farei comentários. Nos próximos dias não terei tempo para ler, estou com a agenda cheia com as providências que tenho que tomar antes de viajar. Até o final da semana tenho que estar em Berlim. Assim que puder, farei a leitura. Espero que você esteja bem e que a sua vida vá seguindo como deve ser, com os esforços devidamente recompensados.

CLI

“O roteiro estava, então, com diálogos mais literários, e com todo o toque feminino que eu conseguira dar. Estávamos orgulhosos do nosso trabalho e distribuimos várias cópias a pessoas conhecidas, para colher opiniões. Mas ao lado de alguns elogios, essas leituras externas trouxeram principalmente indicações de coisas que ainda não estavam funcionando. Por que a personagem está sempre fugindo? [...] O que, afinal, ela quer?”
(*Sabina Anzategui – roteirista*).

CLII

Inserir para depois contestar significa, paradoxalmente, estar inevitavelmente envolvido naquilo que se pretende questionar.

CLIII

23 de abril de (?).

Gosto muito de ler ensaios literários, mas, embora tenha estudado literatura, não me apetece analisar, pelo menos por escrito, nenhuma obra do gênero. Definitivamente não tenho vocação para crítico literário. Talvez por isso, em se tratando de escrever, tenha optado pela ficção e a poesia.

Mas, talvez por isso também, admiro tanto a paciência e o talento dos bons e ousados críticos que, a meu ver, têm imensa importância na formação de leitores, no sentido de ajudá-los a descobrir grandes obras, como um *Grande sertão: veredas*, por exemplo, ou levá-los a ler, sem preconceito, os textos bíblicos.

Um crítico, com tal quilate, me parece tão brilhante e necessário para a literatura quanto a um exímio ficcionista.

Um dia desses, fiquei feliz ao conhecer o trabalho de um crítico, sobretudo por tratar-se de um *crítico metafísico*, conforme o categorizei.

Disse a ele que gostaria de saber o que os seus colegas críticos, na sua grande maioria, antimetafísicos, diriam ou dizem de suas interpretações.

Lembro-me de um congresso, em que o palestrante afirmou que “a metafísica não explica nada”. E seu discurso revelava pouco caso com a fé religiosa.

Num dos ensaios, do *não referido crítico*, ele fala sobre a opressão espiritual, sofrida por um determinado escritor.

Infelizmente, isso não é tão raro no meio acadêmico. Dá-me a impressão de que o jovem vai para universidade, proibido de falar em Deus, sob pena de constrangimento.

Agora, o que acho engraçado é que os que se declaram ateus também elegem seus “deuses”; e são bem fanáticos. Lembro-me daquele mesmo palestrante antimetafísico, que, em sua fala, a todo tempo citava um determinado estudioso da linguagem e da literatura, dizendo, “nisto fulano de tal pode nos ajudar”. Era o “seu deus”.

CLIV

Em nossas conversas, meu pai nunca falou explicitamente. Mas dava a entender, nas entrelinhas, que a sua maior frustração foi não ter dado certo seu relacionamento com minha mãe.

Ele sempre dizia que eu era uma criança maravilhosa. E lamentava, profundamente, não ter podido conviver mais proximamente de mim por mais tempo. Mas não houve um só encontro nosso ou telefonema em que ele não tenha dito o quanto eu era importante na vida dele.

Não que fosse necessário ele dizer. É que parecia querer compensar, de alguma forma, uma lacuna inexorável em nossa vida. Ainda mais para ele, cuja ideia de família, como valor, estava tão entranhada em sua cultura, em seu pensamento e, principalmente, em seu coração.

CLV

“Édipo, conduzido por Antígona, Lear, por Cordélia, Gloucester, por Edgar, materializam, na ficção do teatro, a precariedade do equilíbrio, a vulnerabilidade do corpo à desaprendizagem da mais simples e mais misteriosa das capacidades humanas: o caminhar” (Peter Stallybrass – “O mistério do caminhar”).

CLVI

Existem pessoas que já estiveram conosco em momentos-limite de nossa vida. E sabem, portanto, que sobrevivemos, menos por nossas forças que por seu apoio. E, ainda assim, nos fazem crer que a nossa eventual coragem de então fez toda a diferença.

CLVII

18 de janeiro de 2007.

Uma coisa que ainda me intriga é o que me disse, certa vez, uma psicóloga: que os baixos ânimos do paciente bipolar, talvez se devam ao fato de ele gastar muita energia nos momentos de euforia. E a outra coisa que igualmente me inquieta é o fato de a

peessoa não saber se determinado comportamento ou sentimento dela se deve, vamos dizer, ao distúrbio, ou ela o está usando como desculpa ou pretexto para tirar alguma vantagem de seu transtorno. Quer dizer, uma espécie de autoengano.

CLVIII

Desculpe a demora em responder-lhe. Recebi seu roteiro e o li todo de uma vez. Não consegui parar até terminar. Me surpreendi ao ver uma personagem que me é muito familiar, ficcionada por você.

Mas tive que reler para poder dar uma opinião mais coerente e menos emocional. Achei incrível a maneira com que você aborda vários assuntos, levando o leitor a imaginar situações vividas até por ele mesmo.

Num trecho você diz que a função do artista é falar por aqueles que são impedidos ou que têm medo de represálias. Mas eu atentaria para o fato de nomear os alvos; no caso de poderosos que podem impedir uma ascensão de seu trabalho.

Que tal substituir TV Cosmo por uma emissora que se acha poderosa por ter Ibope com a classe menos pensante do planeta? Torço para que logo termine as filmagens. Estou ansiosa para ver como ficará sua história na tela grande.

CLIX

“Trilogia é um livro de catarse. Aproximadamente em 1990 entro numa crise pessoal, e, ao mesmo tempo, o país entra também em crise. Se danaram muitas coisas ao mesmo tempo; e ou eu me suicidava ou fazia algo. Comecei a beber rum e a escrever todos esses contos baseado no que acontecia a mim e em redor” (P.J. Gutiérrez).

CLX

Ela é tão maravilhosa que já parece eterna ainda neste mundo; pois o outro, só se pode perscrutar. Surgiu qual musa jovial; a princípio, revelando curiosidade; mas logo se estabeleceu no universo da *imaginação criadora* e nas profundezas do coração, como sinônimo de inspiração; com maturidade, beleza, encantamento e sabedoria, a ponto de desembaraçar o espírito que, tão poucas vezes, havia perdido a inquietude, exceto nas ocasiões extraordinárias em face das surpresas da vida; pois o desassossego é da sua natureza. E agora, ali, tão perto a se manifestar, depois de tanto tempo, aquela afinidade, deveras especial e, quem dera, perpétua, quase monopolizava aquela escrita. Tanto que, tão somente o artífice começava a escrever, e as letras já iam se inclinando para ela. Ganhavam autonomia. Formavam palavras, frases, textos... e desapareciam nas entrelinhas... na tela... como num espelho mágico... ou entre borbulhas concêntricas em rios profundos...

CLXI

18 de dezembro de 1994.

Temos muito a aprender e a nos divertir e a nos emocionar com as crianças. Certa vez, meu filho, de 4 anos, ao ver um mendigo dormindo ao relento, comentou, num tom de lamento:

– Eu tenho tanto dó dessas pessoas que não têm onde dormir, que não têm casa, que não têm nada!

Em outra ocasião, nós estávamos indo à igreja, e eu per-

guntei o que ele iria pedir ao papai do céu.

– Vou dizer obrigado – respondeu, para meu espanto.

– Você vai agradecer pelo quê? – retorqui.

– Pelos homens que salvaram os dinossauros.

No hospital

Enquanto aguardávamos para consultar, nos dirigimos à capela. E ele orou em voz alta:

– Jesus, meu amiguinho, sempre me leve para o bom caminho. Amém. Obrigado por este mundo grande e bom. Me ajude para que eu saiba viver dentro dele.

Simplesmente amor

Um dia desses, meu menino, agora com 5 anos, quase emancipado, engraçou-se com uma bela jovem, no ônibus. Dessas que trabalham no shopping, impecavelmente produzida.

Só sei que a garota não resistiu aos encantos do meu rebento; e, assim que chegamos ao terminal, ela se dirigiu até nós. E eu, estrategicamente, me afastei, a fim de que eles pudessem se conhecer.

Segundos depois, me surpreendo: é o meu pequeno *apixonado* que vem correndo em minha direção, com a mão direita no peito, emocionado, pedindo para eu conferir o ritmo alucinado de seu coração.

CLXII

E*u era mestre de obras. E a firma para a qual eu trabalhava veio para São Paulo, incumbida da construção de um grande edifício. Para tal, contratou muitos operários para várias funções. O professor, na época, havia recém-chegado à idade adulta. E foi trabalhar com a gente.*

Tornamo-nos amigos. Mais tarde, eu me casei com uma jovem que trabalhava

em uma farmácia, e fomos morar no mesmo bairro em que ele. Todo final de ano, eu viajava com minha família para visitar meus pais, na capital. E ele, vez ou outra, tomava conta de nossa casa.

Quando minha esposa tirou licença-maternidade, ela contratou uma garota para ajudá-la a tomar conta de nosso filho. A partir daí, ganhamos uma visita diária: era o meu vizinho, amigo e auxiliar na construção civil. Foi nesse tempo que ele retomou os estudos. Trabalhava conosco e estudava à noite. Da uma hora que dispunha para o almoço, usava uns 40 minutos para estudar.

Trabalhamos juntos por três anos. Certa vez, quando ele retornava para casa, de bicicleta, depois do expediente – contava seu colega de serviço –, escapou-lhe a mochila das costas, e a marmita, caprichosamente, saiu rolando pelo asfalto.

– Foi um Deus nos acuda! – contava seu colega, que quase se desmanchava de tanto rir ao relatar o fato. – Por pouco, um caminhão não amassou a “coitadinha!” – complementava o amigo, sem conter a gargalhada.

CLXIII

“**N**ão éramos capazes de saber o que o destino esperava de nós, ou seja, o que nós esperávamos de nós mesmos. Agora é tão fácil corrigir os erros num papel, mas o tempo já leu o original” (J. Cortázar).

CLXIV

A saudade nos faz ver os nossos em cada rosto desconhecido: seja no relance de um olhar; num sorriso; no bailado de um caminhar; na silhueta de um *flash*; nas mais variadas nuances, penteados, tipos e cortes de cabelo; nas faces meigas, rosadas ou rústicas; na voz entrecortada, musical ou

destoante; é a semelhança que traz a presença; e por um lapso de segundo, o estranho se faz íntimo, e o devaneio reverencia a plateia – tão itinerante quanto o desconhecido “ator” que, por um instante, representou o papel de si mesmo, sendo outro, aos olhos de um igualmente anônimo espectador.

CLXV

20 de outubro de 2003.

Você desafia meu repertório poético. Põe em xeque a minha criatividade e o meu vocabulário. Sinto-me tão deslumbrado que é quase heresia expressar-me deliberadamente. Mas, ao mesmo tempo, sou conduzido pela inspiração e arrebatado pela beleza que faz nascer maravilhas. E sinto uma necessidade imensa e iminente de me reinventar e lapidar por inteiro. Renasço em minha vocação. Me confundo e me desembaraço concomitantemente. Me deslizo e me desfaço. Sucumbo e salpico estrelas, pomares e desertos. Me perco e me encontro. E me torno, enfim, fragmentos de plenitude.

CLXVI

Deixou sua terra natal a fim de ampliar seus horizontes, deslumbrar-se com um universo diversificado de musas inspiradoras, efetuar novos contatos e experienciar mais fontes culturais.

Creio que tudo isso o ajudou a consolidar o sentimento, a emoção, a sinceridade sempre tão transparente e tão notável, o diálogo que mantinha tão abertamente com o

mundo, mas de modo tão especial e peculiar, e a ternura com que envolvia cada palavra escrita ou pronunciada.

Seus versos são uma mistura de vida, amor e envolvimento; podem ser lidos ou ouvidos com prazer, tamanha musicalidade possuem. O arranjo das palavras, dos versos, as aliteraões, os trocadilhos, as “sacadas” que tinha do mundo que o cercava chegam a causar certo impacto e podem até proporcionar uma sensação, de algum modo, paradoxal.

CLXVII

“Meu professor não é perfeito, ele comete falhas, não é o mesmo daquele tipo de filme americano sobre escolas em que há sempre um professor inspirado ensinando às crianças como a vida pode ser maravilhosa. O nosso é imperfeito, e acho que essa foi uma das razões pela qual alguns criticaram” (L. Cantet sobre o filme *Entre os muros da escola*).

CLXVIII

Falar é fácil. Esquecer é difícil. Os dois têm agudos.

CLXIX

8 de fevereiro de 1992.

Numa dessas quebradas da vida, reencontrei uma ex-colega de ginásio, a qual há muito não via. Na verdade, nunca tínhamos conversado. Seu rosto meigo, seus olhos azuis cheios de ternura sacudiram minhas lembranças. Foi como se tivéssemos crescido e, principalmente, amadurecido juntos.

Falamos sobre quase tudo, inclusive sobre a direção que o mundo está tomando: estamos fugindo de alguma coisa – talvez de nós mesmos. Já não nos suportamos mais: tal qual o revoltado que morava sozinho e fugiu de casa. E para nos acalmar, consumimos como loucos. E pior, estamos nos consumindo. Se Descarte fosse vivo, diria: “Compro, logo existo”. Mas não nos enganemos. Como escreveu Exupéry: “[...] não existem lojas de amigos[...]”. Chaplin também alertou: “Não sois máquinas! Homens é que sois!”

E por falar em amizade, a colega à qual me refiro não estava incluída na minha lista de amigos, que, graças ao bom Deus, tem sido ampliada constantemente. Isto mesmo, não estava, porque ela já ocupa um lugar especial no meu coração. E melhor, sem pedir licença para entrar; foi convidada sem eu mesmo perceber.

É assim: a amizade não se compra, não se empresta, nem mesmo se conquista, como supõem alguns. Ela é gratuita. Acontece naturalmente. Precisa ser cultivada, é claro. Mas isto faremos com muito gosto. Pois esta pessoa maravilhosa que encontramos – ou que nos encontrou – passa a ser necessária para nossa vida como a luz do sol.

CLXX

Estou gostando da história. Mas meu raciocínio é o inverso ao do poeta que você indica na narrativa. Tenho muita dificuldade com o abstrato. Então acho que não consegui entender. Penso que talvez tenha que ler mais de uma vez. Também é possível que melhore minha compreensão quando ler até o final, não é? De primeira impressão, achei o professor muito egocêntrico, focado demais em si próprio.

CLXXI

“**E**stava a ponto de tirar o emprego de toda esta gente. Chamavam-me de ‘O Mágico’. Onde estava a magia? ‘O que faço agora?’, me perguntei. Porém, não consegui responder. Ouvi uma fonte e o barulho de suas águas, tentando ouvir minha voz interior. Então, ouvi a voz baixa da criatividade dentro de mim. Eu sabia. A estória que iria contar era a de um escritor que não sabia o que escrever” (F. Fellini – sobre seu filme *8½*)

CLXXII

Abro o livro: o papel sem pauta é branco envelhecido; as palavras estão impressas em preto. Porém é o rosto dela, ao fundo e em cores, que eu vejo. Confunde-se com a poesia e ilumina a página. Enquanto o poeta, com alucinada simplicidade, revoluciona o estilo, ela, com a originalidade e a ternura da sua beleza, desempara o crítico mais contundente.

CLXXIII

11 de agosto de 1996.

Meu pai sempre tinha uma metáfora ou uma frase de efeito para quase tudo. Em noite de inverno: “O céu está um vidro!”. Prenúncio de chuva: “Está escuro como breu!”. Ameaça de tempestade: “O tempo está tigrado!”. Tarde de verão: “O sol está estralando!”. Chuva à vista: “Estão levantando uns paredões ‘pra lá!’”. Diante das dificuldades: “Deus é grande!”. Quando recebia pagamento atrasado: “Deus tarda, mas não falha!”. Consciência da paternidade divina: “Deus é Pai, não é padrasto!”. Quando recebia o salário: “O pouco com Deus é bastante!”.

CLXXIV

C*aro professor, sin duda, puedes pasar mi e-mail a tu colega de posgrado, aun que ya sabes que los autores siempre sabemos menos de nuestras obras que los lectores inteligentes. Um abraço, Tomás.*

CLXXV

“Se a rebeldia escolar era celebrada por Jean Vigo, em *Zero de Conduta* (1933); e por François Truffaut, em *Os Incompreendidos* (1959), para citarmos dois filmes de diferentes momentos do cinema francês e da França, aquela era uma rebeldia de meninos brancos contra o tom opressor do sistema escolar-educacional. Desobedecer era uma saída. Na França do século XXI, com a qual lida Cantet, não há mais carga libertária na desobediência. Em vez de transgressão libertária, que vê a energia potente do caos contra os cosmos, agora nos deparamos com a transgressão caótica, que aproveita a incapacidade de escola e professores de propor um cosmos. Cantet nos mostra assim que, na arte, é possível trabalhar com energia, mesmo quando se mostra a perda da energia diante de determinadas circunstâncias” (Cléber Eduardo – sobre o filme *Entre os muros da escola*).

CLXXVI

Uma beldade descreveu-me aquele olhar de contemplação de outrora. Era o meu olhar. Não era mais a esfinge que propunha o enigma. Mas era ela, mulher-esfinge, estarrecida com o próprio mistério refletido nos olhos meus. E, por sua vez, desvendava o meu segredo cuja existência eu também ignorava. E, assim, revelou a mim e a ela o que eu gostaria de dizer-lhe e não sabia que desejava. Encontrávamo-nos, ali, frente a frente e ao mesmo tempo diante do espelho cujo reflexo não era nosso.

CLXXVII

5 de outubro de (?).

O ofício de professor é mesmo de encantos e desencantos. Dias atrás, enquanto curtia a descoberta de mais um talento da literatura e pensava ter encontrado a solução para todos os problemas da educação, fui surpreendido por uma voz desconcertante de uma colega que acabava de sair profundamente transtornada da sala de aula, porque certos alunos em idade avançada para o ensino fundamental estavam avacalhando a aula e escandalizando as crianças.

– Tem que dar transferência pra esses alunos – disse uma colega.

– Que adianta? – disse outra. – Os dirigentes educacionais mandam de volta.

– É porque não são eles que estão na sala de aula – disse a professora que havia sido ofendida. – Se não fizerem nada, vou deixar mais essa turma. Já perdi cinco aulas mesmo. Eu não vou ficar me humilhando e me estressando.

A impressão que se dá é que o Estado está tentando descobrir até onde vai a resistência do professor. Parece que está querendo extinguir a nossa profissão. Hoje um colega me perguntou se eu via alguma saída para a educação.

– Se os que têm o poder de fazer alguma coisa quiserem, sim. Agora, se o Brasil continuar a investir menos de 10% do PIB no ensino, enquanto países como Coreia, chegaram a investir 30%, não vejo solução – complementei.

Além do mais, enquanto o professor tiver de se sujeitar a certos absurdos em sala de aula e a certas determinações superiores, não vejo como.

Enquanto professores contratados chegarem ao final do ano letivo sem saber em que mês do ano seguinte vão ser chamados novamente, não vejo nenhum horizonte.

Nesse caso, considerando que já é previsto um número aproximado de professores efetivos que sairão de licença por vários motivos, durante o ano letivo, por que não contratar um número suficiente de profissionais no início do ano para suprir as eventuais vagas? Esses profissionais poderiam desenvolver trabalhos de pesquisa ou participar de cursos de formação até serem chamados.

– Isso seria o ideal – disse-me uma amiga. – Não o real.

É? Então não digam que a educação é prioridade e tirem da TV essas pseudocampanhas de valorização do professor.

CLXXVIII

*L*i seu roteiro e continuo com as mesmas impressões positivas. Achei brilhante o modo como você criou a narrativa: literatura, filosofia, sociologia, biografia, poesia. Você conseguiu montar um quebra-cabeça com as mais diferentes peças. E está dando sentido a tudo isso.

CLXXIX

“O milagre aconteceu. [...] O telegrama dizia: seu livro aceito enviando contrato hoje. Hackmuth. Era tudo. Deixei o papel flutuar até o tapete. Fiquei sentado ali. Então abaixei-me até o chão e comecei a beijar o telegrama. Rastejei para baixo da cama e simplesmente fiquei ali. Não

precisava mais da luz do sol. Nem da terra, nem do céu. Simplesmente fiquei ali, feliz de morrer. Nada mais podia acontecer a mim. Minha vida havia terminado” (John Fante – *Pergunte ao pó*).

CLXXX

Se nos fosse possível saber de antemão a dimensão da dificuldade intrínseca a certas escolhas, talvez não as fizéssemos, porém vivenciada a experiência, não a negamos – mas jamais desejaríamos reeditá-la.

CLXXXI

8 de julho de (?).

Soube que um colega se afastou das atividades, porque seu estado psicológico se agravou.

– É o transtorno neurológico que se intensifica em função dos transtornos do ofício – comentou alguém.

– E o contrário também é verdade – disse outro.

– Segundo estudos, é grande a porcentagem de professores que apresenta algum tipo de transtorno – informou o terceiro. – Incluindo aí também os distúrbios da voz, em consequência do esforço contínuo. E, com certeza, o estresse deve contribuir para isso. Pois somos a categoria profissional cujo nível de estresse figura entre os mais elevados. E o maior número de afastamento do trabalho por problemas de saúde está na nossa classe.

Quanto a mim, faz mais de dois anos que não consulto.

Meu psiquiatra já está relutante em me dar receita. Também faz mais ou menos o mesmo tempo que parei de fazer terapia. Continuo tomando remédios: um ansiolítico e um estabilizador de humor. Assim como a bipolaridade, alterno: um dia tomo um, outro dia tomo outro. Reduzi a dose por minha conta e risco. Obviamente isso não é recomendável. Por alguns anos está dando certo. Mas meu médico diz que quer me ver em breve e que não vai mais me dar receita.

Um dia desses também contatei meu segundo terapeuta. Disse-lhe que retomei a escrita de um romance, sobre o qual já havia falado a ele.

– Sim, lembro! Nossa, que legal! Qual é o objetivo da tua escrita?

– Sobretudo uma forma de me reorganizar interiormente e oferecer uma oportunidade de reflexão sobre os transtornos neurológicos e sobre a nossa profissão.

– Você está baseando sua escrita em você mesmo? Sua experiência com suas inquietações, ou baseando em transtorno? Lembre-se, você não é um diagnóstico, é uma pessoa com dificuldades; na sua maioria, de habilidades de relacionamento.

– Bem, eu faço referência à psicoterapia, à psicanálise, à espiritualidade, à neurociência...

– Ah, bom.

– Fica em aberto. E é sobre a educação também.

– Colocar-se em termos de diagnóstico acaba por tirar a riqueza interior do seu relato pessoal sobre o que você passou. Você já leu o livro da K. R. Jamison, *Uma mente inquieta*, em que ela fala sobre sua vida com o transtorno bipolar? O livro é muito legal. Você parece estar vivendo com ela esse momento.

– Sim, eu li. Li também *Não sou uma só: diário de uma bipolar*, da Marina W.

– Bom, o que você precisar e eu puder ajudar, com certeza pode contar comigo.

– Obrigado.

– Como você está? Está em tratamento, medicamento?

– Sim. Só não faço mais terapia.

– Olha, eu não acredito em trabalho medicamentoso puro, sem uma ressignificação de quem se é. Mas pra evitar os sintomas já é alguma coisa.

– Gostaria de dar uma olhada no que escrevi?

– Ficaria honrado.

– Uma coisa, eu tenho certeza: à medida que escrevo, estou ficando mais leve e estou encontrando sentido em tudo que passei. Algumas coisas, ainda não. Mas creio que até eu dar esse livro por acabado, de minha parte, vou começar de novo.

– Analise seus questionamentos sob o ponto de vista do como? Por exemplo, como lido com isso? Já lidei melhor? Podem ajudar a ampliar as suas perspectivas sobre si próprio.

– Obrigado! Só não pretendo mais fazer terapia.

– É uma opção. Você deve ter seus motivos. E eles são justos.

– A partir de agora, é por minha conta e risco.

– Tente, então, flexibilizar o risco. Talvez ele não seja um risco no final das contas. Não quero correr o risco, com perdão do trocadilho, de ser mais um chato e dizer que é necessário etc. Mas é comum o paciente com TB achar que não precisa de consulta. Sou cético sobre isso. Faz parte da sintomatologia do problema a ideia de que é capaz de fazer por si mesmo as coisas. Espero que não seja o seu caso e você encontre suas respostas.

CLXXXII

No início do roteiro, o narrador-cineasta não tem ou parece não ter definida a estrutura com a qual articulará os depoimentos, as páginas do Diário e as citações no percurso da narrativa. É como se o próprio leitor fosse levado a participar das implicações do texto. E, à medida que lê, igualmente se vê enredado na trama das memórias.

CLXXXIII

“**E** digo à humanidade: / – Não sejas curiosa sobre Deus, / pois eu que sou curioso sobre todas as coisas de Deus não sou curioso. / (Não há palavras que logrem dizer quanto me sinto em paz / perante Deus e a morte.) / Escuto e vejo Deus em todos os objetos, embora não entenda / Deus nem um pouquinho, / assim como não entendo que possa alguém ser mais maravilhoso / do que eu. / Por que deveria eu querer ver Deus melhor do que neste dia? / Eu vejo algo de Deus a cada uma das vinte e quatro horas, / e a cada momento delas, / nos rostos dos homens e das mulheres eu vejo Deus, e no meu / próprio rosto pelo espelho, / acho cartas de Deus caídas pela rua e todas assinadas / com o nome de Deus, / e as deixo onde elas estão, pois sei que aonde quer que eu vá / outras hão de chegar pontualmente sempre e por todo o sempre” (W. Whitman – *Folhas de relva*).

CLXXXIX

Inesperada ou não: arrebatada; tira o fôlego; transforma-se em foto; em imagem, com movimento, brilho, beleza e cor; com voz, som, saudade, presença.

CXC

6 de dezembro de (?).

– **O**i! Você é a minha ex-colega de viagem? De muito tempo atrás?

– Sim! Lembra das vendas de livros?

– Ah, você é a menina que vendia livros? Que maravilha, nos reencontrarmos! Claro que me lembro de nossas viagens, para vendermos livros. Isso me influenciou tanto que me tornei professor e escritor. Veja só. Lembro quando, durante nossas viagens, chegávamos às lojas, e você provava de tudo. Experimentava as roupas mais chiques, e não comprávamos nada. Pela sua beleza de modelo internacional, as vendedoras deviam imaginar que iríamos surpreender o caixa. Mas isso não acontecia. Éramos pobres “de marré, marré, marré”. E depois nos divertíamos pra caramba. De tanto andarmos, ao retornarmos para nossa cidade, você dormia no meu colo, ou melhor, reclinava a cabeça no meu ombro. Era incrível, como nos dávamos bem! Vez ou outra, falo com os meus alunos sobre as nossas

aventuras; quero dizer, sobre nossa amizade.

– Nossa que bom saber de você! Eu estou feliz que você é professor. Também vi seu livro. Gostei do título! Você escreve sobre o quê? Quanto a mim, já estou longe do Brasil há 14 anos e estou casada há 13. Tenho uma filha de 12 anos. Vou ao Brasil uma vez por ano. Mas fico pouco tempo lá. Não dá pra ver todo mundo. Tenho muitos sobrinhos, tios, tias, e a tia que você conhece. Vou te mandar fotos, sim. Estou esperando a minha alergia parar. Aqui, todos os meses de novembro e dezembro, eu fico com alergia de uma árvore ou de muitas. Fico com os olhos inchados e o nariz vermelho. Mande por e-mail seus escritos. Assim a sua amiga vai ler. Estou há tempo sem ler. Vai ser um grande orgulho ler algo escrito por você.

– Desejo que você se recupere logo de sua alergia. Fico imaginando o quanto deve ser linda sua filha.

– Olha, ela é linda! E fala três línguas. Não saiu à mãe, porque eu mal falo português. Você conhece sua amiga. Que bom que você tem um filho. Ser pai e ser mãe é o doce da vida. O meu primeiro filho nasceu prematuro. E no hospital, as enfermeiras deram o teu nome. Tudo bem?

– Nossa, que coincidência emocionante. Lamento o fato de... Mas que bom que você tem uma filha e que deve ser linda mesmo. E não importa que você fale uma língua, e ela, três. Na verdade, você já fala duas. A língua das mães. Deve ser a língua do amor. E esta é universal. Supera qualquer idioma. E aí já são três. E, além disso, o seu carisma é imbatível e irresistível... Eis uma pergunta: qual a possibilidade de nos vermos novamente?

CXCI

E*stou no avião com destino à Europa. Já comecei a ler seu texto. Nos vemos em Cannes.*

CXCII

“**A**mo-te quanto em largo, alto e profundo / Minh’alma alcança quando, transportada, / Sente, alongando os olhos deste mundo, / Os fins do Ser, a Graça entressonhada. // Amo-te em cada dia, hora e segundo: / A luz do sol, na noite sossegada. / E é tão pura a paixão de que me inundo / Quanto o pudor dos que não pedem nada. // Amo-te com o doer das velhas penas; / Com sorrisos, com lágrimas de prece, / E a fé da minha infância, ingênua e forte. // Amo-te até nas coisas mais pequenas. / Por toda a vida. E, assim Deus o quisesse, / Ainda mais te amarei depois da morte” (*E. Barrett Browning*).

CXCIII

Ocorre-me, às vezes, que estamos neste mundo participando de um filme ou romance em que somos protagonistas e coadjuvantes ao mesmo tempo. E que todos, com suas virtudes e limitações, com maior ou menor consciência de seu papel, seguem atuando conforme as aspirações de cada

personagem. Tendo em conta que não conhecemos o roteiro, a história sempre pode acabar na próxima cena. Assim, o prêmio, se houver, reside em cada atuação. E o resultado final... um mistério.

CXCIV

22 de novembro de (?).

“A literatura não é a arte das multidões”, afirma o escritor Milton Hatoum. Talvez por isso, seja tão gratificante e até emocionante poder presenciar a demonstração de amor de certos leitores e leitoras no interior de uma livraria.

Claro que o mercado editorial se sustenta em grande parte de *best-sellers* que, em curto prazo, se expandem pelo mundo todo. Tais livros investem menos na linguagem e densidade que na história ou na trama, despertando uma curiosidade coletiva.

Em todo caso, esses livros podem funcionar como porta de entrada para leituras mais complexas. Como escreveu o crítico literário, o búlgaro Tzvetan Todorov, o leitor busca nos livros algo que dê sentido à existência, e é ele, leitor, quem tem razão.

Verdade. Há livros que lemos uma única vez e não nos interessam mais; não nos fazem mais sentido. Há outros que, cada vez que lemos, nos dizem algo novo. Parecem acompanhar nosso amadurecimento. Assim como existem livros que nos deslumbram, e, para outra pessoa, não dizem nada. Ainda há outros que se transformam em livros de cabeceira.

Mas como se desenvolve esse gosto ou paixão pela leitura? Alguns especialistas afirmam que é a convivência com os livros ou com os pais que leem e incentivam os filhos.

Sabe-se que os primeiros contatos da criança com o mun-

do são: visual, tátil, olfativo, porém com a aquisição da linguagem e da escrita, ocorre outro nível de interação com o mundo. Mas, embora haja interesse pela leitura na infância, não é garantia de que já temos um leitor. Principalmente hoje, com as inúmeras atrações tecnológicas. Contudo é possível observar e se deslumbrar com as mais diferentes espécies de leitores nos labirintos das livrarias.

Certa vez, “estagiei” numa livraria, a convite de uma amiga. Foi uma experiência inusitada. Vou citar alguns dos casos que mais me chamaram a atenção:

– Uma adolescente do ensino médio que, após escolher os livros que pretendia levá-los, abriu seu penal e despejou suas economias sobre o balcão e passou a contar as moedas.

– Adolescentes presenteando adolescentes com livros.

– Uma outra comprou três livros e disse que agora teria leitura para três dias.

– A mãe que relatou, orgulhosa, que, durante uma enchente, a filha estava preocupada com a livraria.

– Uma senhora que iria comprar para a filha adolescente o livro *Cem anos de solidão*, de Gabriel Garcia Márquez.

– Outro leitor que comprou para dar de presente à namorada ou esposa o *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa. E comentou que um livro de tal quilate deveria ter um em cada casa.

Não, a literatura não é a arte das multidões. É uma pena. Porque quando lembramos que Machado de Assis só se afastou uma vez de sua cidade, se não me engano, e se tornou o maior escritor brasileiro de todos os tempos, dá para ter uma ideia do efeito da leitura, especialmente literária, para nossa formação intelectual e humana.

Lembro-me ainda de Umberto Eco que, em seu livro, *Seis passeios pelos bosques da ficção*, fala do autor e do leitor-modelo. E as livrarias parecem ser o lugar-modelo para se observar a relação de intimidade, de carinho, de paixão entre leitores e li-

vros. A ansiedade para saber se o livro encomendado já chegou. Ou aquele leitor que a visita todos os dias no mesmo horário. O silêncio cúmplice entre o leitor e o livro, mas nunca uma solidão. E sim uma relação tátil, visual, afetiva e olfativa. Como disse uma leitora: eu tenho mania de cheirar os livros.

CXCV

Hoje nos despedimos de uma pessoa muito especial com a qual convivemos por pouco tempo, mas que passou a ocupar grande espaço em nossos corações. Ele contagiava a todos com seu sorriso, sempre arrancando vários nossos.

Utilizava uma linguagem ambígua, sempre intencionando roubar risadas dos outros, mesmo em dias em que não estávamos muito bem.

Com seu jeito meigo, único e nada discreto, ele fazia milagre: suas aulas se tornavam muito divertidas, e o tempo passava que nem víamos!

Ele nos ensinou uma oração para arrumar namorado. Porém, quando não prestávamos atenção, ameaçava chutar e jogar as carteiras... Mas nós sabíamos que era para aprender, nem que fosse à marra.

Esse “louquinho”, além de ter nos ensinado bem, escrevia livros e artigos para jornais. Sem dúvida, ele foi abençoado com o dom de escrever e encantar.

Em meio às atividades, sempre sobrava um tempinho para as brincadeiras inocentes.

Cultura, educação, simplicidade, simpatia e humildade eram virtudes que ninguém tirava dele.

Em consequência de suas ideias inovadoras foi que aprendemos a nos expor para o colégio inteiro em nome da paz;

Em nome de todos os alunos que tiveram a oportunidade de ter aula com ele, agradecemos sinceramente.

Obrigada por ter se preocupado verdadeiramente com o nosso aprendizado.

Obrigada por sempre nos ter feito rir.

Obrigada pelos conselhos.

Obrigada pelas broncas.

Obrigada pelas dicas.

Obrigada por nos ter feito sentir à vontade em suas aulas.

Obrigada pelo carinho recebido.

Obrigada por ter feito nossas manhãs mais felizes.

Obrigada por mostrar o caminho da cultura e encurtar o das dívidas.

Obrigada por ter cruzado nossas vidas.

CXCVI

“**Q**uase na hora em que Moacyr Scliar estava nos deixando, alguém postou no Twitter uma frase minha: ‘A literatura é o catálogo das vidas possíveis’. Pois bem, pensei, os escritores deveriam ter o direito de continuar vivendo em qualquer uma das histórias que estão sendo e serão escritas por outros até o fim dos tempos. Numa delas, um dia, aliás, espero me reencontrar com Moacyr, para rir, contar casos insólitos e evocar lembranças de Porto Alegre” (*Contardo Calligaris*).

CXCVII

Enquanto meus olhos tiverem brilho e minha alma fizer parte do meu ser, jamais deixarei de cantar. E, se Deus me permitir, no outro mundo, ainda bem mais profundo, continuarei a poetar.

CXCVIII

27 de agosto de (?).

Há um grito de protesto aqui dentro. Na verdade, gostaria de trazê-la para junto de mim. Ao menos ao alcance dos olhos, já que o pensamento mora em você. Nas palavras, o sentido, a quase materialização do afeto. Ah, saudade infinita! A imagem do sorriso, e a musicalidade distante, um som quase indetectável aos tímpanos. De palavras me abasteço, e as lanço ao vento, ao acaso; e você aqui dentro feito presença da ausência; é um grito escondido no fogo; imagem que se confunde na labareda, na ardência, na essência do vácuo silêncio involuntário deste monólogo interior quase terno. Que diria você? Qual seria a expressão dos seus olhos e do seu rosto diante dessas palavras? Seus olhos nos meus; a vida passando acordada, como os vigias noturnos, garantindo a seresta. E o seresteiro caduco imbuído de lembranças e fantasias. E o sorriso dela irradiando o mundo. Contagizando tudo. Até a solidão se debater e ir embora. E a presença dela se tornar real. Sua realeza se estende até aqui, onde estou, ou onde a alma alcança quando transportada, alongando os limites; é o impossível feito possível. E a imaginação – ainda que por um instante – vence o tempo e a distância.

CXCIX

No bairro onde morávamos, havia os chamados gatos: eram empreiteiros que contratavam pessoas para trabalhar por dia; em geral, na colheita de feijão. Era muito divertido. Viajávamos em um caminhão graneleiro, que levava até 80 trabalhadores. Saíamos do ponto, por volta das 6 horas da manhã e retornávamos à noite. Éramos os chamados boias-frias.

Na parte da manhã, havia o orvalho e o pó da terra. As mãos e a roupa ficavam incrustadas. Bem desconfortável. E, após o almoço, não refrescava muito. Aliás, esquentava bem mais. O desconforto era outro: o calor impiedoso. E as mãos? Coitadas! Os dedos, uma vez que as bainhas do feijão ouriçavam-se, devido ao sol, ficavam perfurados. Para evitar os espinhos, tinha de abarcar o pé bem rente ao chão. E aí fugia às agulhadas, mas não aos terrões que arrancavam as cutículas, tal qual a uma manicure inexperiente. O jeito era ignorar o risco e a dor, e meter a mão, antes que o gato farejasse a hesitação e lascasse a unha para cima da gente. Se bem que isso quase nunca acontecia; pois cada qual recebia conforme o seu empenho. E, como queríamos impressionar as meninas, só endireitávamos as costas ao final da leira.

Ainda havia outras complicações, como quando chovia. Houve uma vez, em que fomos trabalhar numa localidade que ficava cerca de 40 quilômetros de onde morávamos. Ao final da tarde, logo que deixamos o eito, caiu uma bomba d'água, e nosso graneleiro encalhou. Ou ficávamos ali e passávamos a noite ao relento e na chuva, ou encarávamos a distância a pé. Escolhemos a segunda opção. E chegamos à BR que ladeava a cidade, por volta da meia-noite, extremamente exaustos e com muita fome, mas, sinceramente, não me lembro de ter ouvido alguém reclamar da aventura.

CC

“Uma das funções da ideologia é ‘naturalizar’ a realidade social, fazer com que ela pareça inocente e imutável quanto a própria natureza. A ideologia procura transformar a cultura em Natureza, e o signo ‘natural’ é uma de suas armas. A continência à bandeira, ou a aceitação de que a democracia ocidental representa o verdadeiro significado da palavra ‘liberdade’ tornam-se as mais óbvias e espontâneas reações do mundo. A ideologia, nesse sentido, é uma espécie de mitologia contemporânea, uma esfera que se purgou da ambiguidade e da possibilidade alternativa” (*T. Eagleton*).

CCI

— **O**! Então estou doida. Ou você está pirando? O que é esse e-mail? Ficção? Ou realidade? Ambos? Onde está um e onde começa o outro (realidade)? – indagou-me uma colega, ao ler um e-mail que enviei a ela, contando-lhe que iria visitar Caroline, meu amor dos tempos de faculdade. – Confesso que fiquei confusa, para não dizer perdida mesmo – continuou ela. – Parece que a ficção está entrando na realidade ou a realidade está virando ficção.

Ela ficou espantada, porque comentei que iria incluir a Carol e seu atual marido, Samer, no enredo de minha história. E que Samer está escrevendo um roteiro para um amigo, de Hollywood, sobre corrupção moral.

— A ficção pós-moderna tem a função de orientar e de desorientar o leitor – escrevi a minha colega. E que ela contribuiu para os meus de-

vaneios ficcionais.

– Não acredite em tudo o que eu digo – retrucou-me.

– Agora é tarde – retorqui. – Afinal, estou quase concluindo este roteiro.

CCII

9 de maio de 2005.

Em *Seis passeios pelos bosques da ficção*, Umberto Eco faz uma crítica a Edgar Allan Poe, por este ter escrito o ensaio “A filosofia da composição”, a fim de revelar o método com o qual concebeu o seu poema “O corvo”: “seu gesto foi um ato patético de terna arrogância e orgulho humilde; ele nunca devia ter escrito ‘A filosofia da composição’ e devia ter deixado para nós a tarefa de entender seu segredo”.

À guisa de tentar compreender o posicionamento de Eco, vejamos a afirmação de Italo Calvino, a saber, “que nenhum livro que fala sobre outro livro diz mais sobre o livro em questão”. Embora Calvino, nesta acepção, não inclua o autor, este não fica imune a tal observação.

Levando-se em conta que a interpretação de um texto ou de uma obra tem a ver com o repertório do leitor, a interferência intencional do autor, ainda que a intenção seja bem-intencionada, pode refletir negativamente para o leitor, sobretudo se este tiver pouca caminhada. Nesse sentido, a crítica de Eco, em relação a Poe, é relevante. Por outro lado, se se tratar de um leitor experiente, o confronto de interpretações pode ser construtivo.

Contudo é difícil alguém deixar de ler ou assistir a uma entrevista ou conferência de seu autor favorito. Parece que nem

todos estão dispostos a passear sozinhos pelos bosques da leitura. Principalmente se considerarmos as palavras de Jorge Luis Borges, para quem, “bosque é um jardim de caminhos que se bifurcam”. E o desconhecido quase sempre espanta.

Para ilustrarmos essa reflexão, lembremo-nos aqui de Tomás Eloy Martínez. Embora haja uma distinção acerca das atitudes de Martínez e Poe. Quanto ao autor do romance *Santa Evita* – além da metaficcionalidade intrínseca a esta obra –, a informação que temos sobre o fato de expor o processo de criação de seu romance (na palestra “Ficção e história”) deve-se aos mal-entendidos que sua obra suscitou. Já o autor de “O corvo” escreveu acerca do processo criativo de seu poema por iniciativa própria, pois, como bem declara em “A filosofia da composição”, em tempo algum teve “menor dificuldade em relembrar os passos progressivos de qualquer de [suas] composições”.

Ainda que tais posturas tenham razões distintas, ambas têm em perspectiva o leitor. Vale dizer, contudo, que o depoimento do autor pode ser fundamental para a promoção de seus livros, mas não se deve constituir fator determinante para a interpretação de suas obras – a não ser a que ele próprio quis dar.

Agora, a título de assinalar um paradoxo no posicionamento crítico de Umberto Eco, em relação a Edgar Allan Poe, tome-se o fato de que Eco, quando se manifestou a respeito do autor norte-americano, há muito já havia publicado o seu *Pós-escrito a O nome da rosa*, em que abordou, entre outros temas, o processo criativo de seu romance.

Não pretendo aqui polemizar gratuitamente, mas postular que os escritores, com raras exceções, anseiam por serem lidos da maneira que gostariam, ou seja, paira no ar de suas declarações o desejo de controlar o sentido que pretenderam dar a sua obra. Percebe-se isso, mesmo quando um escritor como Umberto Eco procura dissimular, afirmando que “O autor deveria morrer depois de escrever. Para não perturbar o caminho do texto”.

Por outro lado, nos romances autorreflexivos, como no caso

de *Santa Evita*, o leitor é levado a “passar por todas as costuras do tecido”, isto é, participa já do processo de feitura do texto.

CCIII

De fato, esse enredo nos remete às muitas facetas de nossas vidas. Fico a me perguntar onde estão essas pessoas: será mesmo que o enredo é fictício? Lendo capítulo a capítulo, lembro-me de como eram doces os momentos de nossa infância: sem os comes exagerados, sem a internet para nos tirar a razão, apenas com brinquedos simples, feitos de madeira e rodas, como o rolimã.

Atualmente, tenho um carrinho de rolimã, com encosto, banco almofadado, freio e suporte para os pés. Não, não pense que sou contrária à evolução. Tão somente estou de acordo com o citado Gandhi, para quem “Não é possível libertar um povo, sem antes, livrá-lo da escravidão de si mesmo. Sem esta, qualquer outra será insignificante, efêmera e ilusória, quando não um retrocesso”.

E nos diversos capítulos que li, essa escravidão aparece, seja na forma de doença, do viver “se”, das violências que dia após dia cometemos contra nós mesmos, e o pior, contra os outros, principalmente contra os indefesos, seja o ser humano, seja o ser animal que morre violentamente apenas para satisfazer nosso ego. Seja na ilusão de querer alguém para ser amada, ou para amar, do viver para quê? Me pergunto. Viver para matar ou, simplesmente, morrer? Ou busco algo além do palpável, uma evolução através de uma reforma íntima, que para muitos, ou melhor, para a maioria, está fora de cogitação?

Então, caro cineasta, desejo que sua história encontre ressonância nos cinemas do mundo inteiro. E, assim como me levou a essas divagações, conduza também os milhares de espectadores e adeptos de um bom roteiro – além de fazê-los grudarem os olhos na tela – a uma reflexão capaz de levá-los a se posicionar criticamente diante de certos temas e se abrirem para outros. E, quem sabe, assim, possam contribuir e dar um novo “The End” a tantas histórias, conhecidas ou anônimas.

CCIV

“**B**endita a primavera da vida breve, / Cujo sopro tudo atravessa! / A forma desaparece / Enquanto o ser para vida desperta. / Gerações se sucedem / No esforço de evoluir; / Espécie produz espécie, / Em tempos que não têm fim; / Mundos inteiros se erguem e declinam! / Mergulha nos encantos da vida, ó flor, / Na orela da primavera; / Louvando a bondade do Eterno, / Aproveita tua curta existência. / Acrescenta a ela, criativa, / Também o teu óbulo; / Breve e hesitante, / Sopra, o quanto aguentares, / A tua parcela de vida ao dia eterno!” (*B. Bjornson*).

CCV

Deixe-me retomar a visita à casa de Caroline.

– Dentro de alguns dias era o aniversário de minha filha Valquíria – continuou Carol. – E ela havia me pedido um presente bem específico: viajar de avião. Ainda que fosse só sobrevoar alguma cidade. Então fui a uma agência, avaliar a possibilidade de presenteá-la.

– O único pacote promocional de que dispomos é para o Rio de Janeiro – informou-me a agente. Detalhe: a máquina emperrou, e meus cartões não passaram. Mas a jovem que me atendeu demonstrou boa vontade e confiança para comigo. E parcelou as passagens em várias vezes, e no carnê. Era pra ser: para a alegria de minha filha e, muito em breve, para a maior surpresa de minha vida.

Lembrei-me da sensação que tive ao decolar de São Paulo, há muitos anos, quando retornei a Paris, depois de ter participado da Bienal Internacional do Livro. Talvez tenha decolado para sempre também do

coração dela. O brilho em seus olhos e o entusiasmo com que relatava sua aventura era algo extraordinário, como de fato se configurou ali às minhas retinas. Mas evoquei dentro de mim o jornalista de outrora, que havia deixado o Brasil para acalentar seu sonho de viver em Paris. Foi uma escolha.

– A viagem ao Rio era turística – prosseguiu –, porém me sentia com muito medo pela violência daquela cidade. Todavia, motivada pelo sorriso e animação de minha filha, respirei fundo, financiei a viagem e fomos. Ao chegarmos, nos deslumbramos com a paisagem, e, ao mesmo tempo, tudo parecia muito familiar; eu não entendia, porém parecia que eu estava voltando para casa, ou algo muito perto disso. Ao chegarmos ao hotel, em Copacabana, precisei comprar um carregador de celular. Andamos pelas ruas, tudo diferente, mas muito bom. De repente, ao atravessarmos a Santa Clara com a Avenida Atlântica de Copacabana, nos bate-mos com um rapaz, jovem, alto, olhos verdes, cabelos pretos ondulados, e que, no mesmo momento, falou *sorry*. Eu, sem entender direito o que aconteceu, disse *ok! ok!* Nesse instante, eu acho que algo meio mágico, ou cena de filme, eu não sei explicar, aconteceu. Duas horas depois estávamos sentados abraçados, fazendo planos para o futuro.

Aí fui eu que respirei fundo, tentando disfarçar. Felizmente, tão envolvida em seu enredo, ela não se deu por mim.

– Retorno a São Paulo, e uma grande espera deu-se início. Ele de volta a Nova York e, dias e dias, só nos falando pela internet: hora marcada, falta de conexão, fuso horário, essas coisas. Decidimos nos casar e morarmos no Brasil. Ele precisava voltar à Síria, organizar documentos, visto e se despedir da mãe, do pai e dos amigos. Dia 24 de julho, uma noite fria em São Paulo, desembarca aquele rapaz: camisa branca, calça jeans, cabelos longos, um pouco mais magro, comparado ao último encontro, há quase um ano. O sorriso era o mesmo, o cheiro também. Parecia que tudo era estranho para ele, menos eu.

Saí da entrevista, repleto de informação e consciente de que a minha história com Caroline era definitivamente um retrato na parede do tempo. Saí certo também de que tinha assunto para um novo roteiro. Pois o enredo amoroso de Carol e Samer está apenas começando.

CCVI

18 de novembro (?).

Não, não é fácil dar a cara para bater. Em meu trabalho, frequentemente, indago os alunos acerca do andamento das aulas, isto é, como está a assimilação por parte deles. Anseio por um *feedback*. Mas, como sugere uma colega: não estamos preparados para esse tipo de situação. Para ouvirmos críticas. Certamente, não. E, “em briga de rua”, ninguém dá “tapa de pelica”. Sendo assim, que venha o inusitado.

Um dia desses, entrei na sala e encontrei os alunos, retraídos, revoltados, porque uma professora havia faltado. Recusaram-se sistematicamente a participar de minha aula.

Então aproveitei para indagar o porquê de a escola parece não ter sido – em nenhuma época – um bom lugar para os adolescentes? A minha pergunta soou quase uma afronta.

– Não é isso, professor – respondeu a líder da turma, que parecia a mais alterada. – O professor tem que fazer o aluno se interessar pela disciplina. Quando a gente gosta da disciplina e do professor, a gente se interessa pela aula.

E citou dois professores e suas respectivas metodologias. Sutilmente, trucidou a minha pedagogia.

Como tenho alguns anos de experiência, desde o ensino fundamental até a universidade, considere os ânimos do momento, sem, contudo, deixar de expor a minha opinião.

Disse aos alunos que houve época em que lancei mão de diversos recursos midiáticos e pedagógicos e, mesmo assim, havia alunos que reclamavam.

– A gente nunca está satisfeita – disse uma aluna.

– Lacan concordaria com isso – comentei.

A insatisfação é positiva, quando é coerente, no sentido de nos tornarmos melhores naquilo que somos e fazemos. E não sermos insatisfeitos só com os outros.

Claro que nós, professores, necessitamos, com frequência, rever nossas práticas e levarmos em conta que cada turma é única. E aquilo que deu certo com uma nem sempre será bem-sucedido com outra. Agora, há conteúdos e teorias específicas de cada disciplina que não podem ser ignorados. E, nesse caso, nem sempre é possível abordá-los de forma, assim, tão lúdica. Daí a melhor metodologia ser aquela que prime pela justiça e pela responsabilidade.

Além disso, nascemos e crescemos numa sociedade feita de regras e leis. Às vezes, não são cumpridas nem por seus autores, ou são criadas em seu próprio benefício. Mas elas existem. Segui-las ou respeitá-las implica, entre outras coisas, consciência e disciplina. E esta é uma lição dura de aprender.

Não falo disciplina no sentido de se submeter a repressões explícitas ou sutis. Falo no sentido de compreender o funcionamento e o processo das coisas. Principalmente daquelas que almejamos. E a escola e a sala de aula são espaços de convivência onde passamos os períodos mais longos de nossa formação.

Daí que ela não pode ser um lugar de superproteção, nem de liberdade enganosa, sob pena de formar cidadãos de mentira. Pois, sendo a sala de aula uma espécie de microcosmo, portanto parte efetiva do mundo com o qual os alunos, inevitavelmente, irão se deparar, tem de encenar problemas reais e soluções possíveis e verdadeiras. Porque na vida real nem sempre fazemos aquilo que gostamos. Mas, não raro, aquilo que é necessário ou que se configura pré-condição para vivermos em sociedade.

CCVII

Nós fomos os primeiros da turma a aprender a ler. Ele vivia me mandando bilhetinho. Mas eu nunca dei a mínima. Lembro-me de que ele ia pra aula, usando óculos escuros enormes. Eram de seu irmão.

Certa vez, ganhou um concurso de redação. E ficou famoso na escola. Então descobrimos que uma professora aposentada o havia ajudado. E a fama se dissipou por ali. Em todo caso, isso lhe serviu de algum modo. Afinal, ele virou escritor, não é?

CCVIII

“... **A** poesia perdeu seu vínculo com o distante leitor... É preciso recobrá-lo... É preciso caminhar na escuridão e se encontrar com o coração do homem, com os olhos da mulher, com os desconhecidos das ruas, com os que a certa hora crepuscular ou em plena noite estrelada precisam nem que seja de um único verso... Esse encontro com o imprevisto vale pelo tanto que a gente andou, por tudo o que a gente leu e aprendeu... É preciso perder-se entre os que não conhecemos para que subitamente recolham o que é nosso da rua, da areia, das folhas caídas mil anos no mesmo bosque... e tomem ternamente esse objeto que nós fizemos... Somente então seremos verdadeiramente poetas... Nesse objeto viverá a poesia...”
(Pablo Neruda – *Confesso que vivi*).

CCIX

– **E**stou lendo seu roteiro e tive vontade de dialogar. Pontos altos e atrativos do texto: você foi muito feliz. Todos os depoimentos estão superinteressantes. Despertam a curiosidade (acho que de fofoca sobre a vida alheia, não sei). Nesse ponto, as leituras fluem gostoso mesmo. Outro ponto tocante são os momentos em que o professor deixa transparecer seu lirismo, sua veia poética. E também quando ele, como professor, discursa sobre a profissão ou traz parte da sua aula para os textos.

– E os pontos baixos?

– São os momentos em que a narrativa perde o caráter de literatura, ficção para se tornar uma mensagem de autoajuda. Enquanto leitora (já que não sou crítica literária), nesses momentos a leitura não flui. Cai bastante. E não é por que eu não tenha fé ou algo similar. Eu amo. Acho lindo o poema que lhe envio em anexo – não sei se já te mandei. Costumo lê-lo para os meus alunos. E sempre aviso: não é apologia à religião. Nem nada. Muito menos apologia a esta ou àquela religião. É um poema no qual o desespero e a fé do eu poético pode nos contagiar e até causar inveja quando a gente vê que sua oração é ouvida. Afinal, quem não gostaria de ter seu desespero interior apaziguado por alguém em quem confie?

– Até pouco tempo, eu receava abordar a espiritualidade em meu trabalho, por sugerir essa impressão que você teve. Mas depois que li Dostoiévski, e o que escreve um crítico sobre uma série de grandes autores que versam sobre o assunto em suas obras de ficção, não hesitei. Afinal, a literatura não é só para ateu nem só para quem professa esta ou aquela religião.

– É claro que não. Haja vista aquele poema que te enviei. Que eu, pessoalmente, acho que é uma das coisas mais simples, porém mais belas que já li. Acho de uma força, e não é porque fala de Jesus, não. Sei lá. Acho lindo.

– Se Deus, a quem a personagem vez ou outra recorre, não é a

saída, a literatura também nem sempre o é: tome Virginia Woolf, Silvia Plath, Hemingway e outros. Mas como você vê, o professor buscou saída em tudo. Na medicina, na literatura, na religião.

– Não entendi sua colocação. Virginia, Hemingway etc. Não são personagens. São pessoas reais (você está se confundindo com suas personagens? Ah, então o filme será autobiográfico? Entendi que não era).

– Bom, decidi, logo que cheguei de Paris, iniciar uma pesquisa sobre transtornos neurológicos, você sabe. Não pretendia falar sobre mim. Mas quem escreve igualmente se inscreve. Em seguida, me deparei com o *Diário de um professor*, daí os depoimentos aos quais você se referiu. O livro que ora escrevo e sobre o qual você tece seus comentários é um ponto de partida para o roteiro que, por sua vez, dará origem a um filme. Já disse isso, se não me engano. Creio que também já tenha dito que a literatura pós-moderna tem a função de orientar e de desorientar o leitor.

– Ora, para nós, seres humanos, buscar refúgio vai depender. Um dia, conversando com um primo que tinha acabado de fazer 18 anos (mas já tinha dito isso para alguns alunos durante conversas informais), que o ser humano, principalmente jovens, precisa acreditar em algo. Precisa, porque a “vida”, às vezes, pesava de um jeito tão grande que, se a pessoa não acredita, ela pode não aguentar esse peso. Essa alguma coisa é o refúgio. Só não disse para meu primo, nem para os alunos, que nenhum refúgio é seguro o suficiente para nos manter protegidos o bastante de nós mesmos; da vida. A literatura – para quem lê – pode até ser. Porém, para quem escreve, meu amigo, acho, como já disse, um perigo. E não por causa da literatura em si. E sim por algo que as pessoas que escrevem têm. Mas não somente as pessoas que escrevem. Existem pessoas, na minha opinião, que veem além do que deveriam ver. E, por verem demais, sofrem demais, sentem demais com o que veem, e não dão conta de tantas coisas que tantas visões suscitam; e esse tanto pesa demais. Quem escreve passa um pouco do que vê para os textos. Mas nem tudo cabe no papel. E o que fazer com o que sobra dentro da cabeça, do peito? O espaço é curto. No caso de Virginia Woolf, do Mário de Sá Carneiro, Hemingway, Florbela Spanca etc. etc., o que não coube no papel, explodiu dentro do peito. Enfim, a personagem é criação do autor. Ela busca refúgio ou solu-

ção onde o autor quiser. Se é isto que quer, não vejo problema.

– Mas não sou tão presunçoso assim. Vou ponderar sobre suas observações.

– Claro que você não é presunçoso, e nem eu sou crítica literária nem de cinema. Portanto, pondere antes de ponderar. Se me permite, gostaria de opinar em relação a outras passagens.

– Fique à vontade.

– Quanto àquele momento em que o professor-personagem fala sobre homossexualismo...

– Na verdade, ele não usa o termo *homossexualismo*, pois este, por si só, já está impregnado de preconceito, de conotação patológica. Ele usa o termo *homossexualidade*, que significa admitir a existência dessa orientação sexual, e não a sua negação...

– ... e que, enquanto cristão, acha que deve se manifestar. Você sabe que o povo entende o que quer entender em certos casos. E nela, manifestação, não fica clara a posição do professor sobre o tema. Além disso, ele diz que o professor deve deixar claro sempre sua posição diante de certos assuntos. Acho arriscada essa colocação, pois se um professor é racista, por exemplo, então ele deve deixar claro isso para o aluno? (Alunos que, às vezes, se espelham no professor). Se o professor é homofóbico, ele deve sempre que possível explicitar isso a seus alunos? Que o que lhes falta é Deus no coração? Que na opinião dele, esse tipo de gente é uma aberração? Eu sou da opinião de que se o professor não conhece o assunto, sob todos os ângulos e aspectos, se é para disseminar mais raiva, mais discriminação e preconceito, mesmo sendo professor – na verdade, principalmente sendo professor –, é melhor ficar calado. É muito melhor falar que nada tem a dizer sobre o assunto. Então, isso de que o professor deve sempre expor de que lado está, é delicado. Não quero com isso dizer que certos são os professores que não têm preconceito, não são racistas etc. Quero dizer com isso que já existe muito ódio e intolerância no mundo para que o professor tenha que, durante sua aula, ocupar-se em disseminar mais tristezas (pois pode ser que ele tenha alunos que sejam homossexuais, negros, por exemplo).

– Há um artigo do professor em que ele fala sobre a homossexua-

lidade e afirma que antes de qualquer coisa, isto é, de sermos homens ou mulheres, homo ou hétero, somos seres humanos, e nada que é humano nos pode ser estranho. E até quando falamos que respeitamos a outra pessoa por sua escolha ou orientação, já estamos sendo preconceituosos. Na verdade, a outra pessoa não depende de nossa aceitação. Nem nós da dela.

– Não quis me referir a você. Porque se eu suspeitasse, mesmo que de longe, que você fosse um rapaz assim cheio dos preconceitos homofóbicos e racistas e tal, sinto, mas não faria questão de ser sua amiga de jeito nenhum. Que não quero amizade com pessoas assim, não. Falei no sentido do leitor, que não saberemos quem é, e que tende a entender as coisas, muitas vezes, do jeito que melhor lhe convier. E quanto a professor, infelizmente, existem professores racistas, preconceituosos; pois eu mesma já presenciei isso, infelizmente. Pena que foi num momento em que não tinha leitura o suficiente para dialogar com pessoas assim. Entenda, como disse, não sou crítica literária. Os comentários são de uma leitora; e leitor é um bicho estranho e chato.

– Eu compreendo...

– Ainda falando desse tema, outro dia, depois de uma apresentação de dois excelentes alunos que tenho, um disse: “Professora, sinceramente, ao longo da leitura, dos estudos sobre *O mercador de Veneza*, confesso que eu (e ele, nesse ponto, bateu a mão no peito), mesmo sendo cristão, senti dó do judeu”. Eu: “Olha a literatura aí ‘transformando’ você. Isso é um sinal da boa literatura. Só que a gente tem de analisar, pensar sobre o que a literatura faz com a gente. Pois percebe o que você disse? Você bateu a mão no peito (aí imitei-o) e falou grosso “mesmo como cristão, senti dó”, como se ser cristão fosse a melhor coisa do mundo. Quem você está pensando que é para se dignar a ter dó do judeu? Alguém melhor do que ele? Por que se julga melhor? Quem você pensa que são os judeus para achar que eles não são dignos do seu amor e seu dó?” E aí falei que ele estava se julgando superior por ser cristão. E estava “comprando” pensamentos, preconceitos sociais contra os judeus. Que ele deveria ler sobre eles antes de “assimilar” ideias preconcebidas e tal. Que uma das “funções” da literatura é exatamente essa: fazer-nos ver os outros lados e pensar e buscar mais informações sobre eles.

– Em seu artigo, intitulado “Sexo: entre o signo e o monstro”, que o professor escreveu sobre a obra *Sexo*, de André Sant’ Anna, ele se vale, sobretudo, do livro *A invenção da heterossexualidade*, de Jonathan Ned Katz, no qual o autor faz uma historização crítica, levando-nos a rever nossos valores e preconceitos. Para tal estudo, Katz vale-se, entre outros autores, de James Baldwin, o qual, aos 25 anos de idade, “iniciava uma pesquisa sobre rótulos sexuais consagrados de sua sociedade”. Baldwin afirma que rotular as pessoas como homossexuais é negar “a complexidade humana – não só a dos homossexuais como a de todos”. Simplificar para facilitar o controle e manter o poder – escreve o professor – é uma prática que vem tentando se perpetuar ao longo da história política, social e cultural da humanidade. E a literatura, como as outras artes, está inserida nesse contexto, o qual lhe serve como objeto.

– Muito interessante essa abordagem. Gostaria, contudo, de retomar minhas considerações acerca da sua narrativa. Em alguns momentos, quando o poeta surge, ele traz um texto de um lirismo profundo, muito profundo e belo. Infelizmente, ele é sufocado. E o que prevalece é um homem temente a Deus, que não acredita na sua caneta; um homem que, aliás, diga-se de passagem, tem muito medo da caneta. E foge correndo para a tranquilidade opaca, cinza, da espiritualidade. E foge porque seu medo é justificável. Eu o entendo. Ele sabe, e eu também sei que as palavras poderão ainda nos matar. Entenda, não é uma crítica. Aquele homem temente a Deus poderá agradar àqueles que apreciam livros de autoajuda. Mas fique consciente: jamais agradará àqueles que buscam na literatura o sangue com o qual o poeta se mata a cada linha para deixar grafado para a eternidade a beleza da vida (e os seus horrores). Aos amantes da arte, só este sangue interessa; só este sangue é arte. Mas é um processo turbulento, dolorido. Escrever, amigo, sempre será um salto para a morte. E ao longo do processo, você irá se afogar e morrer vezes incontáveis. Daí a necessidade urgente de concluir o processo. A conclusão é a sua ressurreição. A purificação – sem nada de espiritual.

– Como você disse: escrever é um salto para a morte; logo, para o desconhecido. E quando escrevemos, nem sempre procuramos agradar a este ou àquele público. Escrevemos porque também sentimos necessi-

dade de fazê-lo. Senão seria escrever por encomenda, em detrimento da arte. Agora, em relação ao ofício de professor, ou a qualquer outro: penso ser aquilo que comentamos, a saber, cada qual fazer seu trabalho com justiça, responsabilidade, honestidade e integridade. As mudanças poderão acontecer ou não. Mas tentamos fazer a nossa parte.

CCX

10 de dezembro de 1998.

O extravasar apareceu como forma quase inconsciente, involuntária, de manifestação alegórica, em que, do pranto fez-se o riso, num ritmo quase alucinado, encadeando coros, vozes saltitantes, acompanhadas de textos de improvisos geniais, com tal autenticidade variada, ondulada, como num querer mais que sem querer repentino, em harmonia e sintonia, carregadas de espontaneidade, riso e alegria contagiantes; e é muito bom que esses estados de espírito não sejam contidos para não mais esquecer que tão somente uma fagulha simbólica pode desencadear uma melodia que atravessa todos os meandros de uma orquestra; e viaja conosco como alguém que voa para a glória, mas que não imagina chegar, literalmente, ao céu, talvez, antes da hora.

CCXI

Moramos por mais de 20 anos no mesmo bairro, em três casas diferentes, e na mesma rua, a qual terminava numa chácara, cujos donos eram vários irmãos que, por sinal, também eram bem amigos de nossa família.

À noite, ninguém tomava conta da propriedade, e não havia problema. Os vândalos costumavam invadir a chácara de manhã, antes de os irmãos chegarem para trabalhar. Havia ali uma grande plantação de pinos, uma piscina e mudas de erva-mate, que eles cultivavam. E meu irmão se candidatou para tomar conta daquela “reserva natural”.

– Que horas você costuma levantar, garoto? – perguntou um dos donos.

– Às 6 horas – respondeu depressa, meu irmão.

– Está bem. Então você pode começar amanhã – declarou o seu futuro chefe.

Meu irmão não levantava cedo, coisa nenhuma. Toda manhã, era um sacrifício para tirá-lo da cama. Nos primeiros dias, até que foi. Mas, logo que ganhou a confiança dos patrões, começou a chegar junto com eles ao local de trabalho. Como nossa casa ficava perto da chácara, dizia que havia ido tomar café. Eles, como gostavam muito dele e de nossos pais, faziam “vista grossa”. Felizmente, à medida que amadurecia, foi deixando o mau hábito.

CCXII

“**Q**uem suportara os golpes do destino, / Os erros do opressor, o escárnio alheio, / A ingratidão no amor, a lei tardia, / O orgulho dos que mandam, o desprezo / Que a paciência atura dos indignos, / Quando podia procurar repouso / Na ponta de um punhal? Quem carregara / Suando o fardo da pesada vida / Se o medo do que vem depois da morte – /

O país ignorado de onde nunca / Ninguém voltou – não nos fizesse arcar
co'ò mal que temos / Em vez de voar para esse, que ignoramos? / Assim
nossa consciência se acovarda, / E o instinto que inspira as decisões /
Desmaia no indeciso pensamento, / E as empresas supremas e oportunas
/ Desviam-se do fio da corrente / E não são mais ação” (Shakespeare –
Hamlet).

CCXIII

Há muito tempo trabalho em um roteiro, no qual coloco toda minha
experiência estética e de vivência e, embora seja ficção, tem muito de re-
alidade ou do que poderia ocorrer nesta nossa vida igualmente repleta de
inusitado, como encontrar alguém que há muito não vemos, desenhar-se,
assim, aos nossos olhos, ainda que virtualmente, feito um poema com-
pulsivo, que se estende pelos chãos do mundo num vaivém frenético do
céu ao abismo, de maneira simples, porém profunda qual uma saudade
que se inunda da presença da ausência de quem nos é ou passou a ser
deveras especial nesta vida, às vezes, tão fugaz, mas ao mesmo tempo tão
maravilhosa e bendita.

CCXIV

20 de janeiro de 2008.

Você é a minha aurora boreal, um tipo de musa especial que eu
inventei, ou que Deus imaginou e deu forma de beleza. Em seguida,
adicionou fartas pitadas de carisma, bom gosto, inteligência e outros
ingredientes indispensáveis que a tornaram imprescindível.

CCXV

Mil desculpas, querido, pela demora em responder. Mas passava rapidamente pela internet, e queria fazê-lo com calma. É claro que quero ler seu texto; por favor, me mande. Apesar de ser no PC ou no celular, será maravilhoso receber uma obra diretamente do escritor. Que honra! Jura que colocou no roteiro o texto que me mandou? Nossa! Não acredito! Me deixou sem palavras novamente. Agora ainda mais. Não vejo a hora de saboreá-lo em uma linda tarde de domingo sentada à beira-mar. Sinto que será o cenário perfeito para apreciar cada linha do seu talento.

Desejo sorte para que possa ser transformado em filme o mais breve possível; imagino a sua angústia; mas lembre-se das palavras de Oscar Wilde: “No momento em que um artista descobre o que as pessoas querem e procura atender a demanda, ele deixa de ser um artista e torna-se um artesão maçante ou divertido, um negociante honesto ou desonesto. Perde o direito de ser considerado artista”.

Não estou afirmando que você segue esse raciocínio; o que quero dizer é que o simples fato de expor sua arte: seja por via escrita, oral, digital, cinematográfica, e algumas pessoas tomarem conhecimento do seu trabalho, a essência do artista foi alcançada.

CCXVI

“**D**igo igualmente que, quando algum pintor quer ser famoso por sua arte, procura imitar os originais dos mais excepcionais pintores que conhece, e esta mesma regra vale para todos os demais ofícios ou cargos de responsabilidade que serve de adorno das repúblicas, e assim deve fazer e faz aquele que quer alcançar nome de prudente e sofrido, imitando Ulisses, em cuja pessoa e trabalhos nos pinta Homero um retrato vivo de prudência e de sofrimento, assim como nos mostrou Virgílio na pessoa

de Eneias o valor de um filho piedoso e a sagacidade de um valente e sábio capitão, não pintando nem mostrando como eles foram, mas como deviam ser para deixar exemplo para os vindouros homens de suas virtudes” (Cervantes – *D. Quixote*).

CCXVII

– **A**s coisas, acho, são como devem ser – disse-lhe. – Mas sinto tanto por nunca termos conversado pessoalmente! Há muitos anos!

– Exatamente, as coisas são como devem ser – replicou ela –, e acontecem quando devem acontecer. Não devemos lamentar por não termos conversado antes, talvez não houvesse essa reciprocidade de carinho e afeição como agora. Tudo tem seu tempo!

– Andou lendo Saramago?

– Por quê?

– “Os momentos não chegam nunca tarde nem cedo, chegam à hora deles, não à nossa, não temos de agradecer-lhes as coincidências, quando ocorram, entre o que tinham para propor e o que nós necessitávamos”.

– Bonito isso!

– Eu não sabia que necessitava de ti; mas agora eu sei e gosto disso – disse-lhe.

– “Eu não necessito de ti nem tu necessitas de mim. No amor somos delicadamente desnecessários um para o outro” (Roberto Freire).

– Trata-se, nesse sentido, de um amor maduro que já transcendeu os estágios da paixão.

– Sim – concordou ela. – E esta, segundo John Gottman, “é uma revolução para unir as pessoas, que pode dar certo ou não, como todas as revoluções. Depois de terminada, vira amor se o casal tiver uma relação de amizade e, principalmente, se estiver disposto a ceder”. Em outro

momento, o autor diz que “Ninguém se apaixonou por alguém de carne e osso. Apaixona-se por uma ilusão, uma figura projetada, muitas vezes até um reflexo do que o próprio apaixonado gostaria de ser. Quando esta ilusão se desfaz e o outro aparece exatamente como é, com seus defeitos, suas manias, o choque é muito grande”.

– Por outro lado, para Van Gogh, “A diferença de uma pessoa antes e depois de apaixonar-se é a mesma que entre uma lâmpada acesa e outra apagada. A lâmpada estava ali e era boa. Mas agora, além de tudo, irradia luz que é sua verdadeira função”.

– Talvez seja essa a revolução de que fala Gottman – concluiu minha jovem amiga.

– Aqui estamos nós a teorizar sobre o amor e a paixão.

– Nesse campo, somos todos aprendizes. Não existe certificado de conclusão. Quando pensamos que sabemos alguma coisa, somos surpreendidos. E lá se vão as teorias.

– Então, deixe-me reproduzir aqui o que pensa poeticamente minha personagem do *Diário*, a saber: “Paixão é quando nos deparamos com ‘aquela pessoa’ que nos deixa desconcertado: as pupilas se dilatam, o coração arrebatava-se, as pernas tremem; a sensação é a de que estamos nus, os cabelos despenteados e creme de chantili espalhado pelo rosto, e daríamos tudo por um espelho, só para ver o quanto ficamos ridiculamente belos quando estamos apaixonados”.

– Muito bonito – disse minha amiga. – E encontra ressonância nas palavras de Van Gogh – complementou.

CCXVIII

12 de fevereiro de (?).

Estou, emocionalmente, como um barco à deriva que tenta respirar entre um sopro de tempestade e outro. É o coração inflando-se e comprimindo-se muito descompassadamente. E, às vezes, de surpresa e em guinadas apavorantes. Parece não ser angústia, mas uma tristeza profunda. Que não se trata de negação, e sim do reconhecimento de algo que não faz sentido, por parecer tão elementar. (Elementar o motivo, não a pessoa.) Mas talvez por fazer parte de uma cadeia que (re)culmina em cada caso natimorto. E, ao mesmo tempo, cada caso parece único, ainda que tenha motivações semelhantes, e o desenvolvimento seja a inspiração; a outra pessoa é o objeto da inspiração e do desejo; este, às vezes, proibido, todavia se faz parecer disponível e possível. Mas é do auge que a fantasia desaba e não há rede de proteção na própria constituição daquele incidente emocional de mão única. Se existisse a contrapartida, quem sabe houvesse interesse em salvar o outro que não conseguiu se equilibrar na frágil embarcação. Não que a pessoa desejada tenha “abandonado o barco”, porém não conseguiu se sensibilizar; não lhe pareceu dizer respeito. É cruel, mas “plausível”. “Não te mandei criar expectativa a meu respeito. Aquilo que te sugeri, não pensei que chegasse a tanto!”. Salvar-se, nessa situação, significa nadar ou aprender a nadar, caso o barco perca de vez a estabilidade e não haja tempo para resgate.

CCXIX

Que livro é esse? Romance, conto, histórico, poesia, devaneio?

Talvez uma miscelânea disso tudo, misturados sentimentos, anseios, sonhos. Como ingredientes de uma receita que parece querer a cada instante aflorar.

Não consigo ver o narrador assumindo posição no conto, e, ao mesmo tempo, o vejo atrás do muro, em cima de uma árvore, deitado entre nuvens, criando situações para buscar respostas para seus anseios e sonhos mais íntimos.

Vejo um narrador generoso e piedoso, preocupado com os seus, como se fosse de fato responsável pelo bem-estar dos outros; mesmo vivendo dificuldades e dúvidas particulares, esquece o eu e busca sanar o tormento alheio.

Um misto dos seus sonhos e dos sonhos alheios. Um “toma lá, dá cá” de situações inversas que fazem pensar, questionar o propósito do narrador, ou narradora, ou, quem sabe, narrador e narradora? Um texto escrito talvez a 4 mãos, a 20 dedos, ou uma personagem única que se separa em instantes, se mistura, se confunde propositalmente para não deixar pistas, mas que deixa sutis sugestões no ar.

O tempo passou, deixou suas marcas físicas, mas não apagou a inocência da busca, da espera, do sentimento que continua guardado a sete chaves, imutável, protegido conscientemente, e eterno, porque assim se quis.

Faz sonhar, faz viajar, faz questionar, e, acima de tudo, deixa no ar pistas, do sentimento puro, que não se dissipou; ficou guardado no tempo, na mente e no coração.

São as ferramentas dos mestres da poesia, cujo combustível não é senão um grande sentimento segredado apenas a si mesmo.

Aos poetas é permitida a licença poética, mas eles a dispensam, não precisam de frases para rimar, rimam com a verdade, mesmo que esta venha quase sempre subentendida, maquiada, fantasiada, porque sabem que atrás das máscaras e fantasias existe uma verdade preservada, e nutrida, pelo poeta que assim a quis, assim a determinou.

A mente humana é uma agência de viagens gratuitas que nos permite ir muito além do espaço físico; em pensamento podemos tudo, ser o que quisermos, viver o que quisermos; a imaginação ultrapassa o físico e nos permite sermos um pouco deuses, porque podemos estar em qualquer lugar que nossa mente sugerir.

CCXX

– “Chega de falar de escuridão / Esqueça todos esses temores / Eu estou aqui / Nada pode machucá-la / As minhas palavras acalantarão / e acalmarão você / Deixe que eu seja a sua liberdade / Deixe a luz do dia secar / as suas lágrimas / Eu estou aqui, com você, ao seu lado / Para protegê-la e guiá-la /

– Diga que me ama / Em todos os momentos / em que estiver desperto / Encha os meus pensamentos / com histórias de verão / Diga que precisa de mim ao seu lado / agora e sempre / Prometa-me / Que tudo o que diz é verdade / É só o que peço a você /

[...]

Divida cada dia comigo / Cada noite, cada manhã / (Duetto)

– Diga que me ama /

– Você sabe que eu te amo /

Me ame / É só o que eu peço a você / (Duetto)

[...]

– Eu lhe dei a minha música / Dei asas à sua canção / E agora, como é que me retribui? / Me rejeitou e me traiu / Ele estava fadado a amá-la / Assim que a ouvisse cantar / [...] Amaldiçoará o dia / em que não fez / A única coisa que o Fantasma / pediu a você” (*Andrew Lloyd Webber e Charles Hart*).

CCXXI

Deus tem mania de deixar a gente curioso. É como se fôssemos mergulhados no rosto do infinito e nos deparássemos com singularidades inimagináveis. E, ao mesmo tempo, tão simples como caminhar a esmo; mas tal passeio fosse como a viagem mais planejada de todas. Ah, quanta mania do criador, segredada nos gestos, sorrisos, olhares, temperamentos, personalidades, em tantas manifestações únicas e intransferíveis. Ah, quanta riqueza de criatividade. Ah, essa diversidade humana sempre me encantou; ou desde quando nem sonhava pensar ou poetizar a respeito. Parece que não tem para onde os meus olhos se voltem que eu não seja instado a fotografar com palavras as imagens em cores ou invisíveis; até ganharem o papel ou a tela e receberem tantos significados e sentidos quantos forem os olhos atraídos por elas. Olhos movidos, talvez, por aquela curiosidade que um dia nos foi plantada, a fim de que, entre outras coisas, expandíssemos cada vez mais a nossa imaginação e nos debatêssemos com nossa incompletude refletida no rosto de cada pessoa que olha pra nós ou em qualquer direção e que, sem perceber, quiçá, aponta para o infinito.

CCXXII

1º de agosto de (?).

Você é a voz dos segredos revelados e contidos; o ouvido atento e o coração aberto. Escutar é uma arte. Você a faz como um artista compõe a sua obra. E, até quando lê, o faz escutando a

própria voz, mas também a outra, entranhada em cada palavra. As palavras nos constituem e nos revelam, mas não são muitas as pessoas capacitadas para ouvir as confidências da alma.

CCXXIII

Perdoe-me pela grande demora. Foram muitos acontecimentos que me impediram de ler e dar um retorno para você. Não sou crítica literária, passo longe disso. Mas quero lhe dizer que fiquei muito impressionada com seu texto. Espero que você tenha muito êxito ao transformá-lo em filme. Acredito que ele será ainda mais apreciado pelos profissionais da educação, pois há passagens que realmente convidam a refletir sobre o ofício de professor, sua identidade e seu compromisso social de educador.

CCXXIV

“Devemos restaurar a autoridade que nossos avós conheceram na escola? Penso que devemos deixar o passado para trás e que as coisas que funcionaram bem antes talvez sejam menos eficazes agora e no futuro. Penso que cabe ao adulto se afirmar e impor suas regras segundo seus valores, e não em nome de uma moda que voltaria com força e consistiria em ser mais severo com os alunos. Ainda que a falta de assiduidade, de respeito e de muitos outros fatores que são a causa desse questionamento estejam frequentemente presentes nos estabelecimentos, restaurar essa autoridade nos moldes dos costumes antigos seria uma boa solução? Acho que não. [...]” (François Bégaudeau, em seu livro – *Entre os muros da escola*).

CCXXV

– **A**s pessoas pensam que nos conhecem – respondi-lhe.

– Eu não conheço você – disse ela.

– Não me conhece, mas já foi bem mais longe do que muitos: chegou ao meu coração. E isso não é pouco. Cada vez que nos encontramos, fico até constrangido pela dimensão da minha felicidade!

– Você é um fofo.

– Eu sei!

– [Risos]

– Mas sei também o quanto as pessoas gostam de rotular as outras.

– Verdade.

– Minha personagem conta, em seu diário, que uma amiga lhe disse que ele era um apaixonado pelo amor e, vez por outra, personificava esse sentimento em uma mulher. E então se entregava. Uma outra lhe falou que, certa vez, ouviu um burburinho em que sugeriam que ele era gay. Noutra ocasião, um amigo veio alertá-lo, porque tinha ouvido falar que ele estava tendo um caso com uma colega. Mas não sabia lhe dizer quem era essa pessoa. “Nem eu”, diz minha personagem. E até brinca: “Já estou entrando em crise de identidade”.

– As pessoas parecem não saber lidar com o diferente. Sentem-se mais seguras, talvez, se colocarem o outro numa redoma ou rotularem-no – opinou minha amiga. – Só que o ser humano se sente desconfortável em camisa de força.

– Suas considerações vêm ao encontro do que escreveu Baldwin em seu “*Preservation of innocence*”, citado por Katz em *A invenção da heterossexualidade*, e retomado pelo “meu” professor, em seu artigo já referido: “Sexo: entre o signo e o monstro”...

– O que ele diz?

– Que “É praticamente impossível escrever um ótimo romance sobre um judeu, um gentio, ou um homossexual, porque infelizmente as

peçoas se recusam a funcionar de um modo tão regular e unidimensional. Se o romancista considerar que eles não são mais complexos do que os seus rótulos, deve necessariamente produzir um catálogo, no qual encontraremos, devidamente relacionados, todos aqueles atributos com os quais o rótulo está associado [...]. Um romance sempre exige a presença e paixão de seres humanos, que não podem jamais ser rotulados. Quando o romancista cria um ser humano, destrói o rótulo, e transcendendo o tema pode, pela primeira vez, nos dizer algo sobre ele... Sem essa paixão podemos todos morrer asfixiados, trancados nessas prisões sem ar dos rótulos, que nos isolam uns dos outros e nos separam de nós mesmos”.

– Quanta profundidade!

– Pois é. E Baldwin tinha apenas 25 anos de idade quando escreveu isso.

– Sabedoria não é necessariamente reflexo da idade ou do tempo. E velhice nem sempre é sinônimo de maturidade.

Estou chegando ao final da pesquisa para meu roteiro. Pretendo enviar todo o material àquela professora de quem recebi a primeira informação sobre o meu herói. Já se passaram alguns anos. Nem sei se ela ainda mora no mesmo endereço.

CCXXVI

16 de março de (?).

Acabei de ler o livro *Fragmentos de um discurso amoroso*, de Roland Barthes, em virtude de um disparate emocional que vivenciei. Pensei que encontraria algum consolo para meu coração apaixonado. Mas tudo o que consegui foi me certificar de minha solidão, isto é, o sujeito apaixonado é SÓ. Este é o nome de uma figura, conforme denomina Barthes, as palavras com as quais

inicia o argumento de cada capítulo-fragmento de sua obra.

Ele ilustra essa figura com a morte de Werther, personagem-título do romance de Goethe. Aliás, essa personagem atravessa toda a reflexão do autor francês. Como se sabe, Werther cometeu suicídio. E quando seu corpo “é levado de noite para um canto do cemitério, perto de duas tílias (a árvore do perfume simples, da lembrança e do adormecimento), ‘nem um padre o acompanhava’ (é a última frase do romance). A religião não condena apenas o Werther suicida, mas também, talvez, o enamorado, o utópico, o desclassificado, aquele que não está ‘ligado’ a mais ninguém a não ser ele mesmo”.

Nesse capítulo, Barthes se vale ainda d’*O Banquete*, de Platão. A passagem em que Erixímaco comenta com ironia que já havia lido em alguma parte um elogio sobre o sal, mas nunca sobre Eros. Assim é que, por ser censurado como assunto de conversa, Eros se torna tema de mesa-redonda da pequena sociedade em *O Banquete*. Seria como nos dias de hoje, intelectuais, contrariando a moda, discutir o Amor, em vez de Política.

A excentricidade da conversa no livro do autor grego consiste no fato de ela ser sistemática. Não se trata de uma espécie de terapia de grupo. Mas de uma doutrina – Eros é para cada um dos convivas um sistema. Hoje em dia, entretanto, observa Barthes, “não há nenhum sistema de amor [...]”. Por mais que o enamorado “se volte para uma ou outra linguagem recebidas, nenhuma lhe responde a não ser para desviá-lo daquilo que ele ama”. E argumenta, discorrendo sobre os discursos vigentes ou não. Fala que o discurso cristão, se ainda existe, exorta o sujeito apaixonado ou que está sofrendo por amor a reprimir ou sublimar o sentimento. “O discurso psicanalítico (que, pelo menos, descreve seu estado) o faz elaborar o luto do seu Imaginário. Quanto ao discurso marxista, não diz nada. Se eu tiver vontade de bater a essas portas para fazer reconhecer *em algum lugar* (onde quer que seja) minha ‘loucura’ (minha ‘verdade’), essas portas se fecham uma atrás da outra; e quando estão todas fe-

chadas, isso ergue ao meu redor um muro de linguagem que me enterra, me reprime – a menos que eu chegue à *resipiscência* e que aceite ‘*me livrar de X...*’.”

Ao reclamar um sistema que dê conta do discurso amoroso e, concomitantemente, acolha o sujeito apaixonado ou que sofre por amor, Roland Barthes revela a ausência de sentimentos dos demais discursos e sistemas.

CCXXVII

Ele dizia que era o poeta da humanidade. E esta era sua fonte de inspiração: era tudo; era nada; era apenas imaginação. Era quem nos encontrava em cada palavra e nos guardava em seu coração. Pensava que era assim. Pensava que era ele pensando. Dizia que nos encontrava em cada pensamento e que nós éramos a supremacia em todos os momentos.

CCXXVIII

“**A** minha alma já não é suscetível aos seus impulsos violentos anteriores. Nela tudo é tão sossegado como no coração de um homem que esconde um segredo fundo. Eu estou a aprender bastante acerca de ‘o que é o homem e o que é a vida’; eu posso estudar caracteres humanos a partir de escritores com quem eu passei a maior parte da minha vida, livremente e com alegria. Isto é tudo o que eu posso dizer sobre mim próprio. Tenho confiança em mim próprio. O homem é um mistério. Deve ser desvendado, e se tal levar uma vida inteira, não digas que é um desperdício de tempo. Eu estou preocupado com este mistério, porque eu quero ser um ser humano” (*Dostoiénski*).

CCXXIX

Cara Professora

Levei alguns anos pesquisando sobre o “professor X”, como escreveu a senhora, na carta que me enviou há muito tempo. Mas ainda não ousou defini-lo nem me arrisco a fazer uma síntese de suas características.

Creio que a senhora, como bem assinalou em sua carta, poderá confirmar, entre outras coisas, que a história de vida de um sujeito nunca se completa e é plena de contradições.

Envio-lhe este e-mail a fim de me certificar de seu endereço para poder lhe encaminhar toda a informação que levantei sobre o seu ex-colega. Incluindo o roteiro do filme *Memórias de Orfeu*, cujas filmagens foram encerradas há uma semana.

Estamos orgulhosos do nosso trabalho. O lançamento oficial está previsto para o fim do ano, quando também ficam prontas as novas instalações do Cine São Carlos.

Gostaria imensamente de vê-la na primeira fila. Quero muito conhecê-la e agradecer-lhe pessoalmente pela sua importante contribuição.

Atenciosamente

O cineasta



João Maria da Silva nasceu em Prudentópolis (PR), em junho de 1966. É mestre em Letras pela UFPR e autor de vários livros. Lecionou na UNICENTRO, nos períodos de 2006 a 2008 e 2016 a 2018, nas áreas de literatura e de produção escrita. Ministrou, em 2014, no *campus* da UFPA, na Ilha do Marajó, duas disciplinas pertinentes à literatura portuguesa. Atualmente trabalha como revisor e se dedica aos projetos 25 anos de literatura e poesia e à trilogia *A vida, mas nem tanto!*.

Memórias de Orfeu é um romance que produz encantamento e impressiona pela arte, poesia e histórias contadas. São abordadas diferentes temáticas de forma delicada, por vezes divertida, e muito cuidadosa, tais como: amor, sonhos, humor, felicidade, amizade, simplicidade, infância, Educação, interação professor(a)-aluno(a) e doença mental. Reflexões repletas de simbolismo e significado sobre o contexto e as relações humanas. Uma leitura agradável, contagiante, que evoca vários afetos e análises, ao tratar de forma tão sensível as diferentes possibilidades de vida, em seus encontros, em seus diferentes caminhos. O talento e a conexão com o humano do autor João Maria da Silva ficam evidenciados nesta obra.

Boa leitura!

Profª Drª Ana Priscila Batista

Departamento de Psicologia – DEPSI

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Irati-PR

Envio-lhe este e-mail a fim de me certificar de seu endereço e de lhe encaminhar toda a informação que levantei sobre o seu trabalho. Incluindo o roteiro do filme *Memórias de Orfeu*, cujas filmagens encerradas há uma semana.

Estamos orgulhosos do nosso trabalho. O lançamento oficial está previsto para o fim do ano, quando também ficam prontas as instalações do Cine São Carlos.

Gostaria imensamente de vê-la na primeira edição. O lançamento está previsto para o fim do ano, quando também ficam prontas as instalações do Cine São Carlos.



EduFatecie
EDITORA

+55 (44) 3045 9898
Rodovia BR 376, Km 102, nº 1.000
CEP 87.720-140 - Paranavaí-PR
www.unifatecie.edu.br/editora
edufatecie@fatecie.edu.br



UniFatecie
CENTRO UNIVERSITÁRIO



O cineasta